

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

AMANDA CRISTINA BENEDETTI

“Eu vi os menor pegando em arma, pois ceis foram silenciadores”: tgi-manifesto contra o
epistemicídio e genocídio preto na geografia da usp

“I saw the kids take guns because you went a silencer”: tgi-manifest against black epistemicide
and genocide on the geography of usp

São Paulo
2019

AMANDA CRISTINA BENEDETTI

“Eu vi os menor pegando em arma, pois ceis foram silenciadores”: tgi-manifesto contra o epistemicídio e genocídio preto na geografia da usp

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Eduardo D. Girotto

Coorientador: Heráclito S. Barbosa / Taata Luangomina

São Paulo

2019

BENEDETTI, Amanda Cristina. **“Eu vi os menor pegando em arma, pois ceis foram silenciadores”**: tgi-manifesto contra o epistemicídio e genocídio preto na geografia da usp. 2019. 55f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. _____ Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. _____ Instituição: _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B462" Benedetti, Amanda Cristina
"Eu vi os menor pegando em arma, pois ceis foram
silenciadores": tgi-manifesto contra o epistemicídio e
genocídio preto na geografia da usp / Amanda Cristina
Benedetti ; orientador Eduardo Donizete Giroto. -
São Paulo, 2019.
55 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de
Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Epistemologia da Geografia. 2. Relações étnicas
e raciais. 3. Racismo. I. Giroto, Eduardo Donizete,
orient. II. Título.

Dedico este trabalho ao Núcleo de Consciência Negra (NCN) e ao Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras da Geografia (NEPEN).

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos *mukixi* (plural de *nkise*) que me abençoam todos os dias com minha vida e me fortalecem através do meu *mutuê* (cabeça). Que me abençoaram com sanidade e firmeza para escrever esse trabalho. *Bandagira* (licença) Taatetu Nzila e todas/os ancestrais, por abrirem meus caminhos e manterem minha comunicação certa. *Sakidila* (obrigada) Mametu Matamba, Taatetu Kitembu, *mukixi*, caboclos e *vunjis*, pela realização de tantos milagres em minha vida.

Agradeço ao Núcleo de Consciência Negra e ao NEPEN, lugares em que não estive tanto como eu gostaria durante a graduação, mas que sempre foram fortalezas e referências para que eu me lembrasse de que não estava sozinha ao elaborar este trabalho. Que ele seja uma arma-prova de que nós não estávamos e não estamos errados por exigir o mínimo.

Agradeço a toda minha família, meu pai Aldo, meu padrasto Tonho, meu irmão Arthur e, em especial, à mulher mais importante da minha vida, Giselda, minha mãe.

Agradeço aos companheiros e companheiras da nossa Biblioteca Comunitária Prof. Waldir de Souza Lima, cujo processo trouxe pra todo nosso coletivo o gosto da esperança e a possibilidade real de transformação. Só a luta muda a vida.

Agradeço às amigas de Itu, que permaneceram mesmo com a minha ausência, à Nathi e a Geisy, que se transformaram nas irmãs que eu nunca tive. Agradeço à Thamires (Tatá), pela ajuda com as crases e por ser o reencontro mais bonito que a geografia desse mundo já me proporcionou.

Agradeço a todo bonde de amigas e amigos da graduação, em especial à Rafa e Suzi, melhores companheiras de casa que eu poderia ter, e a Aninha, Ana Lígia, Geinne, Gustavo, Kauê, Lari, Lucius, Malu, Monise, Vini, Xande. Quero vocês comigo, pra sempre!

Agradeço a quem me fez permanecer e terminar essa graduação: meu professor e orientador, Eduardo. Obrigada por toda inspiração, e por lutar todos os dias para não ser aquilo que a gente odeia.

Agradeço ao Nzo Caxuté, a minha Mametu Kafurengá, meu Taata Luangomina (coorientador) e ao Taata Sobodé. Que sorte a minha ter vocês como porto seguro.

Mano, cê guenta a pressão?
Cê guenta a perseguição?
Cê guenta o risco real
de diante do conflito,
tomar posição?
(Djonga, Ladrão)

RESUMO

BENEDETTI, Amanda Cristina. “**Eu vi os menor pegando em arma, pois ceis foram silenciadores**”: tgi-manifesto contra o epistemicídio e genocídio preto na geografia da usp. 2019. 55f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Elaboramos o presente trabalho a partir da análise dos programas das disciplinas obrigatórias oferecidas pelo Departamento de Geografia (DGEO) da Universidade de São Paulo durante os anos de 2013 a 2019. Entendendo a localização e racialização de todas as autoras e autores citados como metodologia importante, discutimos a partir dos dados encontrados a reafirmação do genocídio da população preta dado pelo processo de epistemicídio, bem como a importância da geografia/local e da raça dos autores e autoras presentes em nosso currículo. Entendemos que suas localizações e suas raças são elementos fundamentais, suportes/bases para a produção de seus conhecimentos, dada a ausência de neutralidade neste processo. A partir da problematização da predominância de autores e autoras brancos/as e, em sua maioria, franceses/as e estadunidenses, apresentamos, em nossas considerações finais, processos pedagógicos que poderiam ser referência para o DGEO, a fim de romper com uma divisão *internacional* e *racial* do trabalho acadêmico, que se mostram, estruturalmente, reprodutoras da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) e do racismo.

Palavras-chave: Questão Racial; Epistemicídio; Genocídio; Racismo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
2. DAS RAIVAS <i>OU</i> LOCALIZAR E RACIALIZAR QUEM LEMOS	13
2.1 Por quê?.....	13
2.1 Como?.....	15
3. QUANDO A PESQUISADORA QUERIA ESTAR ERRADA <i>OU</i> RESULTADOS...	29
4. O PESO DOS RESULTADOS E OS SENTIDOS DO PRESENTE TRABALHO....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	52
ANEXO A – TODOS OS PROGRAMAS	55

INTRODUÇÃO

*Não vou falar de paz
vendo a vítima morrer
(Facção Central)*

Esse trabalho de graduação individual é fruto de diversas reflexões sobre o processo formativo que o curso de Geografia da Universidade de São Paulo (USP) propicia aos estudantes da graduação. Ele está dividido em Introdução e Fundamentação Teórica, seguido do capítulo “Das Raívas *ou* localizar e racializar quem lemos”, no qual faremos a apresentação dos motivos que nos levaram à necessidade de analisar autores e autoras da forma como o fizemos, além de apresentarmos a metodologia utilizada. No próximo capítulo, “Quando a pesquisadora queria estar errada *ou* resultados”, exibiremos os resultados encontrados, seguido do capítulo “O peso dos resultados e os sentidos do presente trabalho”, no qual analisaremos tais resultados, até chegarmos as nossas Considerações Finais e as Referências.

Desde que entrei na Geografia, pela primeira vez na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar – 2011), pela segunda vez na Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA – 2012) e pela terceira e última vez na Universidade de São Paulo (USP – 2013), sabia que escolhi esse curso porque queria estar junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nas lutas relacionadas ao campo, movimento que conheci com de 15 anos de idade na Biblioteca Comunitária Prof. Waldir de Souza Lima de Itu, São Paulo, projeto popular, comunitário e revolucionário de educação e cultura do interior. Depois de concluir a minha primeira pesquisa de iniciação científica¹ percebi que a questão agrária e a questão urbana, assim como a geografia física e a geografia humana, na geografia da vida real não eram contraditórias ou excludentes, mas uma coisa só: e nenhuma delas parecia suficiente.

A partir da leitura do livro *Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente*, de Carlos Walter Porto-Gonçalves (1990), entendi porque essas geografias segmentadas não eram suficientes, e que discutir a questão ambiental poderia ser uma das formas de “juntar” as geografias mutiladas pela tradição da ciência moderna ocidental e, assim, dar conta de pensar a questão agrária a partir da perspectiva do MST: “*Se o campo não planta, a cidade não janta*”. Além disso, esse livro de cem páginas, tão grande, me fez começar a

¹Sob o título “Acesso desigual a água no município de Itu-SP”, o projeto foi realizado durante o ano de 2015, com orientação da Prof. Dra. Valéria de Marcos e bolsa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH).

pensar no que hoje se torna a ideia que sustenta esse trabalho: *o epistemicídio como base do genocídio do povo preto e indígena e o genocídio do povo preto e indígena como base do epistemicídio*.

Para além do número absurdo de morte dos jovens pretos², da população preta receber menores salários³ e ter menos acesso a saneamento básico⁴, para além dos dados de evasão escolar serem maiores em relação aos jovens pretos⁵ e para além de sermos o maior número nos presídios⁶, sabemos que o racismo produz esses dados e, com eles... Produz uma sociedade que *não se importa*⁷.

Quando observamos o pensamento geográfico brasileiro, as análises mais comuns/consensuais em relação a formação territorial do país, por exemplo, tomam o Sistema de *Plantations* como elemento central na organização deste território, desde sua imposição aos dias de hoje. De acordo com Corrêa,

A *Plantation*, elemento ordenador, apoiado pelo tripé latifúndio, escravidão e monocultura, não deixou apenas uma herança de concentração fundiária e destruição da mata brasileira, mas também o racismo, já que a escravidão moderna foi direcionada exclusivamente a população negra, bem como os estigmas que encontram formas (através de sujeitos) de se reproduzir ao longo do tempo, que interessavam e parecem ainda interessar diretamente a população branca eurodescendente brasileira. (2014, p. 09)

Pois se há um consenso na Geografia acerca da relação entre a concentração fundiária brasileira *atual* e a imposição do latifúndio e da monocultura a partir das *Plantations*, porque é tão fácil ignorar o racismo herdado deste mesmo sistema produtivo? Por que a

²A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, de acordo com dados da ONU de 2017.

³No Brasil, negros (pardos e pretos) recebem metade do salário das pessoas brancas, de acordo com a Oxfam. Informações sobre a pesquisa pode ser vista em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/13/brancos-e-negros-so-terao-renda-igual-no-brasil-em-2089-diz-ong-que-combate-desigualdade.htm>. Acesso em 06 ago.2018.

⁴De acordo com a pesquisa “Síntese de Indicadores Sociais” do IBGE, “Em 2015, 55,3% dos domicílios em que a pessoa de referência era preta ou parda tinham acesso simultâneo aos serviços de abastecimento de água por rede geral, esgotamento por rede coletora ou pluvial e coleta direta ou indireta de lixo. Entre os domicílios em que a pessoa de referência era branca, esse percentual subia para 71,9%” Mais informações em: <https://www.valor.com.br/brasil/4794565/domicilios-chefiados-por-negros-tem-piores-condicoes-de-saneamento>. Acesso em 06 ago.2018.

⁵De acordo com dados da pesquisa do IPEA, “Situação Social Brasileira. Monitoramento das condições de vida 2”. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_situacaosocial_vida2.pdf. Acesso em 06 jul. 2018.

⁶De acordo com o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen). Disponíveis em: <http://www.justica.gov.br/news/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>. Acesso em 06 ago.2018

⁷Sobre isso, há mais de vinte anos Denise Ferreira dos Santos (Universidade da Califórnia) busca na filosofia respostas para a seguinte questão “Por que a morte de corpos negros não causa uma crise ética mundial?”. Uma breve apresentação de sua pesquisa pode ser vista aqui: <https://vimeo.com/172921494>. Acesso em 06 ago.2018

Geografia da Universidade de São Paulo se nega a discutir a questão racial como elemento central – ou, ao menos, relevante – na formação do território brasileiro?

Para nós, a ausência do debate sobre o racismo⁸ dentro da Geografia da USP – observada de 2013 à 2018⁹, pode ser “explicada” de diversas formas, tendo como eixo central o próprio racismo, este que para além de arma ideológica de dominação (MOURA, 1994) pode ser entendido enquanto *tecnologia* (FOUCAULT *apud* MBEMBE, 2018) de *desumanização dos corpos pretos*.

Diferentes autores demonstram tal *desumanização* como elemento fundamental do racismo. Na obra de Frantz Fanon (2010), por exemplo, o autor discute que a libertação dos colonizados – os “condenados da terra” – só pode ser feita a partir da utilização da violência de modo mais extremo. Bell Hooks (2000), em seu texto “Vivendo de Amor” traça um panorama acerca de como os corpos pretos são impedidos de vivenciar o amor desde a escravização e os impactos desse sistema até os dias de hoje no modo como nos relacionamos. Davis (2016) nos trás a desumanização do preto ao discutir como as Leis de Linchamento¹⁰ dos Estados Unidos afetaram especialmente os homens pretos, facilmente “acusáveis” das mais diversas atrocidades.

No Brasil, Nkosi (2014) faz uma discussão extremamente interessante para pensarmos os sujeitos pretos e, em especial, o homem preto, de quem

Tende-se a esperar que [...] seja sempre superdotado de habilidades corporais diversas como dança, futebol, força física e outras atividades relacionadas à virilidade típica dos criados supermasculinos. Dificilmente, quando queremos eleger atributos positivos aos negros ou aos africanos, conseguimos ultrapassar essas prerrogativas racializadas criadas pela sociedade colonial. (NKOSI, 2014, p. 81)

Assim, o preto é visto como o corpo/emoção numa sociedade que divide mente/razão e corpo/emoção com cargas de valor diferentes. “A divisão ocidental do trabalho gera uma

⁸ Não há debate sobre racismo, mas a raça enquanto estrutura ou forma de categorização dos sujeitos (QUIJANO, 2011) está sempre presente, afinal, vivemos numa sociedade que se organiza a partir de tal estrutura, ainda que não se racialize o branco, por exemplo, quando se fala somente sobre teorias e conhecimentos que vem de sujeitos brancos, a raça está extremamente presente. Sobre isso, recomendamos a leitura de Apple (2001)

⁹ Com exceção da disciplina de Regional África do Sul ministrada no ano de 2018 pelo Prof. Dr. Eduardo D. Giroto e da disciplina de Geografia Urbana I ministrada pela Prof. Dra. Simone Scifone. Uma das maneiras de observar a ausência sobre o debate, para além da graduação, pode ser vista nas dissertações ou teses do banco de dados da Geografia-USP, no qual os trabalhos que discutem o racismo de modo central são pouquíssimos. É até mesmo possível encontrarmos trabalhos sobre quilombos ou comunidades indígenas nos quais não se fala sobre racismo.

¹⁰ As Leis de Lynch nos Estados Unidos permitiam que grupos executassem pessoas (pretas) que eram acusadas de cometerem crimes. Dos “grupos de vigilância” surge a Ku Klux Klan.

esquizofrênica cisão entre mente (razão) e corpo (emoção), levando a uma sobrevalorização do primeiro em detrimento do segundo” (NKOSI, 2014, p. 79). Nesta divisão, portanto, o preto, desumanizado, é incapaz de produzir conhecimento.

Num país (e num mundo) fundado a partir do racismo, quem veria minha mãe, uma costureira preta, e a perceberia como o sujeito brilhante que é? Quem a veria como sujeito capaz de produzir conhecimento e de pensar elementos que possibilitam o rompimento com as dicotomias que rasgam a geografia moderna, por exemplo? Quem, dentro da Universidade de São Paulo olha – e vê – os homens pretos que aqui trabalham como sujeitos capazes de produzir *conhecimento científico*? Quem olha – e vê – as mulheres pretas que aqui trabalham como sujeitos capazes de produzir *conhecimento científico*?

Partindo do elemento da desumanização, nos cabe pensar o racismo para além de tecnologia que determina o *quê* nossos olhos enxergarão ao olharmos pessoas pretas ou brancas, mas a partir de um ponto de vista institucional e estrutural.

Quando pensamos a geopolítica do conhecimento e a *divisão internacional do trabalho acadêmico*, estamos falando de um racismo estrutural que “automaticamente” prioriza os conhecimentos e produções científicas de países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos – locais cuja maioria da população é branca e, assim como no Brasil, reservam à população preta maior vulnerabilidade em relação à saúde, acesso à educação etc. Para Pontes,

A produção do conhecimento é, na verdade, um processo que reifica experiências sociais específicas. Além disso, ele se dá no interior de um modelo de divisão internacional do trabalho acadêmico em que a teoria é constituída em instituições da Europa Ocidental (principalmente França e Inglaterra) e dos Estados Unidos – que são o centro da comunidade científica – e no qual a prática da ciência nas localidades periféricas é dependente, na medida em que aplica e absorve teorias e métodos que normalmente não são feitos por pesquisadores locais (2015, p. 19)

Nessa divisão internacional do trabalho acadêmico, portanto, se o papel dos “países do Sul” é o de fornecer dados a serem analisados a partir das teorias “do Norte” (PONTES, 2015), internamente podemos dizer que a função de “ser analisado” é relegada aos povos indígenas e pretos, enquanto aos brancos cabe a função de “analisar” a partir das epistemologias dominantes/do Norte.

Da mesma forma que numa escala internacional Pontes (2015) discute a divisão internacional do trabalho acadêmico, podemos pensá-la a partir da escala nacional e,

mais do que isso, de uma perspectiva *racial*, na qual pesquisadores¹¹ veem os povos pretos, quilombolas, indígenas etc. não como sujeitos que pensam e produzem conhecimentos, mas como sujeitos que “precisam ser pensados” e que “precisam ser estudados” - para o seu próprio bem, inclusive.

Ainda que em discurso se afirme que os “pesquisados” são “sujeitos”, por que seus saberes e perspectivas nunca são levados em conta na construção teórico-metodológica da ciência? Por que tais sujeitos só “servem” para gerar dados a fim de serem analisados a partir de teorias e perspectivas que vem da academia e assim, da Europa Ocidental e dos Estados Unidos? Quando *racializamos* a produção do conhecimento, portanto, notamos uma divisão na qual o papel de pesquisador é dado ao branco¹², enquanto pretos e indígenas cumprem a função passiva de serem pesquisados, sendo essa uma segunda forma de colonização.

Dessa maneira, portanto, de modo geral observamos que a ausência da discussão sobre o racismo dentro da Geografia pode ser entendida pela (1) reprodução da divisão internacional do trabalho acadêmico, que, estruturada a partir do racismo, nos diz que somente o Norte pode produzir conhecimento e, além disso, (2) na reprodução da divisão racial do conhecimento, na qual hegemonicamente se lê e referencia autores brancos, junto de um corpo docente em que não temos, desde o Prof. Dr. Milton Santos, nenhum professor preto¹³.

É curioso notarmos que num curso de Geografia “o que importa” é uma suposta “qualidade” do conhecimento produzido¹⁴ para que se decida quem será lido – e consagrado – ou não, colocando-se o *local* de onde vem esses autores e conhecimentos como irrelevantes no critério que os fazem ou não serem lidos. Com a importação da teoria das classes sociais e do marxismo, por exemplo, partimos de uma análise vinda de um continente colonizador para entender um continente colonizado. De que maneira isso seria possível? Da maneira como fazemos na Geografia da USP: apagando todas as

¹¹ “Embora representem a maior parte da população (52,9%), os estudantes negros representam apenas 28,9% do total de pós-graduandos”, de acordo com dados do Pnad apresentados no site: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-05/negros-representam-289-dos-alunos-da-pos-graduacao> . Acesso em 06 ago.2018 – isso sem contarmos os pesquisadores que já são pós-graduados.

¹² De acordo com pesquisa divulgada pela Universia, “Menos de 1% dos professores que atuam hoje nas universidades públicas brasileiras são negros. Na USP (Universidade de São Paulo), por exemplo, que reúne 4,7 mil professores, o número de negros não chega a dez (0,2%)”. Mais informações em: <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2005/12/26/454107/professores-negros-so-menos-1-nas-universidades.html>. Acesso em 06 ago.2018. Obviamente, estamos partindo do recorte já dado dos pesquisadores e professores da USP, que seguramente não fazem parte do perfil de todos os brancos do país. Em sua maioria, esses brancos provavelmente não serão os brancos pobres do país, por exemplo.

¹³ Felizmente, temos uma grande geógrafa preta na universidade, Prof. Dr. Vanderli Custódio, que fazia parte do corpo docente do Instituto de Estudos Brasileiros.

¹⁴ Ainda que mal se conheçam os conhecimentos de outros lugares.

outras diferenças (CIRQUEIRA, 2015).

Entendemos que o espaço não é irrelevante em relação a dimensão temporal. Por isso a história não é única, e sim localizada. Por isso as escalas transformam os fenômenos, por exemplo. Por isso é relevante entender de onde vem os conhecimentos, de onde vem os autores que lemos: porque a Geografia, afinal, importa.

Colocar, dentro da universidade, povos pretos e indígenas como sujeitos produtores de conhecimento é lutar contra o racismo estrutural que nos impõe o lugar de objeto. Nossa intenção não é renovar um conhecimento branco, elitizado e europeu, mas produzir um conhecimento-estratégia para humanização de nosso corpo – esse que carrega nossa mente. Que esse trabalho seja uma forma de fazer com que nossas mortes, nossas dores, e no fim das contas, nossas vidas, sejam vistas com alguma importância pelos geógrafos e geógrafas.

Poderíamos – e gostaríamos – de pesquisar milhares de outros temas. Parafraseando o Djonga, rapper que escreveu a frase que nomeia este TGI¹⁵, nesse trabalho *“queria escrever hit, mas não aguento mais ler as lápides escrito 'RIP'”*

¹⁵ “Eu vi os menor pegando em arma, pois ceis foram silenciadores” é um verso da música *Corra*, composta por Djonga e apresentada no álbum “O menino que queria ser Deus”, lançado em 2017.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Santos,

O papel atribuído à geografia e a possibilidade de uma intervenção válida dos geógrafos no processo de transformação da sociedade são interdependentes e decorrem da maneira como conceituarmos a disciplina e seu objeto. Se tal conceituação não é abrangente de todas as formas de relação da sociedade com seu meio, as intervenções serão apenas parciais ou funcionais, e sua eficácia será limitada no tempo. (SANTOS, 2000, p. 103)

Partimos do pressuposto de que devemos construir uma ciência geográfica estratégica para transformar a sociedade. Assim, bem como nos diz Santos (2000), construir um saber que gere intervenções válidas em nossas vidas vai depender do modo como conceituamos tal disciplina e seu objeto. Dessa forma, *se a geografia deve abranger todas as formas de relação da sociedade com o seu meio*, é fundamental que passemos a enxergar a ideia de raça como um dos elementos essenciais na mediação desta relação.

Entendemos que as relações raciais são elementos fundamentais para produção de um conhecimento geográfico relevante. Dessa maneira, quando falamos de raça, ainda que ela tenha nascido enquanto condição biológica, a entendemos como uma construção histórica, geográfica, social, econômica, cultural etc., sendo ela um *critério para classificação social*, de acordo com Quijano (2011), para quem a raça foi

Impuesta como criterio básico de clasificación social universal de la población del mundo, según ella fueron distribuidas las principales nuevas identidades sociales y geoculturales del mundo. De una parte: “Indio”, “Negro”, “Asiático” (antes “Amarillos” y “Aceitunados”), “Blanco” y “Mestizo”. De la otra: “América”, “Europa”, “Africa”, “Asia” y “Oceanía”. Sobre ella se fundó el eurocentramiento del poder mundial capitalista y la consiguiente distribución mundial del trabajo y del intercambio. Y también sobre ella se trazaron las diferencias y distancias específicas en la respectiva configuración específica de poder, con sus cruciales implicaciones en el proceso de democratización de sociedades y Estados y de formación de Estados-nación modernos. (QUIJANO, 2011, p. 01)

Abrigando a população mais “pura” do mundo após criar a ideia de raça, a Europa, em especial a Europa Ocidental, se recria com uma nova identidade geocultural, sendo o centro hegemônico do capitalismo nascente e, assim, poderosa o suficiente para “impor a ideia de 'raza' en la base de la división mundial de trabajo y de intercambio y en la

clasificación social y geocultural de la población mundial.” (QUIJANO, 2011, p. 07).

Assim, quando não falamos sobre raça, como se tal classificação social não existisse, não estamos tomando uma posição “neutra”, mas reafirmando o sistema de poder de classificação tal como ele é. De acordo com Apple (2001), “as dinâmicas raciais operam de modo sutil e poderoso mesmo quando elas não se encontram claramente nas mentes dos atores envolvidos” (p. 62). Racializar as autoras/es lidas em nosso curso, portanto, é desmitificar escolhas que se dizem “neutras”, mas acabam por reafirmar a concepção do *branco enquanto padrão de ser humano* – por isso, neutro. Quando somente os “outros” são racializados, o branco ganha o direito de falar por todos, como se por ser branco, defendesse os interesses da humanidade como um todo, não os de sua raça (APPLE, 2001). Para isso serve a invisibilidade da branquitude, “[...] para designar o grupo social que é tomado como a 'humanidade comum'” (APPLE, 2001, p. 65) – o que explica por que este trabalho provavelmente será considerado “militante demais” enquanto todos os outros... Não.

Quando falamos de racismo, estamos de acordo com a noção de Mbembe (2014), que o entende enquanto *tecnologia de dominação*, que por sua vez atua como mecanismo que separa as pessoas de acordo com seu fenótipo e permite escolher, de maneira “legítima”, quais corpos podem morrer, seja pelo descaso com os sistemas públicos de saúde seja pelas mãos da (in)segurança pública, por exemplo. Mais do que isso, estamos falando de uma tecnologia de dominação criada pela modernidade/colonialidade do poder. Consideramos que há duas dimensões do racismo, sendo elas a institucional e a subjetiva/individual, as quais dão corpo ao racismo estrutural.

O racismo institucional pode ser visto na atuação do Estado quando o mesmo parte de uma concepção universalista da população e, assim reafirma uma situação de desigualdade ao negá-la, seja esta social, racial, de gênero etc¹⁶. Para Lopez,

O racismo institucional, tal como o definem Silva *et al.* (2009), não se expressa em atos manifestos, explícitos ou declarados de discriminação (como poderiam ser as manifestações individuais e conscientes que marcam o racismo e a discriminação racial, tal qual reconhecidas e punidas pela Constituição brasileira). Ao contrário, atua de forma difusa no funcionamento cotidiano de instituições e organizações, que operam de forma diferenciada na distribuição de serviços, benefícios e oportunidades aos diferentes segmentos da população do ponto de vista racial. Ele extrapola as relações interpessoais e instaura-se no cotidiano institucional,

¹⁶No presente trabalho, partimos do pressuposto de que a Universidade de São Paulo é institucionalmente racista, o que discutiremos em nosso primeiro capítulo.

inclusive na implementação efetiva de políticas públicas, gerando, de forma ampla, desigualdades e iniquidades. (2012, p. 249)

Frente a isso, observamos o surgimento das ações afirmativas, como a implementação de cotas étnico-raciais nas universidades públicas, por exemplo, reivindicação de movimentos sociais a fim de exigir do Estado a garantia de condições menos desiguais entre candidatos historicamente desiguais. Apesar das cotas terem sido fundamentais para o ingresso de pretos e indígenas nas universidades na última década¹⁷, não podemos deixar de observar que elas têm a função de garantir ao nosso povo o *mínimo* – esse mínimo que, desde a colonização, nós não temos.

Disputar Leis e programas que tornem o Estado “menos racista” não elimina o fato do Estado, em si, ser uma instituição *estruturalmente* racista. Junto do capitalismo, o Estado e diversas outras atrocidades são imposições do modelo de organização da vida em sociedade *européu*, sendo, portanto, baseado em suas cosmovisões, epistemologias e, acima de tudo, em seus interesses, brancos. Por isso, a disputa pelo Estado muitas vezes acaba se tornando um processo de *gestão da miséria*, uma vez que as políticas afirmativas acabam aparecendo como mais uma das formas de justificar a meritocracia. Afinal, se somente *uma* aluna negra foi aprovada pelo sistema de cotas no curso de medicina da USP em 2018¹⁸, de quem é a “culpa”, agora que a USP tem cotas? *Quando a esmola é demais, o santo desconfia...*

Assim, para além da reprodução de estereótipos e xingamentos individuais contra pessoas pretas, para além da reprodução de mecanismos institucionais que exibem o racismo nas diversas instituições do país, partimos da concepção de que o racismo abriga essas duas dimensões porque, antes de tudo, ele é *estrutural*. O racismo está na base de *todas* as relações subjetivas, sociais, econômicas, políticas, geográficas etc. de nosso país e de toda construção e manutenção do mundo moderno colonial tal como o conhecemos hoje. Nas palavras de Erica Malunguinho¹⁹, “raça não é acessório, é fundamento”.

Por fim, no presente trabalho estamos de acordo com Quijano (2010) no que diz respeito à limitação da teoria das classes sociais. Partimos da concepção de que a classe

¹⁷Com exceção da USP, vanguarda do atraso, que aprovou um projeto de cotas étnico-raciais somente no ano de 2017.

¹⁸De acordo com notícia vinculada pelo G1: “Fiquei incrédula”, diz única aprovada em medicina na USP pela cota racial do Sisu“. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/fiquei-incredula-diz-unica-aprovada-em-medicina-na-usp-pela-cota-racial-do-sisu.ghtml>. Acesso em 08 ago.2018.

¹⁹Em fala realizada durante a mesa “Resistências Pretas em São Paulo” organizada durante a semana de Regional África: A diáspora em discussão” no dia 07 de agosto de 2018 no Auditório da Geografia.

social é *um* dos elementos fundamentais a serem pensados na construção da ciência geografia, e não o único. Pensando numa abordagem interseccional (RATTS, 2018), estamos de acordo com Corrêa (2014), visto que,

Essa leitura contribui no movimento de superação da imagem muito repetida na geografia, em que se afirma a diferença de classes como “a” causa da desigualdade, fechada para outras possibilidades, sendo apresentada como o único meio contestatório possível no sistema de representação, que perpetua uma narrativa única. A produção de uma única narrativa, que ignore outras possibilidades, vincula-se a um sistema hierárquico excludente, que apaga diferenças existentes, homogeneiza o espaço, que é extremamente heterogêneo e trata as construções como fatos sucessivos, marcados por um tempo cronológico, uma linearidade, em que o futuro só pode ser um, uma história já conhecida, mas que nunca é alcançada (MASSEY, 2008) um devir pré-estabelecido. (p. 05)

Uma das formas possíveis de romper com uma geografia crítica que não se propõe a pensar o racismo está na superação do epistemicídio. De acordo com Carneiro (2005), o epistemicídio é um processo no qual todos os conhecimentos que não estão de acordo com os critérios da ciência moderna ocidental são considerados inferiores ou irrelevantes, sendo sua *episteme* destruída, apagada, impedida de existir, assim como os sujeitos que são responsáveis pela sua existência: os povos subalternos de todo mundo. Sobre essa questão, outra leitura interessante é a de Boaventura de Sousa Santos (2002), que apontará a importância de superarmos o desperdício da experiência.

Durante a escrita deste trabalho, quando fazemos a utilização da categoria “corpo” estamos apontando à necessidade de agregar um sentido maior a noção de sujeito, importante para pensar uma sociedade que tem como estrutura o *critério de raça*. Assim, ainda que a filosofia moderna ocidental tenha criado a divisão “corpo e mente”, utilizamos a noção de corpo para afirmá-lo como nosso primeiro território, esse que *contém* a razão e que faz com que sejamos vistos, em primeiro lugar, como corpos pretos e, depois, como sujeitos, com diferentes cargas de valor em relação ao branco, afinal, “O negro não é um homem, é um homem negro” (NKOSI *apud* FANON, 2014).

Em relação a temática do presente trabalho, que visa discutir não só a localização dos autores e autoras presentes nos programas das disciplinas obrigatórias de nosso curso, bem como sua raça, é importante afirmarmos novamente que, para nós, a raça é – e deveria sê-lo para todos os geógrafos e geógrafas – uma questão central dentro da geografia, embora haja esse “senso comum científico” dentro dela, que insiste em afirmar

que a raça e as relações étnico-raciais não fazem parte dessa ciência (CIRQUEIRA, 2015), sendo que

a emergência mais intensa de debates relativos a esses temas no interior da disciplina na atualidade são compreendidas como infiltrações de leituras externas a disciplina ou de 'leituras pós-modernas'. Para esse entendimento, com uma perspectiva bastante reducionista, essas discussões estariam desvirtuando e maculando a epistemologia da 'verdadeira' Geografia (CIRQUEIRA, 2015, p. 16)

Para nós, a falta de discussão da questão racial na geografia e o número tão baixo de autores e autoras pretas em nosso currículo estão completamente ligados à *colonialidade do poder*, padrão de poder fundado sob a ideia de raça e de controle do trabalho, fundamental para a construção do par modernidade/colonialidade, como discute Quijano (2005). De acordo com o autor,

A associação entre [...] o etnocentrismo colonial e a classificação racial universal, ajudam a explicar por que os europeus foram levados a sentir-se não só superiores a todos os demais povos do mundo, mas, além disso, naturalmente superiores. Essa instância histórica expressou-se numa operação mental de fundamental importância para todo o padrão de poder mundial, sobretudo com respeito às relações intersubjetivas que lhe são hegemônicas e em especial de sua perspectiva de conhecimento: os europeus geraram uma nova perspectiva temporal da história e re-situaram os povos colonizados, bem como a suas respectivas histórias e culturas, no passado de uma trajetória histórica cuja culminação era a Europa (QUIJANO, 2005, p. 121)

Assim, nosso pressuposto é de que não há discussão de raça e que encontramos pouquíssimos autores pretos/as na geografia uspiana porque, aqui, se parte de uma visão de mundo eurocentrada e, portando, racista: só assim para a questão racial não fazer sentido, só assim para a divisão internacional e racial do trabalho acadêmico passarem despercebidas.

2. DAS RAIVAS OU LOCALIZAR E RACIALIZAR QUEM LEMOS

Nesse capítulo, pretendemos exibir algumas das características dos autores e autoras citados/referenciados nos programas das disciplinas obrigatórias²⁰ do curso de Bacharelado em Geografia da universidade, tendo como banco de dados para produção dos gráficos e das tabelas os programas de disciplinas que foram ofertadas durante os anos de 2013 a 2019. Todos os programas utilizados estão anexados ao presente trabalho (ANEXO A)

Os programas analisados foram escolhidos de acordo com os seguintes critérios: todos são de disciplinas obrigatórias ofertadas pelo departamento; todos foram oferecidos pelos mesmos professores e professoras que cursei as disciplinas, embora alguns sejam de semestres diferentes²¹.

Antes de apresentarmos os resultados obtidos, porém, nos cabe discutir de modo mais profundo a relevância *de* e a metodologia *para caracterizar* e, especialmente, *racializar* e *localizar* tais autores e autoras.

2.1. Por quê?

Ao tratarmos da Universidade de São Paulo estamos falando de uma universidade na qual o conhecimento é hegemonicamente produzido por corpos brancos, a partir de teorias que vem da Europa Ocidental e Estados Unidos. Na geografia, para além dos corpos que a produzem, estamos falando de uma ciência na qual não se discute – ao menos de maneira consciente²² – a questão racial, ainda que a *omissão* também seja um posicionamento.

Quando categorizamos uma sociedade racista – como a nossa – estamos falando, dentre várias outras coisas, do racismo como critério para divisão do trabalho. Podemos, portanto, pensar numa divisão *racial* do trabalho, na qual o ofício de pesquisador/cientista, por exemplo, há séculos tem sido reservado ao branco.

Para além da ausência estrutural de sujeitos negros na produção de conhecimento científico – o que não nos impede de termos grandes referências como Milton Santos, Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Neusa Santos Sousa – é

²⁰ Optamos por analisar somente os programas das disciplinas obrigatórias ofertadas pelo DGEO, excluindo, portanto, a disciplina ofertada pelo Departamento de História e pelo Instituto de Geologia.

²¹ Com exceção das disciplinas obrigatórias que fiz em outra universidade, sendo elas História do Pensamento Geográfico e Teoria e Método I, ofertadas em 2018 pelo Prof. Dr. Manoel F. Sousa Neto e em 2014 pelo Prof. Dr. Cesar R. S. Santos, respectivamente.

²² De acordo com discussão sobre a invisibilidade do branco e da branquitude em Apple (2001)

fundamental pensarmos o *epistemicídio*. De acordo com Carneiro,

[...] o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (2005, p. 98)

A partir de suas considerações podemos dizer que, de modo geral, o epistemicídio atua e é causado (1) por processos que deslegitimam todos os conhecimentos que não sejam a ciência moderna ocidental – branca – e (2) através da criação de condições que impeçam os sujeitos negros até mesmo de produzirem conhecimento científico – esse que, quando fazemos, é considerado “militante demais”, inclusive por quem assume que toda ciência/conhecimento tem posicionamento político.

Dessa maneira, observamos que o epistemicídio dentro da Geografia da USP se realiza tanto na deslegitimação de conhecimentos outros (esses que não são científicos) como nos mecanismos estruturais que impedem à população preta e indígena de estudar na universidade, seja pelo vestibular ou pela falta de acesso à permanência estudantil. De acordo com Giroto,

Se é verdade que a universidade requer aprendizagens contínuas para todos os sujeitos, é também evidente que a dupla condição de estudante-trabalhador, que resulta [...] na falta de tempo, é um contexto que não pode ser menosprezado nas discussões sobre a democratização do ensino superior. Em certa medida, o que tem ocorrido é um processo no qual se busca ocultar estas desigualdades de condições de vivência da universidade entre estudantes de diferentes perfis socioeconômicos (2017, p. 215)

Num modelo de sociedade na qual os sujeitos pretos e indígenas estão estruturalmente marginalizados e com menor acesso a direitos básicos em relação à população branca, quando a universidade se recusa a oferecer bolsas de permanência estudantil, por exemplo, ela está reafirmando o epistemicídio. Afinal sabemos o perfil

majoritário dos alunos e alunas que podem deixar de trabalhar para estudar, que podem dedicar-se à leitura dos textos, à realização de projetos de iniciação científica, às viagens de intercâmbio... Nesta universidade, nem a falta de tempo é democrática²³.

No caso da USP, o processo é ainda mais perverso quando entendemos as raízes eugenistas da criação da universidade (SILVA, 2015). No campus que “acolhe” aos alunos com a Fundação para o Vestibular de um lado e a Academia de Polícia no outro, tendo no centro do “Portão 1” a estátua de Armando de Sales Oliveira rodeado por um pé de café e um pé de cana-de-açúcar, é preciso muito trabalho (para não dizer vergonha) caso haja interesse na criação de uma universidade na qual caibam, de fato, diferentes universos. Dentro do Departamento de Geografia, o que se tem feito para *negar* essa universidade enquanto instituição de reafirmação do racismo? O que se tem feito para criação de uma Geografia anti-racismo/racista?

Eleger quais sujeitos podem ou não produzir conhecimento científico tem sido uma das maneiras de aprofundar o processo de *epistemicídio*, que desde a escravização dos povos pretos e indígenas e do projeto cotidiano de genocídio de ambos tem sido realizado. Com o assassinato destes corpos, também são assassinados nossos saberes, ao mesmo tempo em que a desqualificação ou invisibilização destes saberes anestesia qualquer sentimento de revolta social perante nossas mortes, afinal... O que se perde quando um preto morre, não é mesmo? *Vocês são a resposta porque tanto Einstein no morro morre e não despona*²⁴.

2.2 Como?

A princípio, nosso objetivo era classificar os autores e autoras citados nos programas das disciplinas em relação à raça e localização, porém, à medida que íamos adicionando os seus nomes em nossa tabela geral (TABELA 1), percebíamos que havia muito mais homens do que mulheres nos programas. Assim, adicionamos a coluna “Gênero” em nossa tabela, para observarmos essa questão também, embora não tenhamos como foco, nesse trabalho, discutir a questão de gênero de modo profundo²⁵.

A ordem de adição dos autores e autoras foi aleatória, começando do programa que o computador colocou como primeiro (possivelmente devido à ordem alfabética). À medida que os autores e autoras se repetiam, somávamos um número na coluna

²³ Para mais informações, indicamos o artigo de Giroto (2017)

²⁴ Djonga. *Corra*. Álbum: O menino que queria ser Deus, lançado em 2017.

²⁵ Para isso, recomendamos o excelente trabalho de Suzi M. Correa, disponível em: <http://www.tcc.sc.usp.br/tce/disponiveis/8/8021104/tce-17122018-122925/?&lang=br>>. Acesso em 07 mai.2019

“Repetições”, o que impediu de termos uma análise individual das disciplinas – o que por sinal, não era nosso foco. Assim, na Tabela 1, a ser usada como fonte para elaboração de gráficos e pequenas tabelas, optamos por excluir a coluna de “Nome da disciplina”.

Dessa forma, nossa tabela geral (TABELA 1) está organizada de acordo com o nome dos autores, sua localização, a quantidade de vezes que estes ou estas apareceram ao longo da pesquisa, seu gênero e sua raça/cor²⁶

Para descobrir as informações relativas a localização, gênero e raça/etnia, foram realizadas pesquisas no *Google*. Para localização, num primeiro momento distinguimos: local onde estudou (**); local onde dá aula (*) e local de nascimento, sendo nossa prioridade descobrir o local de nascimento de cada um. Devido à dificuldade em encontrar esta informação, que aumentava à medida que fazíamos a tabela, acabamos por parar de diferenciar a informação, sendo assim, referente a coluna “País/Estado”, é necessário dizer que lá estarão estas três informações, não necessariamente diferenciadas.

Em relação ao gênero, quando não encontrávamos fotos dos autores e autoras, deduzíamos seu gênero pelo nome. Em relação à raça/cor, era necessário encontrar fotos, o que fez com que o trabalho ficasse com um total de 63 autores e autoras sem identificação. Para inferir a raça/cor de cada um, nos baseamos em fenótipos mais comuns e até mesmo *estereotipados*²⁷ presentes no imaginário do país em que vivemos. Assim, os judeus, por exemplo, que não são necessariamente “brancos” na Europa, foram considerados brancos em nossa pesquisa, pois assim o são no Brasil, já que a raça é social, portanto, geográfica. Existe uma “brincadeira” comum que fazemos dentro do movimento negro que é: “Para saber se alguém é preto ou não, é só perguntar para um policial”. De certa forma, foi com esse senso comum que trabalhamos para definir, a partir das fotos, qual a raça/cor dos autores e autoras. Consideramos que alguns deles eram difíceis de ser identificados ou categorizados em raça/cor específicos, sendo assim, são os cinco que aparecem na Tabela 1 como “s / id”, ou seja, “sem identificação”.

Para o IBGE, pretos e pardos (cor) são considerados pertencentes à raça negra. Neste trabalho, optamos por não dividir nosso povo dessa forma. Assim, negras/os, aqui, serão chamados de pretos e pretas, independente do tom de suas peles. Isso porque, durante séculos, temos ouvido palavras como “morena”, “mulatos”, “escurinho”, “pardo”

²⁶ Optamos por utilizar os termos “raça/cor” e não etnia, pois não estamos discutindo a etnia que pertencem as pessoas que apareceram em nosso trabalho, e sim sua raça (social), tendo como base, em primeiro lugar, a cor de suas peles, e, além disso, os fenótipos gerais que aparecem na geografia de seus corpos.

²⁷ Estereotipados sim, afinal, como já dito, a raça é uma construção social e, portanto, na tentativa de definir a “raça” de alguém estamos trabalhando com um sistema de estereótipos presentes na sociedade dominante. Nos apropriamos desse sistema porque fazer parte dele *não é uma escolha*.

etc., como tentativas de “amenizar” o fato de sermos pretos e pretas – o que só é ruim numa sociedade racista.

Em relação às pessoas “amarelas” presentes nas tabelas e gráficos, optamos por chamá-los assim, pois é como alguns movimentos de pessoas que o senso comum considera “asiáticos” ou “orientais” se auto reivindicam. Além deles, encontramos um autor com fenótipo que estereotipamos como indiano e outro como árabe, de acordo com os seus locais de nascimento ou antecedentes, bem como com seu fenótipo, que gostaríamos de caracterizar como algo mais do que “não brancos”.

Por fim, foram fonte da pesquisa todos os programas de disciplinas obrigatórias ofertadas pelo DGEO, de 2013 a 2019, com exceção das disciplinas de *Geomorfologia I* e *Sensoriamento Remoto*, pois não conseguimos encontrar seus programas em tempo hábil para não atrasar a produção do presente trabalho.

Tabela 1: Lista Completa por Ordem Alfabética

	Nome do autor (a)	País/Estado	Repetições	Gênero	Cor
1	AB' SABER, Aziz Nacib	BR / SP *	10	masculino	branca
2	ABLAS, L. O.		1	masculino	
3	ABRAMOVAY, R.	BR / SP *	1	masculino	branca
4	ABREU, A. A. A.	BR / SP	1	masculino	branca
5	ABREU, Adilson Avansi	BR / SP	1	masculino	branca
6	ABREU, Maurício de A.	BR / RJ	2	masculino	branca
7	ACSELRAD, Henri	BR / RJ **	1	masculino	branca
8	ADAMS, G. F.	EUA	1	masculino	
9	ADORNO, T.	Alemanha	1	masculino	branca
10	AGLIETTA, M.	França	1	masculino	branca
11	AGNEW, J.	EUA	1	masculino	branca
12	AGNEW, John	EUA	2	masculino	branca
13	AHNERT, F.	Alemanha	2	masculino	branca
14	ALDER, Ken	EUA	1	masculino	branca
15	ALMEIDA, A. W. B. De	BR / RJ**	1	masculino	branca
16	ALMEIDA, E. A. B.	BR / SP *	1	masculino	s / id
17	ALMEIDA, F. F. M.	BR / RJ	3	masculino	branca
18	ALMEIDA, R. Doin	BR / ?	2	feminino	branca
19	ALVAREZ, I. P.	BR / SP	1	feminino	branca
20	ALVES, Rogério Rozolen.	BR / SP *	1	masculino	
21	ALVES, Rubem	BR / MG	1	masculino	branca
22	AMARAL, Rosângela	BR / SP **	3	feminino	
23	AMARAL, S. E.	BR / SP	2	masculino	branca
24	ANCEL, J.	França	1	masculino	branca
25	ANDERSON, Benedict	EUA	1	masculino	branca
26	ANDERSON, Paul	EUA	1	masculino	branca
27	ANDRADE, Manoel C.	BR / PE	3	masculino	branca

28	ANGELOCCI, L. R.	BR / SP *	2	masculino	branca
29	ANJOS, L. H. C.	BR / RJ	1	feminino	branca
30	ARANTES, Antônio	BR / SP	1	masculino	branca
31	ARANTES, Otilia	BR / SP *	2	feminino	branca
32	ARAÚJO, Tania Bacelar	BR / PE	1	feminino	branca
33	ARENDT, H.	Alemanha	1	feminino	branca
34	ARGAN, G. C.	Itália	1	masculino	branca
35	ARRIGHI, Giovanni	Itália	1	masculino	branca
36	AUGUSTO FILHO, O.	BR / SP	1	masculino	branca
37	AYDALOT, Philippe	França	1	masculino	branca
38	AYOADE, J. O	Nigéria	2	masculino	preta
39	AZEVEDO, Aroldo	BR / SP	1	masculino	branca
40	AZEVEDO, T. R	BR / SP *	2	masculino	branca
41	BADGLEY, P. C.	EUA	1	masculino	branca
42	BARNES, J. W.	Reino Unido	1	masculino	branca
43	BARROS, O. N. F.	BR / PR *	1	masculino	branca
44	BAUMAN, Z.	Polônia	1	masculino	branca
45	BECKER, B. K.	BR / RJ	1	feminino	branca
46	BELLANCA, E. T.	BR / RS	1		
47	BENEVOLO, L.	Itália	1	masculino	branca
48	BENKO, Georges	França	3	masculino	branca
49	BERDOULAY, V.	França	1	masculino	branca
50	BERTIN, Jacques	França	4	masculino	branca
51	BEZZI, Meri Lourdes	BR/ RS	1	feminino	branca
52	BIASI, M.	BR / ?	1	masculino	branca
53	BIDOU-ZACHARIASEN, C.	França	2	feminino	branca
54	BIGARELLA, J. J.	BR / PR	4	masculino	branca
55	BLIN, Eric		1	masculino	branca
56	BLOOM, A. L.	EUA	1	masculino	branca
57	BOARD, Christopher		1	masculino	
58	BOCHICCHIO, V. R.	BR / SP	1	masculino	branca
59	BORD, Jean-Paul	França	1	masculino	branca
60	BOTTURA, J. P		1		
61	BOULET, R.		1	masculino	
62	BOUSQUETS, J. L.	México	1	masculino	branca
63	BRABHAM, P. J.	Reino Unido	1	masculino	branca
64	BRADFORD, M. G.		1		
65	BRADY, Nyle	EUA	1	masculino	branca
66	BRAGA, R.	BR / MG	1	masculino	branca
67	BRAND, Peter	Colômbia	1	masculino	branca
68	BRANDÃO, C. R.	BR / RJ	2	masculino	branca
69	BRANDÃO, Carlos A.	BR / RJ	1	masculino	branca
70	BRANDON, Katrina	EUA	1	feminino	branca
71	BRENNER, Neil	EUA	1	masculino	branca
72	BROWN, James H.	EUA	3	masculino	branca
73	BRUNET, Roger	França	1	masculino	branca
74	BRUNHES, J.	França	1	masculino	branca
75	BRUNS, Barbara	EUA	1	feminino	branca

76	BUDEL, J.	Alemanha	1	masculino	branca
77	BUNGE, M.	Argentina	1	masculino	branca
78	BUNTING, B. T.		1		
79	BUSH, M. B.	EUA	1	masculino	branca
80	CAILLEUX, A.	França	1	masculino	branca
81	CALDEIRA, Teresa. P.	BR/ SP **	1	feminino	branca
82	CAMARGO, M. N.	BR / RJ	1	masculino	branca
83	CAMARGO, O.	BR / SP *	1	masculino	branca
84	CAMBREZY, Luc	França	1	masculino	branca
85	CAMPOS, Andreilino	BR / RJ	1	masculino	preta
86	CÂNDIDO, Luciane A.	BR / RS	1	feminino	
87	CANTERO, N. O	Espanha	1	masculino	branca
88	CAPEL, Horácio	Espanha	1	masculino	branca
89	CARDOSO, I. M.	BR / MG *	1	feminino	branca
90	CARLEIAL, L. M. Frota	BR / PR*	2	feminino	branca
91	CARLOS, Ana Fani A.	BR / SP	10	feminino	branca
92	CARRERAS, C.	Espanha	1	masculino	branca
93	CARSON, M. Anthony	Reino Unido	1	masculino	
94	CARVALHO, C. J. B.	BR / PR	1	masculino	s / id
95	CASTAGNIN, D.		1	masculino	branca
96	CASTELLS, M.	Espanha	1	masculino	branca
97	CASTRO, Edna M. R.	BR / PA	1	feminino	branca
98	CASTRO, Iná Elias	SP / RJ *	7	feminino	branca
99	CASTRO, S. S.	BR / SP *	3	feminino	branca
100	CAUVIN, Collete	França	4	feminino	branca
101	CAVALCANTI, Iracema	BR / SP *	1	feminino	branca
102	CEREZO, J. A. L	Espanha*	1	masculino	branca
103	CHAYANOV, A. V.	Rússia	1	masculino	branca
104	CHESNAIS, François	França	2	masculino	branca
105	CHIAVENATO, J. J.	BR / SP	1	masculino	branca
106	CHOAY, François	França	2	feminino	branca
107	CHOLLEY, A.	França	1	masculino	branca
108	CHORLEY, R. J.	Reino Unido	2	masculino	branca
109	CHRISTOFOLETTI, A.	BR / SP	3	masculino	branca
110	CHRISTOPHERSON, R.	EUA	1	masculino	branca
111	CLARK, David	Reino Unido	1	masculino	branca
112	CLAVAL, Paul	França	4	masculino	branca
113	CLOSIER, René	França	1	masculino	
114	COBOS, E. P.	Colômbia	1	masculino	branca
115	COLANGELO, A. C.	BR / ?	3	masculino	branca
116	COLANGELO, A. C.	BR / SP	1	masculino	branca
117	COLTRINARI, L.	BR / ?	2	feminino	branca
118	CONHN, Amélia	BR / SP	1	feminino	branca
119	CONTI, José Bueno	BR / SP *	1	masculino	branca
120	COOKE, E. U	Reino Unido	1	masculino	branca
121	COOPER, M.	BR / SP *	1	masculino	branca
122	COPINSCHI, Philippe	França	1	masculino	branca
123	COQUE, R.		1		

124	CORAGGIO, José Luis	Argentina	1	masculino	branca
125	CORREIA, G. F.	BR / MG *	1	masculino	
126	CORREIA, R. Lobato	BR / RJ	6	masculino	branca
127	COSGROVE, Denis E.	Reino Unido	1	masculino	branca
128	COSTA, Wanderley M.	BR / PR	3	masculino	branca
129	COX, C. B.		1		
130	CRUZ, O.	BR / ?	1	feminino	
131	CULLEN JUNIOR, L.		1	masculino	branca
132	CUNHA, C. A. L.		1		
133	CUNHA, Sandra Batista	BR / RJ	1	feminino	branca
134	CURI, N.	BR / MG *	1	masculino	branca
135	DAMIANI, Amélia Luisa	BR / SP	3	feminino	branca
136	DANIEL, Celso	BR / SP	1	masculino	branca
137	DANNI-OLIVEIRA, I. M.	BR / PR*	2	feminino	
138	DANSEREAU, Pierre M.	Canadá	1	masculino	branca
139	DANTAS, Marcos	BR / RJ	1	masculino	branca
140	DASH, Joan	EUA	1	feminino	branca
141	DAVIS, W. M.	EUA	1	masculino	branca
142	DE MARTONNE, E.	França	3	masculino	branca
143	DE MAXIMY, René	França	1	masculino	branca
144	DE PLOEY, J.	Bélgica	1	masculino	branca
145	DEAN, Warren	EUA	1	masculino	branca
146	DELGADO, Guilherme	BR / SP**	1	masculino	branca
147	DEMEK, J.	Rep. Checa	1	masculino	branca
148	DEMO, Pedro	Alemanha	1	masculino	branca
149	DENIS, Henri	França	1	masculino	branca
150	DERRUAU, Max	França	1	masculino	branca
151	DESCARTES, R.	França	1	masculino	branca
152	DEVEVAN WILLIAM M.	EUA	1	masculino	branca
153	DIAMOND, Jared M.	EUA	1	masculino	branca
154	DIAS, Maria Assunção F.	BR / SP *	1	feminino	branca
155	DICKEN, Peter	Reino Unido	1	masculino	branca
156	DINIZ, Clélio Campolina	BR / MG	2	masculino	branca
157	DINIZ, José, A. F.	BR / GO*	1	masculino	branca
158	DOORKNKAMP, J. C.	Reino Unido	2	masculino	branca
159	DORPALEN, A.	Alemanha	1	masculino	branca
160	DREIFUSS, R.	Uruguai	1	masculino	branca
161	DREYER-EIMBCKE, O.	Alemanha	1	masculino	branca
162	DUARTE, P. A.	BR / ?	1	masculino	branca
163	DUCHAUFOR, P	França	1	masculino	branca
164	DURAND, M. Françoise	França	2	feminino	branca
165	DUROUSELLE, J. B.	França	1	masculino	branca
166	DUTENKEFER, Eduardo	BR / SP **	2	masculino	branca
167	DYLIK, J.	Polônia	1	masculino	branca
168	ECO, Umberto	Itália	1	masculino	branca
169	EGLER, Cláudio	BR / RJ	1	masculino	branca
170	ELIAS, Denise	BR / CE *	2	feminino	branca
171	ELIAS, Norbert	Alemanha	1	masculino	branca

172	ENGELS, F.	Alemanha	2	masculino	branca
173	ESCHENBRENNER, V.	França	1	masculino	branca
174	ESCOBAR, Francisco	Espanha	3	masculino	branca
175	ESPINDOLA, C. R.	BR / SP *	1	masculino	branca
176	ESTÉBANEZ, José	França	1	masculino	branca
177	FACHINELLO, A.	BR / RS	1	feminino	
178	FAIRCHILD, T. M.	BR / SP*	1	masculino	branca
179	FALCONI, S.	BR / SP *	1	feminino	branca
180	FEBVRE, L.	França	1	masculino	branca
181	FERREIRA, J. S. W.	BR / SP	2	masculino	branca
182	FERREIRA, Nelson J.	BR / SP *	1	masculino	preta
183	FIORI, José Luis	BR / RJ	1	masculino	branca
184	FITZ, P.	BR / MT*	1	masculino	branca
185	FIX, M. A. B.	BR / SP	1	feminino	branca
186	FONSECA, Fernanda P.	BR / ?	3	feminino	branca
187	FONTES, L. E.	BR / MG *	1	masculino	s / id
188	FOUCAULT, M.	França	1	masculino	branca
189	FOUCHER, Daniel	França	1	masculino	
190	FRIEDMANN, Harriet	Canadá	1	feminino	branca
191	FRUGULI JR., Heitor	BR / SP	1	masculino	branca
192	FUJITA, Massahisa	Japão	1	masculino	amarela
193	FURLAN, S.	BR / SP *	3	feminino	branca
194	FURTADO, Celso	BR / RJ	1	masculino	branca
195	GALVANI, E.	BR / SP *	1	masculino	branca
196	GALVÃO, Antônio C.	BR / ?	1	masculino	branca
197	GEERTZ	EUA	1	masculino	branca
198	GEIGER, Pedro P.	BR / RJ	1	masculino	branca
199	GEORGE, Pierre	França	7	masculino	branca
200	GIDDENS, Antony	Reino Unido	1	masculino	branca
201	GIL, Antônio Carlos	BR / ?	2	masculino	branca
202	GILBERT, G. K.	EUA	1	masculino	branca
203	GIMENEZ, J. M	Espanha	1	masculino	branca
204	GIMENO, Roberto		1	masculino	
205	GOLDENSTEIN, Léa	BR / ?	2	feminino	branca
206	GOLDICH, S. S.	EUA	1	masculino	branca
207	GOMES, A. M. V. S.	BR / MG	1	feminino	branca
208	GOMES, Paulo C. C.	BR / RJ *	1	masculino	branca
209	GOMES, P. Cesar da C.	BR / RJ	3	masculino	branca
210	GONÇALVES, A.R.	BR / MT	1	feminino	
211	GONÇALVES, Maria F.	BR / SP	1	feminino	branca
212	GOODMAN, David	Reino Unido	1	masculino	branca
213	GOUDIE, A. S.	Reino Unido	1	masculino	branca
214	GRANELL-PÉREZ, C.	Espanha**	1	feminino	
215	GRANGER, G. Gaston	França	1	masculino	branca
216	GRANOU, A.	França	1	masculino	branca
217	GRATALOUP, Christian	França	2	masculino	branca
218	GRAZIANO DA SILVA, J.	EUA	1	masculino	branca
219	GREGORY, K.	Reino Unido	3	masculino	branca

220	GRIGG, David		1	masculino	branca
221	GROTZINGER, J.	EUA	1	masculino	branca
222	GUARIGUATA, M. R.	Peru *	1	masculino	branca
223	GUGLIELMO, Raymond	França	1	masculino	branca
224	GUIDICINI, G.	BR / ?	2	masculino	branca
225	GUPTA, A.	Austrália*	1	masculino	indiana
226	GUTIÉRREZ, M.	Espanha	1	masculino	branca
227	HABERMAS, J	Alemanha	1	masculino	branca
228	HACK, J. T.	EUA	1	masculino	branca
229	HAESBAERT, R.	BR / RJ	1	masculino	branca
230	HAESBART, Rogerio	BR / RS	1	masculino	branca
231	HAFFER, J.	Alemanha	2	masculino	branca
232	HAGGETT, P.	Reino Unido	1	masculino	branca
233	HARLEY, Brian	Reino Unido	3	masculino	branca
234	HART, M. G	Canadá	1	masculino	branca
235	HARTSHORNE, R.	EUA	1	masculino	branca
236	HARVEY, D.	EUA	17	masculino	branca
237	HEIDEGGER, M.	Alemanha	1	masculino	branca
238	HEIDEMANN, D	Alemanha	1	masculino	branca
239	HERMANN, M. L. P;	BR / SC*	1	feminino	branca
240	HETTNER, Alfred	Alemanha	1	masculino	branca
241	HISSA, Cássio	BR / MG *	1	masculino	branca
242	HOLANDA, S. Buarque	BR / SP	1	masculino	branca
243	HORKHEIMER, M.	Alemanha	2	masculino	branca
244	HORTON, R. E.	EUA	1	masculino	branca
245	HOWARD, H. H.		1	masculino	
246	HUECK, K.	Alemanha	1	masculino	branca
247	HUMBOLDT, A.	Alemanha	1	masculino	branca
248	HUNT, C. B.	EUA	1	masculino	
249	HUNT, E. K.	EUA	2	masculino	branca
250	HUNTINGTON, S. P.	EUA	1	masculino	branca
251	IANNI, O.	BR / SP	1	masculino	branca
252	INÁCIO FILHO, Geraldo	BR / ?	1	masculino	branca
253	IWASA, O. Y.	BR / SP	1	masculino	amarela
254	JACOB, Christian	França	1	masculino	branca
255	JACOBI, P.	BR / SP	1	masculino	branca
256	JACOMINE, P. K.	BR / RJ	1	masculino	branca
257	JAMESON, F.	EUA	1	masculino	branca
258	JEUDY, H. P.	França	1	masculino	branca
259	JOHNSTON, R. J.	Reino Unido	1	masculino	branca
260	JOLY, Fernand	França	3	masculino	branca
261	JORDAN, T. H.	EUA	1	masculino	branca
262	JORGE, J. A.		1	masculino	
263	JUNKER, Buford		1	masculino	
264	JUSTI, Maria Gertrudes	BR / RJ *	1	feminino	branca
265	KANT, I.	Alemanha	1	masculino	branca
266	KATTAN, Gustavo H.	Colômbia	1	masculino	branca
267	KAUTSKY, Karl	Rep. Checa	1	masculino	branca

268	KAYSER, Bernard	França	4	masculino	branca
269	KENT, W. A.		1		
270	KER, J. C.	BR / MG *	1	masculino	branca
271	KESSLER, F. C.	EUA	1	masculino	branca
272	KILIAN, J.		1	masculino	branca
273	KING, Cuchlaine A. M.	Reino Unido	1	feminino	
274	KING, L. C.	Reino Unido	3	masculino	branca
275	KIRKBY, M. J.	Reino Unido	2	masculino	branca
276	KLIMASZEWSKI, M.	Polônia	1	masculino	branca
277	KNOX, Paul		1	masculino	
278	KOSELLECK, R.	Alemanha	1	masculino	branca
279	KOWARICK, L.	BR / SP *	2	masculino	branca
280	KRUGMAN	EUA	1	masculino	branca
281	KRUGMAN, Paul	EUA	2	masculino	branca
282	KUHN, Thomas S.	EUA	1	masculino	branca
283	LA BLACHE, P. V.	França	2	masculino	branca
284	LA BLACHE, Paul V.	França	1	masculino	branca
285	LACOSTE, Ives	França	7	masculino	branca
286	LADEIRA, E. A.	BR / MG	1	masculino	branca
287	LAMEGO, Mariana		1	feminino	
288	LATOUR, B.	França	1	masculino	branca
289	LAVINAS, Lana	BR / RJ *	2	feminino	branca
290	LE BOTERF, Guy	França	1	masculino	branca
291	LEFEBVRE, H.	França	7	masculino	branca
292	LEINZ, V.	Alemanha	2	masculino	branca
293	LEMONS, Amália I. G.	BR / SP *	3	feminino	branca
294	LEMONS, Mauro Borges	BR / MG	2	masculino	branca
295	LEMONS, R. C.	BR / RS *	1	masculino	branca
296	LENCIONE, Sandra	BR/ SP	7	feminino	branca
297	LEONARDOS, Othon	BR / DF*	1	masculino	branca
298	LEOPOLD, L. B.	EUA	1	masculino	branca
299	LEPSCH, I.	BR / SP *	2	masculino	branca
300	LÉRY, Jean	França	1	masculino	branca
301	LEVEQUE, Christian	França	1	masculino	branca
302	LÉVY, Jacques	França	5	masculino	branca
303	LIBAULT, André		3	masculino	branca
304	LIMA, E. R. V. de.	BR / PB	1	masculino	branca
305	LIMA, Luiz Cruz	BR / CE	1	masculino	branca
306	LIMA, M. R.	BR / PR *	1	masculino	branca
307	LIMA, Nádia G. B	BR / SP *	1	feminino	branca
308	LIMA, Valquimi Costa	BR / PR *	1	masculino	
309	LIMONAD, E.	BR / RJ	1	feminino	branca
310	LIPIETZ, Alain	França	3	masculino	branca
311	LISLE, R. J.	Reino Unido	1	masculino	branca
312	LOBECK, A. K.	EUA	1	masculino	branca
313	LOCH, R. E. N.	BR / SC	1	feminino	branca
314	LOCZY, L.	Hungria	1	masculino	branca
315	LOMOLINO, Mark V.	EUA	3	masculino	branca

316	LÓPEZ, J. L. L.	Espanha*	1	masculino	branca
317	LOSOS, Jonathan B.	EUA	1	masculino	branca
318	LOWY, Michael	BR / ?	2	masculino	branca
319	LUQUE, Javier		1	masculino	branca
320	MACARTHUR, Robert H.	Canadá	1	masculino	branca
321	MACKINDER, H. J.	Reino Unido	1	masculino	branca
322	MAFRA, A. L.	BR / SC *	2	masculino	branca
323	MAMIGONIAN, Armen	BR / SP	3	masculino	branca
324	MANZAGOL, Claude	França	1	masculino	branca
325	MARICATO, E.	BR / SP	1	feminino	branca
326	MARQUES, Marta	BR / ?	2	feminino	branca
327	MARTIN, A. R.	BR / SP *	1	masculino	branca
328	MARTIN, Benoit		1	masculino	
329	MARTIN, Ron		1	masculino	
330	MARTINELLI, Marcello	BR / SP **	5	masculino	branca
331	MARTINS, J. Souza	BR / SP	2	masculino	branca
332	MARUYAMA, S.	Japão	1	masculino	amarela
333	MARX, Karl	Alemanha	3	masculino	branca
334	MARX, Murilo	BR / SP	1	masculino	branca
335	MASSEY, Doreen	Reino Unido	1	feminino	branca
336	MATOS, Odilon Nogueira	BR / SP *	1	masculino	branca
337	MAZOYER, Marcel	França	1	masculino	branca
338	McMASTER, RB	EUA	1	masculino	branca
339	MEDEIROS, L. S.	BR / SP**	1	feminino	branca
340	MELFI, A.	BR / SP *	3	masculino	branca
341	MELLO, L. I. A.	BR / SP	1	masculino	branca
342	MELLO, Neli Aparecida	BR / ?	1	feminino	branca
343	MELO, V. F.	BR / PR *	1	masculino	branca
344	MENDEZ, Ricardo	Espanha*	1	masculino	branca
345	MENDONÇA, Francisco	BR / PR*	2	masculino	
346	MENDONZA, Josefina G.	Espanha	2	feminino	branca
347	MERCIER, GUY	França	1	masculino	branca
348	MESCERJAKOV, J. P.		1	masculino	branca
349	METZGER, J. P.	BR / SP *	2	masculino	branca
350	MEZAROS, I.	Hungria	1	masculino	branca
351	MIKESELL, Marvin W.	EUA	1	masculino	branca
352	MIKLÓS, A. A. W.	BR / SP *	19	masculino	branca
353	MILLER, J. P.		1	masculino	
354	MILLOT, G.	França	2	masculino	branca
355	MONBEIG, P.	França	4	masculino	branca
356	MONIZ, A. C.	BR / RJ	3	masculino	branca
357	MONMONIER, Mark	EUA	1	masculino	branca
358	MONTEIRO, C. A. F.	BR / PI	1	masculino	branca
359	MOODIE, A. E.	EUA	1	masculino	
360	MORAES, Antonio Carlos	BR / MG	7	masculino	branca
361	MOREIRA, Ruy	BR / R]	5	masculino	branca
362	MOROZ, I. C.	BR / SP	1	feminino	branca
363	MORRONE, Juan	México	2	masculino	branca

364	MOURA, M. Maria	BR / SP *	1	feminino	branca
365	MOURA, Rosa	BR / PR*	1	feminino	branca
366	MOUSINHO, M. R	BR / RJ	1	feminino	branca
367	MUEHRCKE, P. C.	EUA*	1	masculino	
368	MULLER FILHO, I. L.		1	masculino	
369	MUNFORD, L. A.	EUA	1	masculino	branca
370	NABUCO, Maria Regina	BR / MG	2	feminino	branca
371	NAGEL, E.	Áustria	1	masculino	branca
372	NASCIMENTO, F. J. L.		1	masculino	branca
373	NICOLA, S. N.		1	masculino	
374	NIETZECHE, F.	Alemanha	2	masculino	branca
375	NIR, D.	Eslováquia	1	masculino	branca
376	OLIVEIRA, Ariovaldo U.	BR / SP *	7	masculino	s / id
377	OLIVEIRA, C.		1	masculino	
378	OLIVEIRA, D.	BR / SP *	1	feminino	branca
379	OLIVEIRA, Francisco de	BR / PE	4	masculino	branca
380	OLIVEIRA, J. B.	BR / SP *	2	masculino	branca
381	OLIVEIRA, S. M. B.	BR / SP *	1	feminino	branca
382	OLLIER, C.	Reino Unido	2	masculino	branca
383	OTEMBRA, Erich	Alemanha	1	masculino	branca
384	OZIMA, M.	Japão	1	masculino	amarela
385	PARENTI, Lynne R.	EUA	1	feminino	branca
386	PASSARGE, S.	Alemanha	1	masculino	branca
387	PASSINI, Elza Yasuko	BR / ?	1	feminino	amarela
388	PASSOS, E.	BR / PR	1	masculino	branca
389	PECK, Jamie	Reino Unido	1	masculino	branca
390	PEDRO, G. A.		2		
391	PENCK, W.	Áustria	1	masculino	branca
392	PENTEADO, M. M.	BR / SP	1	masculino	
393	PEPPER, David	Reino Unido	1	masculino	branca
394	PEREIRA, A. Roberto	BR / SP *	2	masculino	
395	PERROUX, François	França	1	masculino	branca
396	PICCARELLI, Adriano		1	masculino	
397	PIKKETY	França	1	masculino	branca
398	PLACIDI, Delphine	França	1	feminino	branca
399	PONÇANO, W. L.		1	masculino	
400	PORTER, Michael	EUA	1	masculino	branca
401	PORTO-GONÇALVES, C.	BR / RJ	1	masculino	branca
402	PRADO, H.	BR / SP *	3	masculino	branca
403	PRANCE, G. T.	Reino Unido	3	masculino	branca
404	PRANDINI, F. L.		1		
405	PRESS, F.	EUA	1	masculino	branca
406	QUEIROZ FILHO, A. P.	BR / ?	1	masculino	branca
407	QUEIROZ NETO, J. P.	BR / SP *	1	masculino	branca
408	RAFFESTIN, C.	Suiça	1	masculino	branca
409	RAFFO, F. G. G.	Cuba	1	masculino	branca
410	RAISZ, E.	Hungria	1	masculino	branca
411	RAMOS, C. S.	BR / ?	1	feminino	

412	RANGEL, Ignácio	BR / MA	1	masculino	branca
413	RATZEL, F.	Alemanha	3	masculino	branca
414	RENOUVIN, P.	França	1	masculino	branca
415	RESENDE, M.	BR / MG *	1	masculino	
416	RETAILLE, Denis	França	1	masculino	branca
417	REZENDE, S. B.	BR / MG *	1	masculino	branca
418	RIBEIRO, A. G.	BR / MG *	1	masculino	branca
419	RIBEIRO, M. C.	BR / SP *	1	masculino	branca
420	RICKLEFS, Robert E.	EUA	1	masculino	branca
421	RIDDLE, B. R.	EUA	1	masculino	branca
422	RIGOL, Sergi. Martinez	Espanha	1	masculino	branca
423	RIZECK, Cibele	BR / SP	1	feminino	branca
424	RIZZINI, C. T.	BR / SP	1	masculino	
425	ROBINSON, A. H.	Canadá	1	masculino	branca
426	ROBIRA, R.	Espanha	1	feminino	branca
427	ROCHA-CAMPOS, A.C.	BR / ?	1	masculino	branca
428	RODRIGUES, C.	BR / SP	1	feminino	branca
429	ROSS, J. L. S.	BR / SP	5	masculino	branca
430	ROSSATO, Maria. S.	BR / RS	1	feminino	branca
431	ROUDART, Laurence	França	1	feminino	branca
432	RUDDIMAN, W. F.	EUA	1	masculino	branca
433	RUELLAN, A.	França	1	masculino	branca
434	RUHE, R. V.	EUA	1	masculino	branca
435	RYLANDS, Anthony B.	Reino Unido	1	masculino	branca
436	SADER, E.	BR / SP	1	masculino	branca
437	SALAMUNI, E.	BR / PR	1	masculino	branca
438	SALGADO, A. A. R.		1		
439	SAMPAIO, L. M.	BR / SP	1	masculino	s / id
440	SANCHEZ, Juan Eugeni	Espanha*	2	masculino	
441	SANCHEZ, Miguel César	BR / SP **	1	masculino	
442	SANT'ANNA NETO, J. L.	BR / SP *	2	masculino	branca
443	SANTORO, Jair	BR / SP *	3	masculino	branca
444	SANTOS, A. R.		1		
445	SANTOS, B. de Souza	Portugal	1	masculino	branca
446	SANTOS, G. F.	BR / PR	1	masculino	branca
447	SANTOS, H. G.	BR / RJ	1	masculino	branca
448	SANTOS, L. J. C.		1		
449	SANTOS, M. C. S. R.		2	feminino	
450	SANTOS, Milton	BR / BA	22	masculino	preta
451	SANTOS, R. D.		1	masculino	
452	SARTORI, M. G. B.	BR / RS	1	feminino	branca
453	SASSEN, S. A.	País. Baixos	1	feminino	branca
454	SAUER, Carl O.	EUA	1	masculino	branca
455	SAVIGEAR, R. A. G.		1		
456	SAVIO, Roberto	BR / ?	1	masculino	branca
457	SAX, D. F.	EUA	1	masculino	branca
458	SCHOLZ, Roswitha	Alemanha	1	feminino	branca
459	SCHUMM, S. A.	EUA	1	masculino	branca

460	SCOTT, Allan		3	masculino	
461	SEABRA, Manoel F. G.	BR/ SP **	2	masculino	branca
462	SEABRA, Odete L. C.	BR / SP	2	feminino	branca
463	SELBY, M. J.	Reino Unido	1	masculino	branca
464	SELLERS, W. D.	EUA	2	masculino	branca
465	SENTELHAS, P. C.	BR / SP *	1	masculino	branca
466	SERAFINI JUNIOR, S.		1	masculino	
467	SERRADJ, Aziz	França	3	masculino	branca
468	SHERMAN, Howard	EUA	1	masculino	branca
469	SIEVER, R.	EUA	1	masculino	branca
470	SILVA, Armando Corrêa	BR / SP	4	masculino	branca
471	SILVA, C. R.	BR / RS	1	feminino	
472	SILVA, Cátia Antonia da.	BR / RJ	1	feminino	preta
473	SILVA, J. X.	BR / RJ	1	masculino	branca
474	SILVA, José B.	BR / CE	1	masculino	branca
475	SILVA, V. de P. da	BR / ?	1	masculino	branca
476	SILVEIRA, Maria Laura	Argentina	3	feminino	branca
477	SIMIELLI, Maria E. R.	BR / ?	1	feminino	branca
478	SIMMONS, Ian Gordon	Reino Unido	1	masculino	branca
479	SINGER, Paul	Áustria	2	masculino	branca
480	SITTE, C.	Áustria	1	masculino	branca
481	SLOCUM, T. A.	EUA	1	masculino	branca
482	SMITH, Neil	Reino Unido	6	masculino	branca
483	SOBEL, Dava	EUA	1	feminino	branca
484	SODRÉ, Nelson Werneck	BR / RJ	1	masculino	branca
485	SOJA, Edward	EUA	4	masculino	branca
486	SORRE, Max	França	1	masculino	branca
487	SOUSA NETO, M. F.	BR / CE	1	masculino	branca
488	SOUZA, Bartolomeu I.	BR / PB	1	masculino	branca
489	SOUZA, M. A. A.	BR / SP *	1	feminino	branca
490	SOUZA, M. Lopes de	BR / RJ	1	masculino	branca
491	SOUZA, Rosemeri M.	BR / SE	1	feminino	branca
492	SPOSITO, Eliseu	BR / SP *	1	masculino	branca
493	STOPPER, Michael		1	masculino	
494	STORPER, M	EUA	3	masculino	branca
495	STRAHLER, A. N.	Índia	1	masculino	branca
496	SUERTEGARAY, D. M. A.	BR / RS	1	feminino	branca
497	SUGUIO, K.	BR / SP	2	masculino	amarela
498	SUMMERFIELD, M. A.	Reino Unido	1	masculino	branca
499	SUNLEY, Peter	Reino Unido	1	masculino	branca
500	TAIOLI, F.	BR / SP*	1	masculino	branca
501	TARIFA, J. R	BR / SP **	2	masculino	branca
502	TAVARES, Renato	BR / SP *	2	masculino	branca
503	TEIXEIRA GUERRA, A.	BR / RJ	4	masculino	branca
504	TEIXEIRA, W.	BR / SP	1	masculino	branca
505	THÉRY, Hervé	França	2	masculino	branca
506	THOMAS, M. F.		1		
507	TOLEDO, M. C. M.	BR / SP	2	feminino	branca

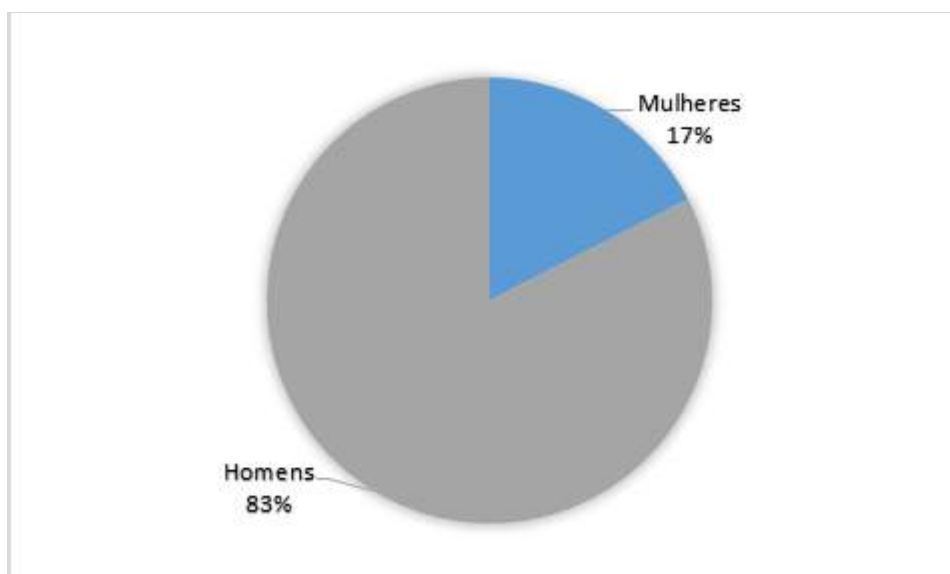
508	TOMINAGA, Lídia	BR / SP *	3	feminino	amarela
509	TOSTA, Coronel Otávio		2	masculino	
510	TRICART, J.	França	5	masculino	branca
511	TROPPMAIR, H.	BR / SP	1	masculino	branca
512	TUBELIS, A.	BR / SP *	2	masculino	branca
513	UNWIN, Tim	Reino Unido	2	masculino	branca
514	VAINER, C.	BR / RJ *	1	masculino	branca
515	VALADARES, J. M. A. S.		1	masculino	
516	VALCÁRCEL, J. O.	Espanha	1	masculino	branca
517	VALVERDE, Orlando	BR / RJ	1	masculino	branca
518	VAREJÃO-SILVA, M. A.		2	masculino	branca
519	VELTZ, Pierre	França	1	masculino	branca
520	VENABLES, Anthony	Reino Unido	2	masculino	branca
521	VENTURI, L.	BR / SP	6	masculino	branca
522	VESENTINI, J. W.	BR / SP	1	masculino	branca
523	VIDAL-TORRADO, P.	BR / SP *	2	masculino	branca
524	VIEIRA, B. C.		1		
525	VILLAÇA, Flavio	BR / SP *	2	masculino	branca
526	CASTRO, E. V.	BR / RJ	1	masculino	branca
527	VLACH, V. R. F.	BR / MG *	1	feminino	branca
528	VOLKOF, B.	França	2	masculino	branca
529	VON ELGELN, O. D.	EUA	1	masculino	branca
530	WAGNER, Philip L.	EUA	1	masculino	branca
531	WAIBEL, L.	Alemanha	1	masculino	branca
532	WALTER, H.	Ucrânia	2	masculino	branca
533	WEIL, R. R.		1		
534	WHITMORE, T. C.	Reino Unido	1	masculino	
535	WHITTAKER, Robert J.	Reino Unido	1	masculino	branca
536	WILSON, Edward O.	EUA	1	masculino	branca
537	WOLMAN, M. G.	EUA	1	masculino	branca
538	WYLLIE, P. J.	Reino Unido	1	masculino	branca
539	YOUNG, A.	Reino Unido	1	masculino	branca
540	ZAOAUL, Hassan	Síria	1	masculino	árabe
541	ZAVANTINI, João Afonso	BR / SP *	2	masculino	branca
542	ZAVOIANU, I.		1		
543	ZULLINI, Aldo	Itália	1	masculino	branca
544	ZUNINO, Mário	Itália	1	masculino	branca

Fonte: Autoria própria com base nos programas das disciplinas (ANEXO A)

3. QUANDO A PESQUISADORA QUERIA ESTAR ERRADA OU RESULTADOS

A listagem de todos os autores e autoras citadas nos programas analisados gerou um número de 544 pessoas, sendo elas quem consideramos as referências comuns²⁸ para a formação do nosso pensamento e referencial teórico enquanto geógrafos e geógrafas formados pelo DGEO. Em relação ao seu gênero, contabilizamos 434 homens e 92 mulheres. Desconsiderando as 18 pessoas sem identificação, podemos observar esses resultados no Gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1: Distribuição de autores e autoras de acordo com o gênero



Fonte: Elaboração própria com base na Tabela 1

Quando pensamos no *número de vezes* que autores/as são citados e usamos essa variável como base para pensar nas outras, temos dados muito interessantes. Os citados/as mais de três vezes, por exemplo²⁹, totalizam 29 pessoas, e são os autores/as que podemos considerar as principais referências para nossos professores e professoras³⁰, já que aparecem tantas vezes. São os que podemos observar na Tabela 2, a seguir.

²⁸ Comuns, pois estamos falando das disciplinas obrigatórias.

²⁹ Optamos por excluir o professor que se auto citou 18 das 19 vezes em que apareceu nos programas do curso.

³⁰ A princípio, faríamos uma análise das autoras/es citadas mais de cinco vezes, o que excluiria muitos dos autores de referência das disciplinas de geografia física, os quais, em geral, aparecem somente até quatro vezes.

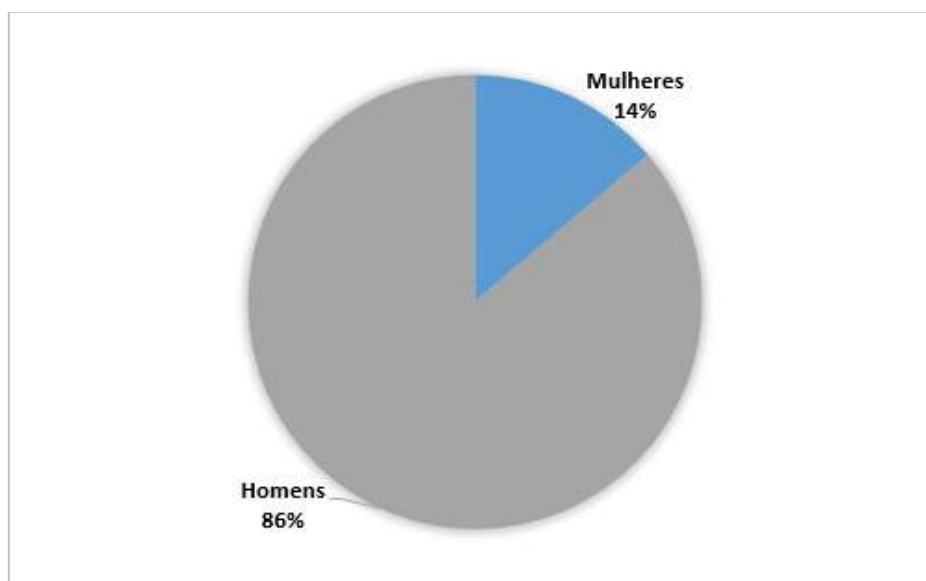
Tabela 2: Autoras/es citadas/es mais de três vezes nos programas

	Nome	País/Estado	Repetições	Gênero	Cor
1	SANTOS, Milton	BR / BA	22	masculino	preta
2	HARVEY, D.	EUA	17	masculino	branca
3	CARLOS, Ana Fani A.	BR / SP	10	feminino	branca
4	AB' SABER, Aziz Nacib	BR / SP *	10	masculino	branca
5	OLIVEIRA, A. U.	BR / SP *	7	masculino	n / id
6	MORAES, A. Carlos	BR / MG	7	masculino	branca
7	LENCIONE, Sandra	BR/ SP	7	feminino	branca
8	GEORGE, Pierre	França	7	masculino	branca
9	LACOSTE, Ives	França	7	masculino	branca
10	LEFEBVRE, H.	França	7	masculino	branca
11	CASTRO, Iná Elias	BR / RJ *	7	feminino	branca
12	CORREIA, R. Lobato	BR / RJ	6	masculino	branca
13	VENTURI, L.	BR / SP	6	masculino	branca
14	SMITH, Neil	Reino Unido	6	masculino	branca
15	MOREIRA, Ruy	BR / RJ	5	masculino	branca
16	ROSS, J. L. S.	BR / SP	5	masculino	branca
17	MARTINELLI, Marcello	BR / SP **	5	masculino	branca
18	LÉVY, Jacques	França	5	masculino	branca
19	TRICART, J.	França	5	masculino	branca
20	OLIVEIRA, F. de	BR / PE	4	masculino	branca
21	SILVA, A. Corrêa	BR / SP	4	masculino	branca
22	BIGARELLA, J. J.	BR / PR	4	masculino	branca
23	TEIXEIRA GUERRA, A.	BR / RJ	4	masculino	branca
24	SOJA, Edward	EUA	4	masculino	branca
25	BERTIN, Jacques	França	4	masculino	branca
26	CAUVIN, Collete	França	4	feminino	branca
27	CLAVAL, Paul	França	4	masculino	branca
28	KAYSER, Bernard	França	4	masculino	branca
29	MONBEIG, P.	França	4	masculino	branca

Fonte: Elaboração própria com base na Tabela 1

Ao nos basearmos nos mais citados/as, a questão de gênero se expressa da seguinte forma: Enquanto no número total as mulheres representam 17% das citadas, ao observarmos os dados de autores/as que são as maiores referências, esse número cai para 14%, pois dos 29 nomes que aparecem mais de três vezes, 25 são de homens e somente 4 são de mulheres, como ilustrado no Gráfico 2.

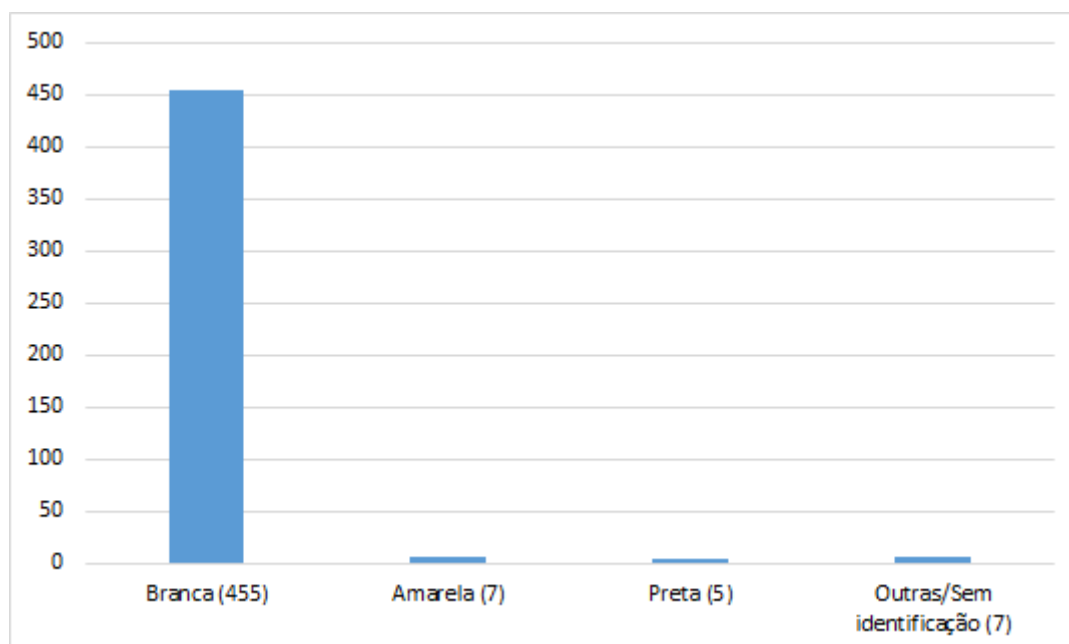
Gráfico 2: Autoras/es mais citadas/es de acordo com o gênero



Fonte: Elaboração própria com base na Tabela 2

Tratando-se da questão racial, das 544 pessoas, não encontramos fontes para análise de 70. Das 474 pessoas analisadas, 96% delas são brancas, como podemos analisar no Gráfico 3:

Gráfico 3: Distribuição de autores e autoras de acordo com raça/cor



Fonte: Elaboração própria com base na Tabela 1

Referente às pessoas mais citadas (TABELA 2) junto da variável raça/cor, encontramos um autor preto, um autor que não conseguimos identificar e 27 pessoas

brancas, somando as 29 mais citadas. Interessante notar que o autor mais citado nos programas do DGEO, somando todas as vezes que seu nome apareceu, foi Milton Santos.

Em relação à localização, encontramos dados referentes a 494 pessoas, não sabendo a origem de 51. Os dados obtidos demonstraram que os/as citados/as vem de 29 países diferentes, sendo: Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Colômbia, Cuba, Eslováquia, Espanha, EUA, França, Hungria, Índia, Itália, Japão, México, Nigéria, Países Baixos, Peru, Polônia, Portugal, Reino Unido, Rep. Checa, Rússia, Síria, Suíça, Ucrânia, Uruguai. Na tabela abaixo (TABELA 3), exibimos seus respectivos continentes, com exceção da América, que optamos por dividir entre América Latina e América do Norte:

Tabela 3: Quantidade de países de cada continente

Continente	Quantidade
Europa	15
América Latina	7
América do Norte	2
Ásia	3
África	1
Oceania	1

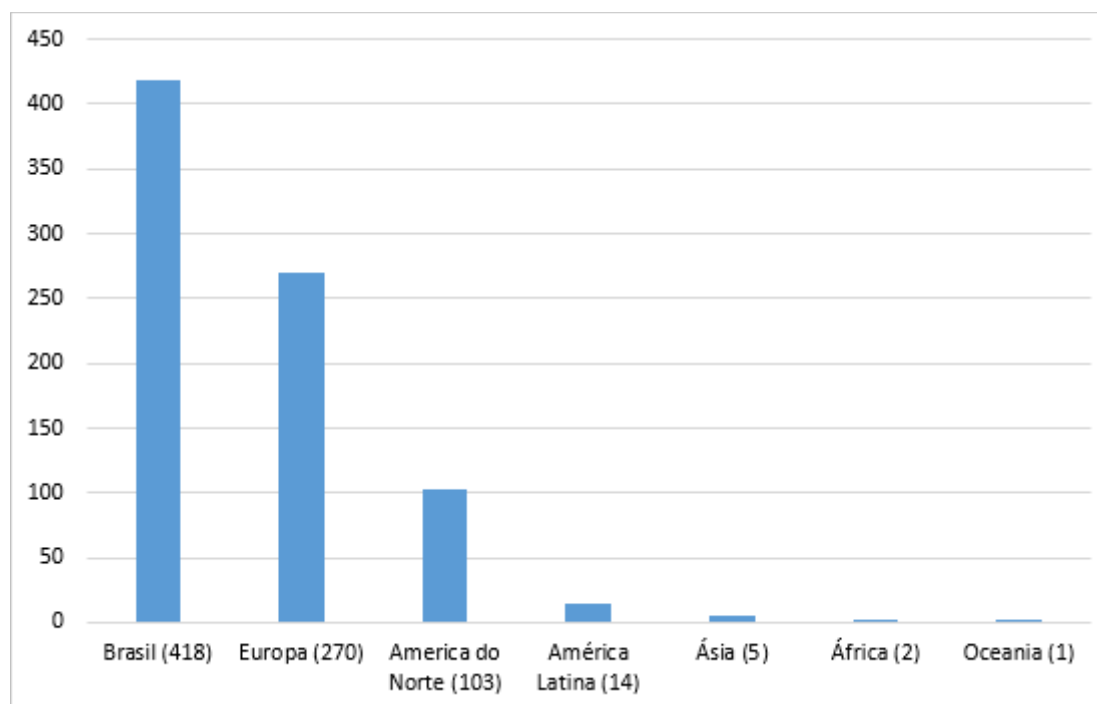
Fonte: Elaboração própria com base na Tabela 1

Nesse momento, é importante ressaltar que, embora existam autores de todos os continentes, a quantidade de vezes que alguns países aparecem é bem discrepante em relação à outros. Por exemplo: Além do Brasil, há dois países que abrigam mais de 50 autores/as citados nas referências bibliográficas do curso. São eles Estados Unidos e França, cada um com o mesmo número de autores/as: 69 pessoas cada³¹.

No gráfico abaixo (GRÁFICO 5), demonstramos a quantidade de vezes que cada continente é citado nos programas, excluindo-se os 51 autores sem fonte, e separando o Brasil da América Latina.

³¹ Importante ressaltar que embora tenhamos termos 69 franceses e 69 estadunidenses diferentes em nossa bibliografia, os franceses são citados 129 vezes e os estadunidenses 98.

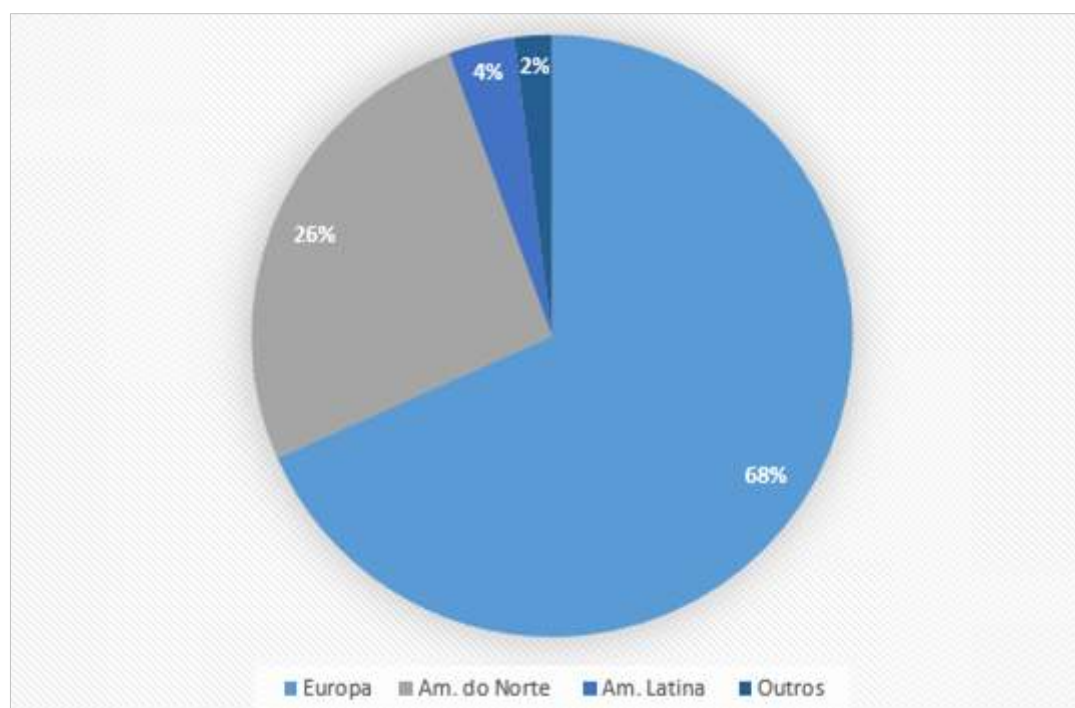
Gráfico 5: Quantidade de vezes que o Brasil e os continentes aparecem



Fonte: Elaboração própria com base na Tabela 1

Em relação aos autores/as que não são do Brasil, temos a seguinte configuração:

Gráfico 6: Distribuição de autores/as de fora do Brasil



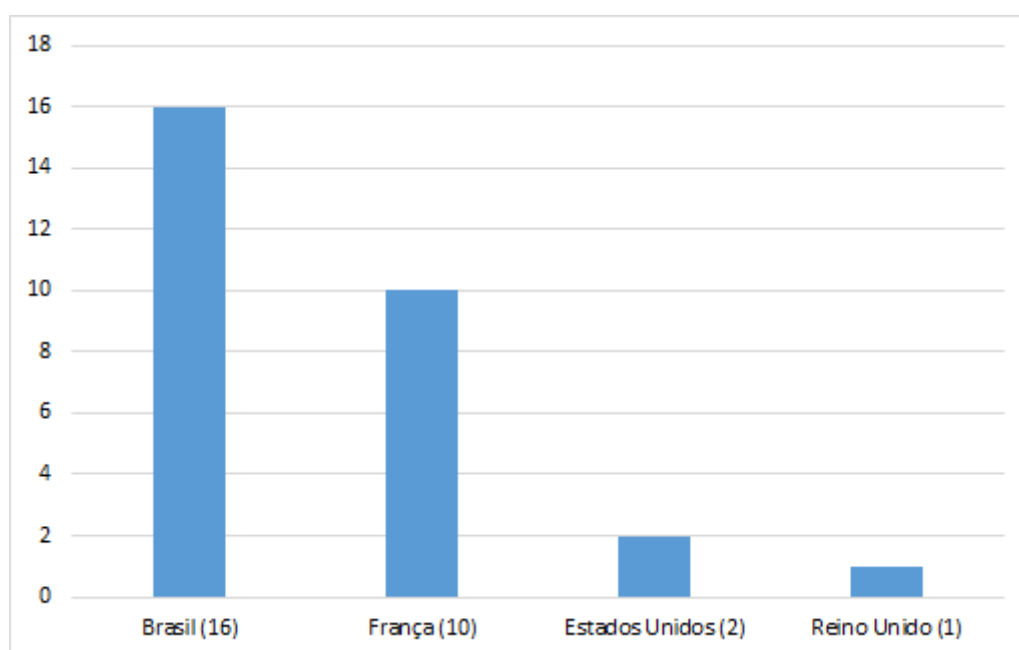
Fonte: Elaboração própria com base na Tabela 1

Assim, notamos que a maioria de autoras/es citados, além de brasileiras/as, são

europeus, representando 68% dos citados, no total de 270 vezes, como apresentado no Gráfico 3. Em segundo lugar, predominam autores/as da América do Norte (Estados Unidos e Canadá), sendo estes citados 103 vezes (GRÁFICO 5), representando, portanto, 26% de autores/as de nossa bibliografia, como exposto no Gráfico 6.

Ao analisarmos o Gráfico 7, podemos perceber que, embora sejam citadas 418 autoras/es brasileiras/os e 270 europeus no total, como demonstrado no Gráfico 5, quando observamos as/os que mais se repetem (com base na Tabela 2) essa proporção se altera.

Gráfico 7: Países de origem de autoras/es que mais se repetem nos programas



Fonte: Elaboração própria com base na Tabela 2

Assim, quando observamos o total de autores localizados (494), a França representa 13% deles, o que é um número considerável, já que estamos falando dos autores individualmente, ignorando a quantidade de vezes que cada um aparece. Também é importante considerarmos, nos dados gerais, os EUA também representam 13% dos autores. Assim, do total de 29 países diferentes que aparecem, dois deles, sozinhos, somam 26% das aparições nos programas. Porém, quando analisamos os mais referenciados, a proporção dos franceses sobe para o número 35%, enquanto os brasileiros são 55%, estadunidenses 7% e pessoas do Reino Unido 3%.

4. O PESO DOS RESULTADOS E OS SENTIDOS DO PRESENTE TRABALHO

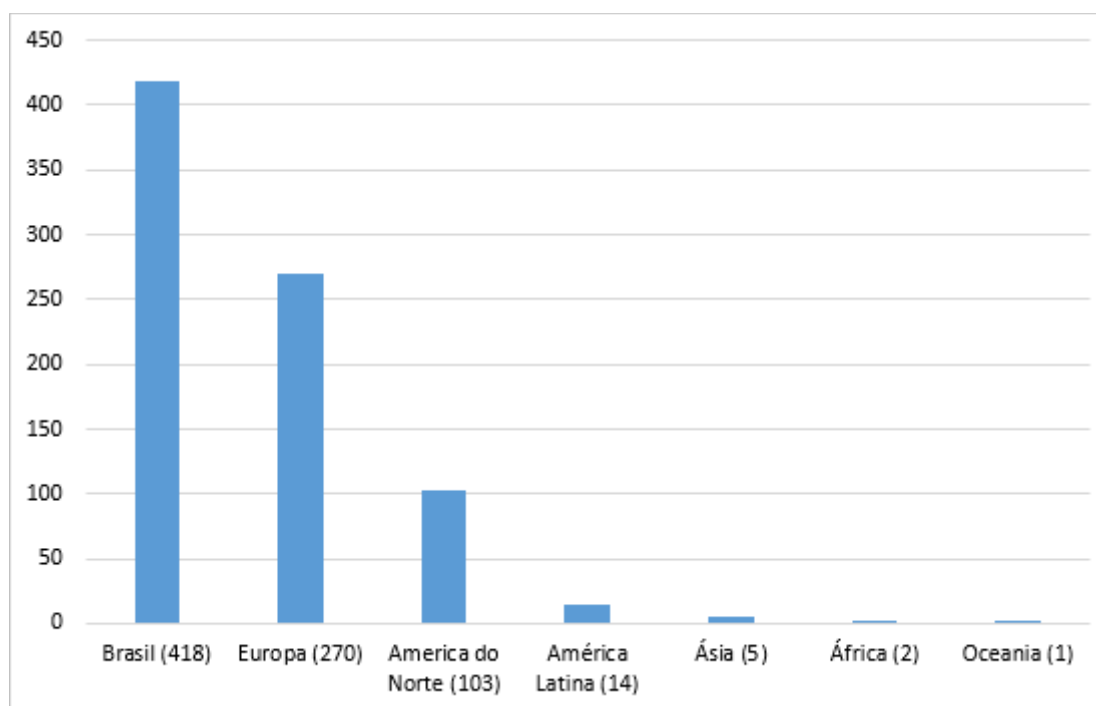
Como já dito, nosso objetivo no presente trabalho não é discutir a questão de gênero ou classe. Optamos por analisar de maneira mais aprofundada a localização e raça/cor dos autores e autoras, realizando uma reflexão na qual tentamos entender o que acontece em nosso curso para que haja a reprodução dos dados apresentados no capítulo anterior. Para Albuquerque Jr.,

É para isto que estudamos história: para que percamos a inocência em relação às coisas que nos cercam; para passarmos a perceber que todo e qualquer aspecto de nossa sociedade e de nossa cultura tem um passado que o produziu, que se explica por um processo que o antecedeu. Nada é assim porque tem que ser ou porque é assim mesmo, mas foi produzido pelos próprios homens [sic], em algum momento, e segundo determinados interesses em meio a determinadas disputas, lutas, conflitos. E é isso que a história nos ajuda a ver. A história nos retira a inocência diante daqueles eventos que nos cercam, prepara a nossa subjetividade para ter uma visão crítica diante das coisas que nos dizem como sendo verdades incontestáveis (2012, p.19)

Assim, é impossível que pensemos nos dados apresentados, referentes aos anos de 2013 a 2019, sem considerarmos processos muito anteriores a esse período. Retomando de modo superficial a história do pensamento geográfico, em nossas aulas aprendemos que desde a década de 1970, no Brasil, há um rompimento extremo com as teorias positivistas, com a consolidação das teorias marxistas. Embora a história esteja sempre em movimento e nada seja absoluto, é comum dizermos que o positivismo foi “superado”. Diante de diversos avanços dados com a sua superação, nos cabe discutir o paradigma da neutralidade/objetividade. Quando se rompe com o positivismo, admite-se que o fazer científico está permeado por interesses e visões de mundo, considerando-se, portanto, que o pesquisador/a não é neutro, tem posição e a expressa, junto de seus interesses e ponto de vista, ao elaborar conhecimento científico.

Quando analisamos o número de autores europeus e estadunidenses em nosso currículo, somos obrigadas a fazer uma indagação: A história não importa? Ou, apesar dela, podemos partir do princípio de que os interesses dos europeus e eurodescendentes são os mesmos que os nossos, embora estejamos numa posição subalterna em relação seus países na divisão internacional do trabalho? Analisemos o Gráfico 5.

Gráfico 5: Quantidade de vezes que o Brasil e os continentes aparecem



Fonte: Elaboração própria com base na Tabela 1

Em nosso currículo, notamos que as pessoas mais citadas são brasileiras. Em segundo lugar, estão os europeus, citados mais de 200 vezes, enquanto os norte-americanos são citados mais de 100 e o “resto”, somado, não passa de 25. Em relação à América Latina, temos somente 11 autores, que aparecem 14 vezes e estão localizados somente em seis países: Argentina, Colômbia, Cuba, México, Peru e Uruguai. Em relação à África, o único país presente é a Nigéria, a partir de John Olaniyi Ayoade, citado duas vezes nos programas.

Para nós, os dados demonstram que, se os colonizadores que vieram às Américas em 1492 a fim de nos civilizar e salvar as nossas almas encontraram diversas formas de resistência contra suas imposições por parte dos povos indígenas desse território, hoje, por parte da geografia da USP, não há nenhuma resistência contra sua influência na colonização de nossos conhecimentos. Os europeus ocidentais bem como os eurodescendentes (os norte-americanos) não só são aceitos, como são os que mais se repetem em nossa bibliografia, além de diversos de seus autores serem as principais referências para a construção de conhecimento geográfico no DGEO.

Tratando da Filosofia, Maldonado-Torres faz trazer a seguinte contribuição:

Durante demasiado tempo, a disciplina da filosofia agiu como se o lugar geopolítico e as ideias referentes ao espaço não passassem de características contingentes do raciocínio filosófico. Evitando, e bem, o reducionismo das

determinações geográficas, os filósofos têm tido tendência para considerar o espaço como algo demasiado simplista para ser filosoficamente relevante. De facto, exigem outras razões relevantes para explicar a alergia ao espaço enquanto fator filosófico provido de significado. Há questões referentes ao espaço e às relações geopolíticas que enfraquecem a ideia de um sujeito epistémico neutro, cujas reflexões não são mais do que a resposta aos constrangimentos *desse domínio desprovido de espaço que é o universal*. Tais questões também põem a descoberto as formas como os filósofos e os professores de filosofia tendem a afirmar as suas raízes numa região espiritual invariavelmente descrita em termos geopolíticos: a Europa. (2008, p. 72 – grifo nosso)

De modo geral, podemos fazer um esforço para tentar entender algumas razões não necessariamente políticas, que fazem com que o domínio do espaço passe “despercebido” na filosofia, embora estejamos de acordo com o autor. Dentro da ciência geográfica, porém, o esforço de ignorar o espaço e/ou o lugar geopolítico na produção do conhecimento *não tem possibilidade nenhuma, em nenhum aspecto*, de fazer algum sentido. A menos que consideremos que a Geografia, na verdade, não importa, não tem relevância.

Para Santos e Pasquarelli,

É necessário questionarmos, assim, por que nas discussões sobre as origens e formas de elaboração do saber, de forma geral e acerca das quais somos formalmente informados, prevalecem proposições que eliminaram do seu arcabouço de reflexões epistemológicas coerentes, não a mera interferência, *mas a centralidade do contexto cultural e político para a produção, reprodução e contestação do conhecimento* (2016, p. 105 – grifo nosso)

Quando ignoramos o contexto dos autores e autoras citados, podemos dizer que a quantidade de vezes que a França aparece pode ser justificada pela história do pensamento geográfico, na qual muitos franceses são considerados clássicos. Mas dos 69 franceses que aparecem 129 vezes, quantos são considerados “clássicos”?³² Não é a “leitura de clássicos” que justifica o currículo tal como ele se apresenta. E ainda que fosse, o que determina quais conhecimentos e autores serão considerados clássicos em relação aos “não-clássicos”? A Prof. Dra. Rosa Ester Rossini, por exemplo, é a primeira geógrafa brasileira a discutir a questão de gênero dentro da Geografia (CORRÊA, 2017). Por que ela não é citada nenhuma vez em nenhum dos programas?

Inferir que os franceses aparecem mais vezes pelo fato de serem “clássicos”,

³² Vidal de La Blache, por exemplo, só aparece duas vezes.

enquanto a maioria dos citados não carrega esse “título”, nos mostra uma concepção de história linear/positivista reforçada em nosso currículo. Afinal, sua produção científica aparece como se os franceses fossem automaticamente portadores de acúmulo do pensar e fazer ciência geográfica somente por serem franceses, como se a história fosse uma sucessão de fatos que se acumulam quase que naturalmente³³ num mesmo território, em nome de uma “tradição”. Mas a quantidade expressiva de autores estadunidenses (26%, como apresentado no Gráfico 6³⁴), por exemplo, não pode ser justificada por nenhuma tradição, diferente da França. O que explica essa representação tão numerosa, se não a divisão internacional – e desigual – do trabalho acadêmico, criada justamente pela Europa Ocidental e seus descendentes?

Se a geografia uspiana foi fundada a partir das “Missões Francesas”, os dados atuais demonstram que não há interesse, pelo menos por parte dos responsáveis pela elaboração dos programas, em *transformar* a história do pensamento geográfico, mas na manutenção das coisas para que continuem a ser o que são. Por quê? Afinal quem tem se beneficiado com a reprodução desse modelo de pensar e fazer a geografia?

Para Quijano (2005), em sua condição de centro do capitalismo mundial e “como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” (p. 121). Para nós, é fundamental pensarmos nessa *subjetividade controlada*, sustentada por corpos que a partir de *seus* pressupostos – e preconceitos – específicos irão produzir conhecimento. Ainda de acordo com Quijano,

[...] a modernidade e a racionalidade foram imaginadas como experiências e produtos exclusivamente europeus. Desse ponto de vista, as relações intersubjetivas e culturais entre a Europa, ou, melhor dizendo, a Europa Ocidental, e o restante do mundo, foram codificadas num jogo inteiro de novas categorias: Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico-científico, irracional-racional, tradicional-moderno. Em suma, Europa e não-Europa. Mesmo assim, a única categoria com a devida honra de ser reconhecida como o Outro da Europa ou “Occidente”, foi “Oriente”. Não os “índios” da América, tampouco os “negros” da África. Estes eram simplesmente “primitivos”. Sob essa codificação das relações entre europeu/não-europeu, raça é, sem dúvida, a categoria básica. Essa perspectiva binária, dualista, de conhecimento, peculiar ao eurocentrismo, impôs-se como mundialmente hegemônica no mesmo fluxo da expansão do domínio

³³ Aqui não está em pauta desprezar o conhecimento dos mais velhos, sequer partir de um pressuposto no qual o novo é automaticamente melhor somente por ser novo.

³⁴ No total dos 26% norte-americanos, encontramos 69 estadunidenses e 04 canadenses.

Nos resultados encontrados observamos a reprodução dessa mesma subjetividade, a partir desse conjunto de categorias racistas criadas pelos europeus, que também criaram a ideia de que tudo que é moderno e racional não só é melhor, como é única e exclusivamente seu (europeu), dado que os “outros” são primitivos, míticos, irracionais. Por isso a importância de pensarmos na colonialidade do poder como um padrão de poder contemporâneo, atual. Afinal, a modernidade é a colonialidade, sendo cada uma um lado diferente de uma *mesma* moeda.

Com os resultados referentes aos autores e autoras citadas nos programas poderíamos concluir que os povos que vivem em regiões temperadas são racionais, enquanto os que vivem próximos da linha do Equador, não. Isso explicaria porque temos apenas *um* (!) pesquisador africano em toda bibliografia das disciplinas obrigatórias do curso – além de mostrar a atualidade do determinismo geográfico enquanto paradigma. Mas não é nisso que acreditamos, não é?

Ao exibir esses dados e denunciá-los a partir desse trabalho, não estamos dizendo que devemos parar de ler todos os franceses e todos os europeus ocidentais, e sim apontar para a importância da

[...] suspensão de qualquer *a priori* que consagra o conhecimento europeu como hierarquicamente superior e, portanto, válido universalmente. Em lugar de uma consagração absoluta e *a priori* de qualquer forma de conhecimento, parte-se do princípio da incompletude de todo saber, uma vez que eles foram forjados em contextos parciais, o que requer conhecimento e diálogo com outros saberes (BERNARDINO-COSTA, p. 39, 2015)

Estamos falando de um movimento no qual “[...] o discurso europeu hegemônico começa a ser questionado por aqueles que sofreram os projetos europeus de cristianização, civilização, desenvolvimento e democratização” (BERNARDINO-COSTA, p. 40, 2015), projeto que também podemos chamar de embranquecimento do mundo. Assim, reforçamos que o problema está justamente na reafirmação de uma *lógica racista*, essa mesma lógica que, há séculos, é utilizada para legitimar o extermínio da população preta e indígena do Brasil e de todos os “outros” que não sejam os europeus e eurodescendentes numa escala global, e o povo considerado branco em qualquer país do mundo.

Ignorando-se os europeus (finalmente), nos cabe pensar a *produção da inexistência* de todos os outros continentes e de todos os outros países e de todos os

outros corpos que não são os mais citados ou que simplesmente nem aparecem no currículo. Como, num curso de geografia encontramos dados tão díspares, no qual um continente é citado 270 vezes e outro aparece apenas *duas*?³⁵ Pensando as diversas formas de produção da inexistência, Santos (2002) nos apresenta a *lógica da escala dominante*.

Nos termos desta lógica, a escala adotada como primordial determina a irrelevância de todas as outras possíveis escalas. Na modernidade ocidental, a escala dominante aparece sob duas formas principais: o universal e o global. O universalismo é a escala das entidades ou realidades que vigoram independentemente de contextos específicos. Têm, por isso, precedência sobre todas as outras realidades que dependem de contextos e que por essa razão são consideradas particulares ou vernáculas. A globalização é a escala que nos últimos vinte anos adquiriu uma importância sem precedentes nos mais diversos campos sociais. Trata-se da escala que privilegia as entidades ou realidades que alargam o seu âmbito a todo o globo e que, ao fazê-lo, adquirem a prerrogativa de designar entidades ou realidades rivais como locais. No âmbito desta lógica, a não-existência é produzida sob a forma do particular e do local. As entidades ou realidades definidas como particulares ou locais estão aprisionadas em escalas que as incapacitam de serem alternativas credíveis ao que existe de modo universal ou global. (2002, p. 248)

É por isso que podemos ler um intelectual que vem dos trópicos e falando sobre a climatologia *dos trópicos*, mas não encontramos uma peruana ou um boliviano cujas teorias sejam utilizadas para que pensemos o mundo como um todo, ao passo que praticamente qualquer francês pode vir a ser referência para o DGEO. Tudo que é europeu é criado como universal, como passível de ser “aplicado” ao mundo, enquanto as outras experiências, muitas delas parecidas com as do território brasileiro, inclusive, são consideradas “locais”. É como se o conhecimento não fosse situado. Assim,

O questionamento do qual estamos falando não é somente um questionamento interno à modernidade, senão a partir da sua exterioridade, daqueles que estiveram invisibilizados, porque foram produzidos como inexistentes. Foram produzidos como inexistentes porque foram classificados como sem escrita, sem história e sem pensamento. A celebração da modernidade ocidental supunha a negação do outro (BERNARDINO-COSTA, p. 40, 2015)

Quando tratamos dos dados referentes a questão racial, em primeiro lugar, cabe

³⁵ Estamos falando da Europa e da África, respectivamente. Vale lembrar que a África é citada duas vezes porque o pesquisador nigeriano Ayoade aparece duas vezes. Assim, em todo continente, há somente um autor considerado importante o suficiente para aparecer no currículo.

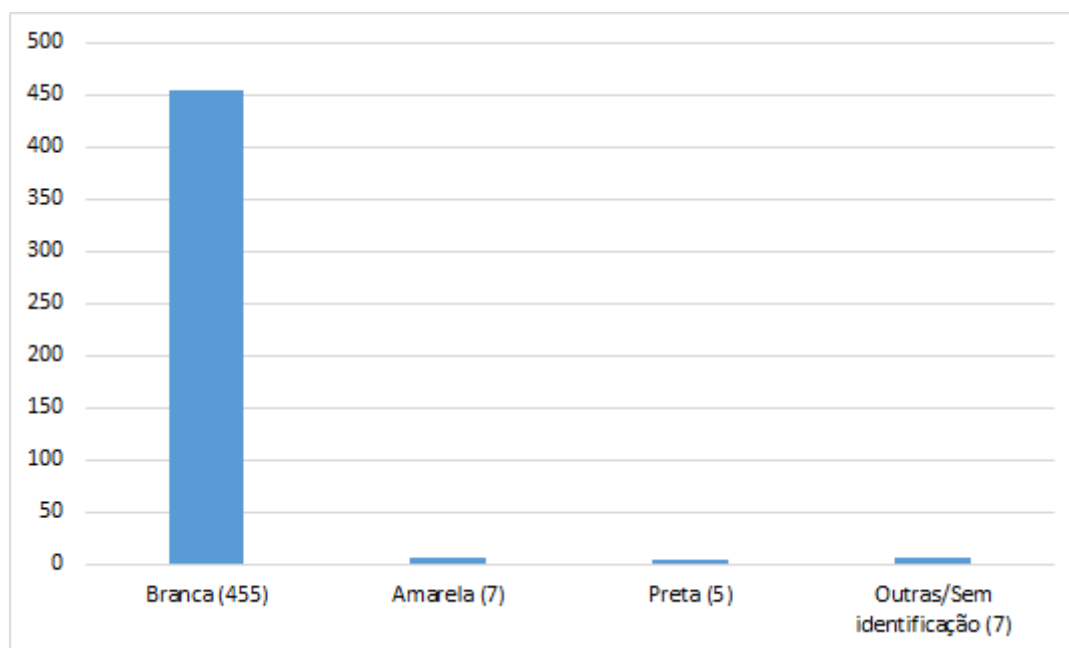
dizer que optamos por não discutir a questão indígena porque nossa proposta era inferir a cor dos autores e autoras que aparecem nos programas, e não a sua etnia ou ancestralidade, que não são detectáveis através de fotos. Ademais, nosso foco era o racismo anti-preto, pois pouco sabemos sobre a questão indígena de modo mais completo e os sentidos do epistemicídio no seu caso. Falar sobre a questão indígena sem saber sobre ela, para nós, seria mais uma forma de colonização do que de visibilidade. Ainda assim, a falta de autores e autoras indígenas em nosso currículo é óbvia e absurda, bem como a ausência de discussão sobre a questão indígena dentro do curso.

De acordo com Bernardino-Costa, “num plano global, a colonialidade tem justificado o 'eu conquisto', enquanto em planos nacionais tem justificado os processos de exclusão, desigualdade, desumanização e silenciamento” (2015, p. 51). Atentemo-nos para essa questão escalar para análise do nosso currículo. Dos cinco autores e autora pretos/a que aparecem nos programas, apresentados novamente no Gráfico 3 abaixo, quatro são do Brasil. Para Bernardino-Costa,

As experiências coloniais são as mais diversas possíveis, ocorrendo nas margens externas dos projetos globais (nas Américas, Ásia, Norte da África) e no interior dos países centrais (latinos e negros nos EUA; paquistaneses, indianos e negros no Reino Unido, argelinos na França, etc.) (2015, p. 48)

Assim, é fundamental dizer, mais uma vez, que o problema não é somente a quantidade absurda de europeus e estadunidenses (eurodescendentes) em nosso currículo, e sim o fato destes fazerem parte não só de territórios-nação específicos, mas de corpos-território muito bem específicos também. As vozes silenciadas em França, Estados Unidos, Espanha, Reino Unido e até mesmo em Colômbia ou Argentina são as mesmas, e elas também são silenciadas nos programas analisados.

Gráfico 3: Distribuição de autores e autoras de acordo com raça/cor



Fonte: Elaboração própria com base na Tabela 1

Do total de 474 pessoas analisadas, 96% delas são brancas. Num país de maioria negra, não nos faltam palavras – mas falta estômago – para discutir sobre esses dados. Para Bernardino-Costa (2015), “trazer a voz subalterna para o primeiro plano significa reconhecer a existência de diversos projetos decoloniais, que são silenciados ou produzidos como inexistentes pela *narrativa hegemônica da nação*” (p. 19 – grifo nosso).

A reprodução desses dados nos mostra que dentro do DGEO se parte da premissa desta narrativa hegemônica de nação, disseminada pela colonialidade do poder, tendo como seu representante clássico no Brasil o intelectual Gilberto Freyre. A importância de discutir a questão racial está aqui: quando os geógrafos e geógrafas *ignoram* a questão racial, o racismo não “desaparece”. Ele não é discutido, ele não é superado. Não tomar posição, desde então, significou a aceitação da hegemonia, nesse caso, da ideia da democracia racial como premissa para a produção do conhecimento. Afinal, o que mais explicaria esses dados?

Perceber que somente 19 pessoas não são brancas num total de 474, nos mostra que, de fato, existe uma divisão *racial* do trabalho, e que essa divisão não acontece por acaso, mas está baseada nos critérios e premissas que vem justamente do mesmo lugar de onde são a maioria dos autores mais lidos em nosso currículo: da Europa. Coincidência? Os resultados encontrados na geografia da USP, portanto, nos revelam uma das faces do genocídio do povo preto, o epistemicídio, ao negar nossa humanidade através produção da inexistência de nossos corpos como capazes de gerar de

conhecimento e, no limite, da produção de nossa própria inexistência. Para Bernardino-Costa (2015), em escala nacional o epistemicídio se efetiva “[...] por meio do silenciamento e de desprezo de outras narrativas e outros conhecimentos, como por exemplo, uma narrativa epistemologicamente negra ou indígena da nação brasileira” (p. 39).

Por isso apostamos tanto na necessidade de pensarmos a partir da colonialidade do poder, afinal, o que vemos apresentado nesta lógica é a reprodução de um colonialismo interno, a partir da perspectiva da consciência branca. Contra isso, propomos uma perspectiva subalterna.

Partimos do pressuposto de que ao longo da história colonial, iniciada por Portugal e Espanha, nenhuma população do globo ficou livre dos projetos políticos, econômicos e cognitivos modernos. Dessa forma, não supomos a existência de alteridades “puras”, senão do pensamento “entre” quadros conceituais, em que a corpo-geopolítica do conhecimento constituiu-se numa realidade, tanto no reconhecimento dos condicionantes do suposto conhecimento universal (produzido, em geral, por homens brancos europeus) quanto no reconhecimento de que os saberes subalternos também são conhecimentos contextualizados corpo e geopoliticamente (BERNARDINO-COSTA, 2015, p. 41)³⁶

Dessa maneira, consideramos importante a noção de pensamento fronteiriço, esse “que é duplo, porque é a consequência do embate de no mínimo duas histórias locais, sendo que uma delas se pensa como global” (BERNARDINO-COSTA, 2015, p. 48). A necessidade de superação do epistemicídio, num primeiro momento reside, portanto, na necessidade de conhecermos pensamentos que são, *de fato*, contra hegemônicos, posto que produzidos por corpos que sofreram diretamente tanto o colonialismo numa escala global como o sofrem até hoje, numa escala menor, que vai do território estatal onde se vive num país ao território do bairro que se vive numa determinada cidade e, por fim, aos nossos próprios corpos, primeira escala do território³⁷.

Assim, conforme Guerra (2018), “Aqui não se trata de afirmar uma perspectiva essencialista, mas de reconhecer uma história específica” (p. 31). O que queremos dizer, sem dúvida, é que o contexto importa; que as diferentes geografias que nos cercam são

³⁶ Bernardino-Costa escreve a partir da contribuição de autores como bell hooks, Mignolo e Haraway)

³⁷ O que queremos dizer é que, se a nível nacional todos “brasileiros” sofremos a divisão internacional do trabalho, na escala do país as desigualdades e colonialismos internos são vividos de modo diferente. Uma pessoa que vive no estado de São Paulo vive e é vista de modo diferente em relação a alguém de Rondônia, por exemplo. Uma pessoa que vive em Perdizes vive e é vista de modo diferente se comparada a alguém do Capão Redondo. Uma pessoa que é branca vive e é vista de modo diferente em relação a alguém que vive e é visto como preto.

relevantes, o lugar que nosso corpo ocupa no mundo nos faz ser quem somos e, a partir deles, produzir conhecimentos: por isso, somos diferentes. Se não fossemos diferentes, os resultados do Gráfico 3 seriam muito mais harmônicos, não seriam? Isso porque nossa diferença não é considerada “diferença”, e sim inferioridade.

Para Carneiro *apud* Foucault (2005), a partir do século XVIII, “[...] se atribuiu um corpo para ser cuidado, protegido, cultivado, preservado de todos os perigos e de todos os contatos, isolado dos outros para que mantivesse seu valor diferencial” (p. 44). Esse é o corpo branco, inventado como neutro, superior e modelo de desenvolvimento para todos os outros. De acordo com a autora,

Daqui é que deriva o senso comum, segundo o qual a vida dos brancos vale mais do que a de outros seres humanos, o que se depreende, por exemplo, da consternação pública que provoca a violência contra brancos das classes hegemônicas, em oposição à indiferença com que se trata o genocídio dos negros e outros não-brancos em nossa sociedade. Aqui está o princípio da autoestima e a referência do que é bom e desejável no mundo, estabelecendo o branco burguês como paradigma estético para todos (CARNEIRO, 2005, p. 44)

Assim, consideramos que a divisão racial presente no currículo do DGEO contribui para a desumanização dos corpos não brancos, à medida que, além dos responsáveis pelo curso não discutirem em nenhum momento a questão racial, também ignoram a produção acadêmica de autoras e autores pretos³⁸, reafirmando, com sua prática, que nós, pretos e pretas, não temos muito a acrescentar em relação ao conhecimento. O que isso significa dentro de uma instituição cujo propósito central é, justamente, a produção de conhecimento? Em suma, que nós não servimos para nada.

Acreditamos que a tarefa inicial de todas e todos que estejam interessados em produzir um conhecimento-estratégia de transformação da sociedade deve, no mínimo, trabalhar cotidianamente na tentativa de *reconhecer a diversidade epistemológica do mundo*. Desde a invenção do racismo, os povos que o inventaram são ouvidos, escutados, referenciados, enquanto os povos que sofreram todas as suas violências em seus corpos-território, são silenciados (sendo o próprio silenciamento uma dessas violências). Se quisermos construir conhecimentos relevantes para a sociedade como um todo (não somente para a manutenção da supremacia branca), por que não começar pelo conhecimento das epistemologias dos povos que desde 1492 eram para estar mortos e

³⁸ Aqui, mais uma vez mostramos que exigimos o mínimo. Sequer estamos falando da necessidade de entender que todos os saberes são válidos, não só os acadêmicos. Nosso problema é que mesmo as/os doutoras/es e intelectuais de dentro da academia são ignorados pelo DGEO quando são pretas/os, indígenas ou não-brancos.

ainda assim, continuam vivos?

Quantas experiências e conhecimentos tem um povo que foi roubado de sua casa, separado de toda sua família, impedido de falar sua língua e seu próprio nome e que, ao chegar às Américas, ainda assim recriou sua família a partir dos terreiros, construiu novamente sua casa e seus conhecimentos a partir da troca com os povos originários e apesar da imposição do português, continua rezar e nomear todos os seus rituais em sua língua materna? O que tem a ensinar todos os povos que, apesar das tentativas seculares de extermínio, simplesmente não morreram?

Tal colonialidade do poder, a critério de localização expressa na ausência de diferentes saberes vindos do Paraguai, da Guiné-Bissau, do Suriname etc., por exemplo³⁹, e a critério de raça expressa na ausência significativa de autores e autoras que não sejam brancos, garante a manutenção das coisas como estão. Sabemos que o curso de Geografia da USP é referência em todo país, sendo um dos responsáveis por manter a universidade entre as melhores do mundo, de acordo com os critérios e *rankings* elaborados por... Por quem? Realmente deve ser difícil sair dessa posição de conforto, pois *não se mexe em time que está ganhando*. Mas afinal quem é que está ganhando?

Para Bernardino-Costa, “[...] tomando como ponto de partida a visão dos subalternos podemos olhar o mundo de ângulos críticos à perspectiva hegemônica” (2015, p. 26). Para além da importância do conhecimento dos subalternos na produção de conhecimento contra hegemônico, quando falamos de epistemicídio, também apontamos para o que há muito tempo tem sido uma demanda do próprio corpo docente do curso de geografia, cada vez mais plural, cada vez mais escuro. Para Nkosi,

A especificidade do racismo é que o negro não pode disfarçar ou esconder a marca da sua diferenciação: “o negro é escravo da sua aparição” (Fanon, 2008) e a presença de sua corporeidade aciona, ao menor contato, todas as representações positivas ou negativas relacionadas ao lugar do escravo na divisão escravista de trabalho: o corpo (2014, p. 80)

A partir da vivência em um corpo-território que não pode se esconder, que não pode ser outro em nenhum lugar, seja na cidade ou no campo, nos aparece como fundamental construir conceitos e categorias da análise – bem como conhecer as já existentes, que nos permitam desvendar o modo como a geografia se apresenta e é vivida para e por nós. Ser escravo/a de sua aparição significa pensar a partir do critério de raça. O conhecimento geográfico também tem de fazer sentido para nós: afinal, a

³⁹ Nossa intenção inicial também era a de entender a divisão regional do trabalho acadêmico no país, mas a dificuldade em encontrar dados confiáveis sobre as autoras/es nos fez desistir.

geografia de nosso corpo é extremamente racializada porque todas as escalas geográficas possíveis também são.

Uma primeira versão deste capítulo continha algumas páginas a mais, nas quais apresentávamos diversos elementos que justificavam a necessidade de lermos mais intelectuais pretos e pretas em nosso curso, o que, afinal, não precisa ser dito. Se os dados apresentados não são, *a priori*, justificativas para a necessidade de termos outras referências, nada mais será.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*De volta ao motivo, não
De volta ao motivo do motivo
Mil voltas no mundo
Em buscas e buscas
Depois mais mil voltas em círculo
Um circo num cerco de insanidade
A fim de recuperar o que cê já tinha no início
(Don L – Aquela Fé)*

Como pôde ser observado, o foco deste TGI foi a *produção de conhecimento geográfico*, elemento do qual partimos para discutir a necessidade urgente de revisão das referências apresentadas nos programas das disciplinas, disciplinas que, por sua vez, irão fazer com que nos tornemos geógrafas e geógrafos, sejamos nós educadoras/es, pesquisadoras/es etc. Como solução para alteração dos dados tão infelizes que encontramos, consideramos o papel fundamental da *educação*.

Um dos projetos educativos que consideramos mais importantes no território brasileiro, para além da rede pública de ensino como um todo, é a pedagogia do Movimento Sem Terra.

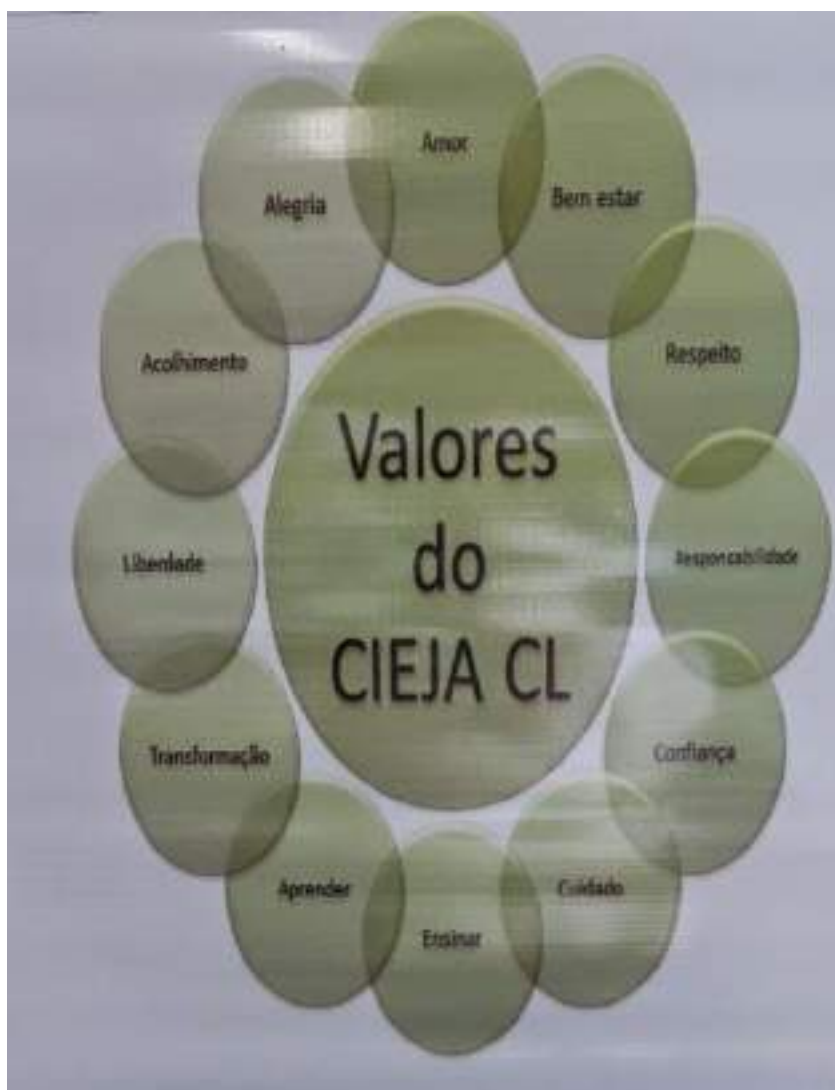
A Pedagogia do Movimento se produz no diálogo com outros educadores, outros educandos e outros movimentos pedagógicos. Foi exatamente na interlocução com pessoas e obras preocupadas com a formação humana, que conseguimos refletir sobre o MST como sujeito pedagógico. Desde esta nova síntese continuamos nosso diálogo com teorias e práticas da formação humana, e uma reflexão específica sobre o ambiente educativo de nossas escolas.

Deste diálogo entre as práticas do Movimento e as reflexões sobre formação humana construídas ao longo da história da humanidade, um primeiro produto diz respeito à própria concepção de educação. Quando tratamos de práticas de humanização dos trabalhadores do campo como uma obra educativa, estamos na verdade recuperando um vínculo essencial para o trabalho em educação: educar é humanizar, é cultivar os aprendizados de ser humano (CALDART, 2003, p. 52)

Ao ler esse pequeno trecho, fica claro que o modo como se forma a pedagogia do movimento é justamente o processo de *estar em movimento*, ou seja, na troca com diferentes sujeitos, organizações etc. Além disso, nos cabe destacar a noção de que *educar é humanizar*. Para nós, a pedagogia do MST deve ser uma referência para a produção do conhecimento geográfico, em especial, para o modo como se organiza o próprio DGEO.

Outro projeto educativo que consideramos fundamental para pensarmos a transformação do Departamento de Geografia é a experiência do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos do Campo Limpo, o CIEJA Campo Limpo⁴⁰. Na escola, tanto a gestão escolar como educandos, educadores e a própria comunidade estão alinhados de acordo com os valores do CIEJA, apresentados na Figura 1:

Figura 1: Valores do CIEJA Campo Limpo



Fonte: Blog da Escola. Disponível em: <http://blogdociejacampolimpo.blogspot.com/p/valores.html>

Para além das pedagogias apresentadas acima, também gostaríamos de falar da pedagogia do terreiro, uma proposta extremamente rica, que parte de uma comunidade de terreiro do campo chamada Caxuté, localizada em Valença, no Baixo Sul da Bahia. Desenvolvida por Mam'etu Kafurengá, a proposta da pedagogia do terreiro, além da oralidade e da premissa de que todos têm o que ensinar e o que aprender, é a do

⁴⁰ Projeto no qual tivemos a honra de participar através do Programa Unificado de Bolsas (PUB)

protagonismo de sujeitos historicamente excluídos pela sociedade hegemônica.

Como as pessoas de nossa comunidade sofrem os mais diversos tipos de preconceito e discriminação fora de nosso Nzo, nossa pedagogia de terreiro se propõe a criar outra forma de nos relacionarmos entre nós e com o mundo. Acreditamos que a população negra e indígena deve se entender como protagonista da história. Em nossa pedagogia, essas pessoas são colocadas no centro do mundo (KAFURENGÁ, 2019, p. 41)

Ainda de acordo com Kafurengá, pedagoga e Mam'etu nksi do Nzo Caxuté (mãe de santo do Terreiro Caxuté),

Ao criarmos uma pedagogia que coloca o negro e o indígena enquanto protagonistas centrais do processo, como produtores de saberes e fazeres, como seres que tem muito a ensinar e também muito a aprender, estamos criando uma proposta de educação que poderia ir além dos dendezeiros e matas do Caxuté: podem ser uma referência para as escolas públicas em geral.

A falta de acesso aos estudos por parte da população negra e indígena não pode nunca ser vista como algo natural, muito menos como uma escolha individual de cada pessoa: ela é uma imposição. Isso inclui a “democratização” da educação, inclusive. Se nosso povo deixa de frequentar a escola, quantas vezes isso não acontece porque o conhecimento que lá existe não tem sentido para suas vidas? Ou pior ainda, o conhecimento que tem lá é o que faz com que nosso povo se sinta inferior em relação aos brancos? Incapazes em relação aos europeus? (KAFURENGÁ, 2019, p. 41-42)

Um elemento central na obra de Boaventura de Sousa Santos (2002), que depois será discutido por autores como Sueli Carneiro (2005) ou Joaze Bernardino-Costa (2015), referências para esse trabalho, é o chamado *desperdício da experiência*, processo no qual se criam “formas sociais de não-existência produzidas ou legitimadas pela razão metonímica” (SANTOS, 2002, p. 248-249)

A primeira lógica, do *ignorante*, “Consiste na transformação da ciência moderna e da alta cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética, respectivamente” (SANTOS, 2002, p. 247). A lógica *residual*, base sob a qual a “modernidade ocidental produz a não-contemporaneidade do contemporâneo” (SANTOS, 2002, p. 247) é a lógica que irá condenar o campesinato como “atrasado”, por exemplo, embora ele esteja presente no agora. A terceira forma de produção de não-existência é a do *inferior*, lógica que legitima a noção de que homens são biologicamente superiores às mulheres, brancos naturalmente superiores aos indígenas etc., o que não pode mudar pois “é natural”. A quarta lógica, do *local*, é a já citada “Lógica da escala dominante. Nos termos desta

lógica, a escala adotada como primordial determina a irrelevância de todas as outras possíveis escalas” (SANTOS, 2002, p. 248). Por fim, temos lógica do *improdutivo*, segundo a qual “[...] a não-existência é produzida sobre a forma do improdutivo que, aplicada à natureza, é esterilidade e, aplicada ao trabalho, é preguiça ou desqualificação profissional (SANTOS, 2002, p. 248).

Assim, quando partimos da premissa das lógicas apresentadas, nos tornamos cegos e cegos para o que nos cerca, desperdiçando diversas experiências importantes que não se tornam referências porque não são acadêmicas, porque são “atrasadas”, porque não vêm de corpos específicos ou de países específicos, porque não são realizadas a partir dos critérios dos “de fora”, como é o caso tanto da Pedagogia do Movimento Sem Terra como da Pedagogia do Terreiro do Caxuté e do CIEJA Campo Limpo.

Se o modelo de ensino presente no DGEO pode vir de uma realidade tão distante (geográfica e socialmente) da nossa como a francesa, por que não podemos considerar as experiências apresentadas nestas considerações como referências para nós? De certo, elas são experiências locais, assim como eram as próprias universidades, *até não serem mais*. Os projetos educativos brevemente apresentados na conclusão desse trabalho partem da ideia de que *educar é humanizar*. Afinal, como *não* partir desse pressuposto, numa sociedade que se caracteriza justamente pela desumanização dos nossos corpos?

Para além da humanização, as pedagogias apresentadas acima demonstram *outro* modo de organizar os conhecimentos a serem debatidos – e criados – pelos educandos, no qual existe um diálogo cotidiano entre todas e todos que fazem parte do processo, partindo de uma demanda coletiva o que deve ou não ser discutido nas aulas ou projetos, não da demanda dos que tem mais títulos acadêmicos.

Como já dito ao longo desse trabalho, ele foi realizado porque diversas vezes muitos de nós dizíamos que líamos poucos autores pretos e pretas. Estávamos certos: nos programas das bibliografias obrigatórias, os únicos que aparecem são: Prof. Dr. Milton Santos, em praticamente todas as disciplinas⁴¹, o Prof. Dr. John Olaniyi Ayoade⁴² e Prof. Dr. Nelson Jesus Ferreira⁴³ (nas disciplinas de Climatologia I e II), o Prof. Dr.

⁴¹Embora em muitas delas apareça como obra a ser criticada, não referência.

⁴² Ayoade é reconhecido mundialmente, assim como Milton Santos. O pesquisador nigeriano é responsável pelo livro *Introdução à Climatologia para os Trópicos*, e é professor universitário desde 1948.

⁴³ Mesmo aposentado, Ferreira continua como professor colaborador do Curso de Meteorologia do INPE, sendo um pesquisador extremamente importante na área e, portanto, na sociedade.

Andrelino de Oliveira Campos⁴⁴ e a Profa. Dra. Cátia Antônia da Silva⁴⁵, ambos na disciplina de Geografia Urbana I.

Sendo a criação de *referencias teóricas pretas* uma demanda coletiva, sabemos que sua resolução também será coletiva. Com a conquista das cotas raciais e sociais na universidade, a cada vestibular aumenta a quantidade de pessoas que escurecem o DGEO. Cada vez mais encontramos corpos-territórios que desafiam a lógica eurocentrada hegemônica dentro da universidade, optando por autores e autoras que não estão no currículo, exigindo que os subalternos, as inexistentes e tudo aquilo que até então, não importava, seja visto.

Que o modo como esses projetos educativos se organizam, baseados na necessidade de humanização e no entendimento de que todos os conhecimentos são valiosos, se tornem referências para os processos de ensino-pesquisa-extensão da universidade. Afinal, também cabem aos educandos/as decidir os temas que serão tratados, as disciplinas que serão ministradas: exemplos de *como* fazer isso, nós já temos, ainda que sejam organizados por pessoas pobres, por pessoas pretas, pelos sujeitos subalternos do campo, pelos candomblezeiros, pelos Sem Terra, pelos analfabetos, travestis, portadores de síndrome de Down, pelas professoras e professoras da rede pública e básica de ensino⁴⁶.

Que nossas referências sejam esses que não tem lugar no *brasil* dos brasileiros, esses que cotidianamente desumanizados/as, são os que mais tem a ensinar sobre *humanidade*, e, sobretudo, sobre *dignidade e justiça*.

⁴⁴ Campos é nacionalmente conhecido por sua militância no movimento negro. Além disso, é reconhecido na academia por diversas de suas obras, em especial pelo livro *Do Quilombo à Favela: A produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro*. Campos, que faleceu em 2018, era professor na UERJ.

⁴⁵ Cátia Antônia da Silva aparece no programa a partir do livro *"Metrópoles em Mutação"* é Prof. Dra. na UERJ, tendo como foco a pesquisa em geografia urbana. Além disso, atualmente Silva ocupa o cargo de Diretora do Departamento de Extensão da UERJ.

⁴⁶ Estamos falando dos sujeitos que compõe o Movimento Sem Terra, a Comunidade Caxutê (onde se desenvolve a Pedagogia do Terreiro), o CIEJA Campo Limpo e, quem diria, o curso de Geografia da Universidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. 3a ed. São Paulo: Edições MMM, 2012.

APPLE, M. W. Políticas de direita e branquidade: a presença ausente da raça nas reformas educacionais. **Revista Brasileira de Educação**, No 16, 2001.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **Saberes Subalternos e Decolonialidade: os Sindicatos das trabalhadoras domésticas do Brasil**. Brasília: Ed. UnB, 2015

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. *Tese de doutoramento em Educação pela Faculdade de Educação da USP*. São Paulo, 2005.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. Inscrições da racialidade no pensamento geográfico (1880 1930). *Tese de Doutorado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense*. Niterói (RJ), 2015.

CORREIA, G. S. Raça como critério de di-visão de mundo: um deslocamento para o debate sobre as classificações sociais na geografia. In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geografia**, Vitória: ES, agosto de 2014.

CORREIA, Suzi Meire. Mulheres-geógrafas: as pioneiras do Departamento de Geografia da USP. *Trabalho de Graduação Individual (TGI)* – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.tcc.sc.usp.br/tce/disponiveis/8/8021104/tce-17122018-122925/?&lang=br>.

Acesso em 07 mai.2019

COSTA, Sueli Gomes. Movimento Feminista, Feminismos. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, número12, setembro-dezembro de 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12nspe/a03v12ns.pdf>. Acesso em 08 mai.2019

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2016

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Minas Gerais: Editora UFJF, 2010.

GIROTTI, E. D. A classe trabalhadora vai à universidade: Análise das implicações político-pedagógicas a partir dos dados do Departamento de Geografia - USP. In: **Revista da ANPEGE**. V.13, n.20, jan./abr. 2017, p.209-235.

GUERRA, Geinne Monteiro de Souza. Pacífico Negro Colombiano: territorialidades e os movimentos negros de 1980 e 1990. *Trabalho de Graduação Individual (TGI)* – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

HOOKS, b. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras. Nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, p. 188-198, 2000.

KAFURENGÁ / SANTOS, Maria Balbina dos. **Pedagogia do Terreiro: Experiências da Primeira Escola de Religião e Cultura de Matriz Africana do Baixo Sul da Bahia, Escola Caxuté**. Salvador, Editora Kalango, 2019.

LÓPEZ, Laura Cecilia. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. In: **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.16, n.40, p.121-34, jan./mar. 2012.

MALDONADO-TORRES, Nelson: A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, Março 2008: 71-114.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2018.

MOURA, Clóvis. O racismo como arma ideológica de dominação. In: **Revista Princípios**, São. Paulo, No. 34, 1994.

NKOSI, Deivison Faustino. O pênis sem falo: Algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, E. **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Ed: Cultura Acadêmica, 2014.

PONTES, P. A. M. M. Cultura política e Geopolítica do conhecimento. In: **Revista ANALECTA**. Guarapuava, Paraná, v.14 , n. 1 , p. 11 - 20 Jan./Jun. 2013/2015

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. Ed. Contexto, 1990.

_____. A geografia está em crise. Viva a Geografia! In: **Boletim Paulista de Geografia**, número 55, 1978.

QUIJANO, Aníbal. ¡Qué tal Raza! In: **América Latina en Movimiento**, No. 320, 2011

_____. Colonialidade do poder e classificação social. IN: SANTOS, Boaventura de Souza & MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010

_____. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **Colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, CLACSO, 2005.

RATTS, A. Corporeidade e diferença na geografia escolar e na geografia da escola: Uma abordagem interseccional de raça, etnia, gênero e sexualidade no espaço

educacional. In: **Revista Terra Livre**, N. 46 (1): 114-141, 2018. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/68>. Acesso em 02 de jul.2018

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 63, 2002. Disponível em: <http://rccs.revues.org/1285>. Acesso em 12 maio.2017

SANTOS, Elisabete Figueroa dos; PASQUARELLI, Bruno Vicente Lippe: Relações Raciais e Epistemicídio: A Artimanha Poética como Política de Enfrentamento aos Atentados ao Horizonte Simbólico Negro no Brasil e na África do Sul. In: **Educação, Artes e Inclusão**. Vol. 12, número 03, 2016

SANTOS, Milton. O papel ativo da Geografia. Um manifesto. In: **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 5, número 9, jul/dez 2000. Disponível em: www.revistaterritorio.com.br/pdf/09_7_santos.pdf Acesso em 14 jul.2017

SILVA, Priscila Elisabete da. Um projeto civilizatório e regenerador: análise sobre raça no projeto da Universidade de São Paulo (1900-1940). *Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Educação*. São Paulo, 2015.

ANEXO A – TODOS OS PROGRAMAS

06/08/13) Unidades I e II. → *Neoclássicos e Keynes*

HUNT, E.K. *História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. (capítulos 10 e 15).

MOREIRA, Ray. *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Contexto, 2008. (capítulo IV).

01/09/13) Unidade III. → *autores diversos*

BRADFORD, M.O. e KENT, W.A. *Geografia Humana: Teoria e suas aplicações*. Lisboa: Gradiva, 1987. (capítulos 1, 2 e 3).

CORREIA, Roberto Lúcio. "O espaço locacional na Geografia". *Revista Terra Livre*, 1(3), Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1995. pp. 62-66.

26/09/13) Unidade III.

ANDRADE, Manuel Correia. *Espaço, polarização e desenvolvimento*. São Paulo: Ed. Atlas, 1987. (capítulo 6).

MANCACKI, Cláudio. *Lógica do Espaço Humano*. São Paulo: UNESP, 1985. (capítulo 4).

02/09/13) Unidade III.

WINKEL, Giorgio. *Teorias, espaços e globalização no século do século XXI*. São Paulo: Hucitec, 1996. (capítulos 2 e 9).

MENDES, Ricardo. *Geografia econômica: as bases espaciais do capitalismo global*. Baurer: Editorial Ariel, 1997. (capítulo 8).

04/10/13) Unidade IV.

SANTOS, Milton. *Por uma nova globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000. (partes I, II e III).

11/09/13) Unidade IV.

HARVEY, David. *O espaço do capital e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011. (capítulos 1 e 8).

18/09/13) Unidade IV.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996. (capítulo 10).

25/09/13) Unidade IV.

DICKEN, Peter. *Malaquias Global - Migrando as Noções Fronteiras da Economia Mundial*. São Paulo: Annablum, 2000. (capítulos 4, 5 e 6).

01/11/13) Unidade V.

SANTOS, Milton. "Os dois circuitos da economia urbana e suas implicações espaciais" [1975], in Santos, Milton. *Da sociedade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2005.

COBAGGHI, José Luis. *La gente e o capital*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2004. pp. 157-227.

08/11/13) Prova Escrita (P_{esc} 3)

22/11/13) Unidade VI - Trabalho Final (T_{fin} 1)

06/12/13) Entrega do Trabalho Final

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

GEOGRAFIA ECONÔMICA I

Profa. Dra. Mônica Araújo

Segundo Semestre de 2013

I. O pensamento geográfico e os raízes da geografia econômica.

- Geografia, Geografia Humana e Geografia Econômica.
- Espaço e Produção: Da divisão do trabalho à divisão espacial do trabalho. Modo de produção e formação socioespacial. O processo de valorização e o espaço geográfico.

II. Principais matrizes do pensamento econômico.

- Os fundamentos da economia política clássica. A escola neoclássica. O conceito keynesiano.
- O desenvolvimento desigual e combinado. A teoria da importação. O desenvolvimento econômico-subdesenvolvimento. Teoria da Regulação.

III. A economia espacial: alcances e limites.

- Teoria da localização das atividades econômicas. Utilização do solo agrícola no modelo de Von Thünen. Localização industrial no modelo de Weber e Losch. Teoria dos lugares centrais (o modelo Christaller).
- Teoria dos polos de desenvolvimento (Françoise Perroux). O planejamento regional.
- "A nova geografia econômica". Dos direitos industriais e o novo inovador à proposta da economia neo-institucional.

IV. A dialética do capitalismo no século XXI

- A globalização: período e processo. As variáveis-chaves do período: informação e finanças. A financiarização da economia e do território. O uso corporativo do território. A produtividade espacial e a guerra dos lugares. O consumo como fundamentalismo.
- Perspectivas da economia mundial. Processos e tendências atuais de integração econômica regional.

V. Outros desafios econômicos-espaciais possíveis

- O papel da pequena produção. O circuito inferior da economia urbana. → *Milton Santos*
- A economia solidária. A economia popular. Iniciativas locais.

VI. Como trabalhar com estatísticas econômicas?

- Sistema estatístico nacional: o IBGE e os Órgãos Estaduais de Estatística.
- Do Sistema de Contas Nacionais às Contas Regionais e Municipais.
- Possibilidades e limitações.

Bibliografia

- ANDRADE, Manoel Corrêa. *Espaço, polarização e desenvolvimento*. São Paulo: Ed. Atlas, 1987 (1ª ed. 1987).
- ARRIGHI, Giovanni. *Adaptando os mapas: Origens e fundamentos do século XIX*. São Paulo: Biotempo, 2008.
- AYDALOT, Philippe. *Economia regional e urbana*. Paris: Economica, 1983.
- BENKOL, Georges. *Economia, espaço e globalização no século século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BENKOL, Georges e LIPIETZ, Alain (orgs.). *Os regimes globais: Dinâmica e poder: os novos paradigmas da geografia econômica*. Oxford: Colla Editora, 1994.
- BRADSHAW, M.G. e KENT, W.A. *Geografia Humana: Teorias e suas aplicações*. Lisboa: Gradiva, 1987.
- BRUE, Stanley. *História do pensamento econômico*. São Paulo: Companhia Editora, 2011.
- FIRKOWSKI, Olga e SPINATO, Elana (orgs.). *Indústria, urbanização do território e transportes: a contribuição de David Pacione*. São Paulo: Expresso Popular, 2008.
- CLAVEL, Paul. *Geographie humaine et économique contemporaines*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- CORAGGIO, José Luis. *Trabalho e o capital*. Buenos Aires: Espasa Editorial, 2004.
- CORREA, Roberto Lobato. *Teorias da geografia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.
- CHESNAIS, François (org.). *A mundialização: mitos, mitos e realidade, configuração, consequências*. São Paulo: Biotempo, 2005.
- DASHIAN, André Luis (coord.). *O futuro do trabalho: Elementos para a discussão das áreas de interesse e de ação*. São Paulo: AGD/SP, Laboratório de Geografia, SP/CE/SP, 2005.
- DANTAS, Marcos. *A lógica do capital-informação: a fragmentação das metrópoles e a mundialização do conhecimento no mundo da comunicação global*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- DENIS, Henri. *História do pensamento econômico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.
- DICKEN, Peter. *Global Shift: Reshaping the Global Economic Map in the 21st Century*. New York: Guilford, 2003.
- DIVIZ, Cláudio Camargo e LEMOS, Mauro Borges (orgs.). *Economia e Território*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- FIORE, José Luis (org.). *Estado e mundo no desenvolvimento das nações*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1990.
- FUCHA, Masahito, KRUGMAN, Paul e VENABLE, Anthony (orgs.). *Economia Espacial, Urbanização, prosperidade econômica e desenvolvimento*. São Paulo: Editora Futura, 2002.
- FURTADO, Celso. *Projeto e movimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- GEORGE, Pierre. *Geografia Econômica*. Rio de Janeiro: Fundação Cultura, 1964.
- GEORGE, Pierre, GUGLIEMO, Raymond, LACOSTE, Jean e KAYSER, Bernard. *A Geografia Atual*. São Paulo: Difel, 1980.
- GÖRZ, André. *O Inimigo: conhecimento, saber e capital*. São Paulo: Annablume, 2005.
- HARVEY, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Leitura, 2004.
- HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- HUNT, E.K. *Teoria do pensamento econômico: uma perspectiva crítica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- HUNT, E.K. e SHERMAN, Howard. *História do pensamento econômico*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- KNOS, Paul e AGNEW, John. *The geography of the world economy: An introduction to economic geography*. London: Arnold, 1998.
- KRUGMAN, Paul. *Geography and Trade*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press: MIT Press, 1993.
- LACOSTE, Jean. *Geografia do Subdesenvolvimento*. São Paulo: Difel, 1960.
- LIPPIETZ, Alain. *O capital e sua época*. São Paulo: Nobel, 1987.
- MAMIGONIAN, Armin. "Tensões sobre a industrialização brasileira e futuro-americano". In: Christofletti, Antonio, Becker, Bertha, Chiodovich, Fany e Giger, Pedro (orgs.). *Geografia e Meio Ambiente no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1995, pp.30-36.
- MAMIGONIAN, Armin. "Marxismo e globalização: os origens da internacionalização mundial". In: Souza, Alvaro José et al. (org.). *Alfama Social: Crítica à Globalização*. São Paulo: Sintra/AGD-Sintra, 2005, pp. 95-103.
- MAMIGONIAN, Armin. "Capitalismo e socialismo em Rio de Janeiro XX". In: *Cadernos Geográficos*, Vol.1 (18), Junho, janeiro/abril 2001, p.44.

- MANZAGOL, Cláudio. *Leituras de espaço industrial*. São Paulo: Difel, 1985.
- MASSEY, Doreen. *Spatial Division of Labor: Social Structures and the Geography of Production*. New York: Methuen, 1984.
- MARTIN, Ron. "Teoria econômica e geografia humana". In: Gregory, Derek, Martin, Ron e Smith, Graham (orgs.). *Geografia Humana: sociedade, espaço e cultura social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1996, p.21-34.
- MARS, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- MENDEZ, Ricardo. *Geografia econômica: A lógica espacial do capitalismo global*. Barcelona: Editorial Auri, 1997.
- MORAES, Antonio Carlos e COSTA, Wanderley Mesias. *A valorização do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PECK, Jamie. *The High-Speed economic geography*. Oxford: Wiley-Blackwell (coedited with J. Haggard & S. Stuppard), 2012.
- PERROUX, François. *Economia do século XIX*. Lisboa: Helder, 1967.
- PORTER, Michael. *Condições competitivas das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- RANGEI, Imoleto. *Economia: Mitos e Anti-Mitos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- SANCHEZ, Juan Manuel. *España, economía y sociedad*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1991.
- SANTOS, Boaventura de Souza (org.). *Produção para vender: os caminhos da produção não-capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia crítica*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SANTOS, Milton. *Economia espacial, crises e alternativas*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Teoria e método*. Rio de Janeiro: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Milton. *Da ruralidade ao lugar*. São Paulo: IUPERJ, 2006.
- SCOTT, Allan. *Regions and the World Economy*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- SINGER, Paul. *Introdução da economia industrial*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- SMITH, Neil. *Desenvolvimento desigual: Natureza, espaço e a produção do espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.
- SOLIN, Edward. *Geografia Pós-Moderna: A reafirmação do espaço na economia social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- STOEPER, Michael. *The regions of the world*. New York: Guilford Press, 1997.
- STEELE, Peter. "National economic geography: a partial understanding or a new paradigm?". In: *Economic Geography*, 84(1):26, 2008, pp.1-23.
- VELTZ, Pierre. *Mundialização, crises e alternativas: A economia da globalização*. Barcelona: Ariel, 1998.
- ZADOUAL, Hassan. *Novo sistema das décadas finais: uma introdução ao pensamento pós-global*. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

LEITURAS OBRIGATORIAS - Segundo Semestre 2013

→ *novas leituras e pesquisas*

- (16/08/13) Unidade I e II.
- HUNT, E.K. *História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. (capítulos 2, 3 e 5).
- MORAES, Antonio Carlos e COSTA, Wanderley Mesias. *A valorização do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1987. (capítulos 7 e 8).
- (23/08/13) Unidade I e II. → *max*
- HUNT, E.K. *História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. (capítulos 9 e 13).
- MOREIRA, Ruy. "Da geografia territorial ao espaço e ao lugar", in *Geografia e Política: A presença do espaço na teoria e na prática geográficas*. São Paulo: Contexto, 2012, (p.187-206).

FUNDAMENTOS NATURAIS DA GEOGRAFIA (FLG0151)

Departamento de Geografia - FFLCH - USP

Prof. Antônio Carlos Colangelo

Turmas 01 e 02 (noturno e vespertino) - 1º semestre de 2013

Sobre o Curso	Leituras Prioritárias
<p>Neste curso panorâmico de Geografia Física, serão apresentados os fundamentos das principais disciplinas que compõem, bem como suas interações. Desse modo, as aulas expositivas estão organizadas em duas seqüências temáticas que devem seguir paralelamente:</p> <p>1 - Sobre a estrutura, dinâmica e evolução dos "sistemas naturais terrestres de superfície" - "SNTS". Aqui serão tratados também, os objetos e conceitos centrais das principais disciplinas que compõem a Geografia Física e das escalas de tempo e espaço.</p> <p>2 - Sobre as diferentes Paisagens Naturais do Globo, sua distribuição geográfica em escala planetária, tanto no tempo atual quanto no passado geológico, principalmente durante o período Quaternário.</p> <p>As duas aulas iniciais serão dedicadas ao conceito de Ciência Geográfica e alguns problemas referentes à Teoria do Conhecimento e à Filosofia da Ciência.</p>	<p>1 - NAGEL, E. - 1979 - "Ciência: Natureza e Objetivo", in <i>Filosofia da Ciência</i>, Sidney Morgenbesser (org.), Ed. Cultrix, São Paulo, pp.13 a 23.</p> <p>2 - CEREZO, J.A.L. & LÓPEZ J.L.L. - 1989 - "Ver para creer e creer para ver", in <i>El artefacto de la Inteligencia</i>, ed. Anthropos, Barcelona, pp.19-29.</p> <p>3 - GREGORY, K. J. - 1992 - "Um século para uma implantação", in <i>A Natureza da Geografia Física</i>, ed. Bertrand Brasil, trad. Eduardo de Almeida Navarro do original de 1985, pp.23-69.</p> <p>4 - LA BLACHE, P. V. - 1913 - "As características próprias da Geografia", in <i>Perspectivas da Geografia</i>, 1983, pp.37-48, ed. DIFEL, São Paulo, Christofolletti, A. org., 318p.</p> <p>5 - LACOSTE, Y. - 1975 - A Geografia, in <i>História da Filosofia</i>, v.7, A Filosofia das Ciências Sociais, pp.221-274, edição brasileira 1981, Zahar eds., Rio de Janeiro, Châtelet, F. dir., 307p.</p> <p>6 - RUTDHIMAN, W. F. - 2005 - How did Humans First Alter Global Climate? <i>Scientific American</i>, 03-30-2005, pp.34-41.</p> <p>7 - WYLLIE, P. J. - 1979 - "Revolução nas Ciências da Terra", in <i>A Terra, Nova Geologia Global</i>, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp.13-31.</p>
Sumário dos temas das aulas	Referências Bibliográficas
<p>1 - O que é conhecimento em sentido amplo? O que é conhecimento científico? Qual a natureza e o objetivo da ciência?</p> <p>2 - De que trata a Ciência Geográfica? Qual o lugar da Geografia Física na Geografia?</p> <p>3 - Os principais fatores geográficos e a caracterização dos sistemas naturais terrestres de superfície "SNTS".</p> <p>4 - A interação Clima - Rocha (atmosfera e litosfera): elementos principais, gênese e dinâmica.</p> <p>5 - A interação Solo - Relevo (pedosfera e geomorfosfera): elementos principais, gênese e dinâmica.</p> <p>6 - A interação Água - Organismos (hidrosfera - biosfera): elementos principais, gênese e dinâmica.</p> <p>7 - Introdução ao conceito de "Paisagem" e as abordagens sistêmicas de Tricart, Bertrand, Chorley.</p>	<p>AB'SÁBER, A. N. - Os domínios morfoclimáticos na América do Sul - 1ª Aproximação. <i>Geomorfologia</i>, n.55, São Paulo, IGEOG-USP.</p> <p>BIGARELLA, J. J. - 1994 - Estrutura e Origem das Paisagens Tropicais e Subtropicais, v. 1, v.2, v.3, Editora da UFSC, Florianópolis, 1436p.</p> <p>CHRISTOFOLLETTI, A. - 1985 - Perspectivas da Geografia, ed. DIFEL, 318p.</p> <p>COLANGELO, A. C. - 2004 - Geografia Física, Pesquisa e Ciência Geográfica, in GEOUSP, n.16, pp.09-16.</p> <p>DUCHAUFOR, P. - 1983 - Pédogenèse et Classification - ed. Masson, Paris, 491p.</p> <p>FRÖES ABREU, S. - 1973 - Recursos Minerais do Brasil - ed. Edigard Blücher, São Paulo, 2 vol., 754p.</p> <p>MONIZ, A. C. - 1972 - Elementos de Pedologia - ed. Pigono e EDUSP, 459p.</p> <p>OZIMA, M. - 1991 - Geo-história: a evolução global da Terra, ed. Da Universidade de Brasília, 166p.</p> <p>ROSS, J. L. S. - 1997 - Geografia do Brasil, ed. EDUSP.</p> <p>STRAHLER, A. N. - 1975 - Physical Geography - ed. J. Wiley&Sons, New York, 641p.</p> <p>TEIXEIRA GUERRA, A. - 1975 - Dicionário Geológico-Geomorfológico, IBGE, Rio de Janeiro, 459p.</p> <p>TRICART, J. - 1960 - La Epidémie de la Tierra, Barcelona, ed. Labor, 173p.</p> <p>WALTER, H. - 1986 - Vegetação e Zonas Climáticas: tratado de ecologia global - ed. EPU, 325p.</p>
Avaliação	

Trabalho

Entrega do trabalho: último dia de aula.

→ Encaminhar livros via EDUSP

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – FFLCH – USP

FLG 0142 – Elementos de Cartografia Sistemática

2º semestre de 2013 (Terças-feiras - Diurno/Noturno)

Prof. Dr. Lígia Vizei Barrozo

Monitores: Diurno - Marina Miranda (marinajmiranda@usp.br); Noturno - William Cabral (williamcabral@usp.br)

Programa/Cronograma

I. Objetivos

- Definir Cartografia e delimitar os campos das Cartografias;
- Oferecer subsídios técnicos à elaboração de croquis e cartas de base para a análise Geográfica;
- Levar à compreensão das etapas de confecção da carta topográfica;
- Orientar a leitura de cartas topográficas.

II. Metodologia

O curso será desenvolvido na forma de aulas expositivas e atividades práticas obrigatórias em sala de aula.

III. Materiais necessários para o curso

- pasta A4 com sacos plásticos para guardar os exercícios feitos e textos da disciplina;
- caderno para anotações, caneta, lápis preto (ou lapiseira), borracha e lápis de cor (12 cores);
- folhas de papel almaço ou A4 pautada para elaboração de exercícios;
- régua, esquadro e transferidor (se possível em acrílico);
- compasso;
- calculadora, de preferência científica (não será permitido uso de celular nas provas);
- folha de papel vegetal quadriculado A4;
- pen drive ou CD-R

IV. Avaliação

1. Prova teórico-prática individual, sem consulta (50% da nota total);
2. Prova teórico-prática individual, sem consulta (50% da nota total);

Não haverá prova substitutiva.

V. Recuperação

Prova sem consulta sobre todo o conteúdo da disciplina em data a ser divulgada no final do semestre.

DIRETRIZES IMPORTANTES: Presença obrigatória em todas as aulas. Evitar circulação na sala de aula durante a aula. Tolerância de 20 minutos para entrada depois do início da aula. Proibido o uso de celular durante a aula.

VI. Bibliografia básica

FTIZ, P. *Cartografia Básica*. Ed Oficina de Textos. São Paulo 2008.

GRANELL-PÉREZ, C. *Trabalhando Geografia com as Cartas Topográficas*. Ed. Unijui-Ijuí-RS- 2001.

IBGE. *Noções básicas de*

cartografia. http://geoftp.ibge.gov.br/documentos/cartografia/nocoes_basicas_cartografia.pdf

LIBAULT, A. *Geocartografia*. Ed USP. São Paulo 1975.

MUEHRCKE, P.C. *Map use: reading, analysis and interpretation*. 4a ed., Madison, JP, 2001.

OLIVEIRA, C. *Curso de cartografia moderna*. IBGE. Rio de Janeiro, 1988.

RAISZ, E. *Cartografia geral*. Rio de Janeiro, Científica, 1969.

ROBINSON, A. H. *et al. Elements of Cartography*. 6a ed. New York, John Wiley, 1995.

SANTOS, M.C.S.R. *Manual de fundamentos cartográficos e diretrizes gerais para elaboração de mapas geológicos, geomorfológicos e geotécnicos*. São Paulo: IPT, 1989. 53p.

VENTURI, L. *Praticando Geografia*. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.

VII. Textos selecionados

BIASI, M. A carta clinográfica: métodos de representação e sua concepção. *Revista do Departamento de Geografia*. 1992. p.45-60.

BIASI, M. Medidas Gráficas de uma carta topográfica. *Caderno Ciências da Terra*. 35 1973.

QUEIROZ FILHO, A.P. Técnicas de Cartografia. In: VENTURI, L.A.B. *Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula*. São Paulo: Sarandi. 2011. p.171-202.

RAFFO, F.G.G. Técnicas de localização e georeferenciamento. In: VENTURI, L.A.B. *Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula*. São Paulo: Sarandi, 2011. p.255-270.

VIII. Cronograma

Aula	Dia	Mês	Programa
1	06	Agosto	Apresentação da disciplina; Normas do curso; Indicação dos temas a serem vistos e a Bibliografia; Utilização do Moodle; Programa Spring (cadastro, download, instalação)
2	13	Agosto	Visão geral das Ciências Geodésicas e do Geoprocessamento. Análise e interpretação de cartas topográficas (planimetria). Elementos básicos da carta topográfica. Escalas (numérica e gráfica; constante e variável). Escala e generalização na carta. Orientação das cartas.
3	20	Agosto	Quadricula UTM. Caneva da carta. Ângulos para orientação na carta (azimute e rumo). Tipos de projeção cartográfica. Projeção UTM. Zonas do Sistema UTM. Sistema da Carta do Brasil ao Milionésimo. Diagrama do sistema de referência e divisão das folhas da CIM referente ao Brasil. Articulação das cartas topográficas.
4	27	Agosto	Representação do relevo. Elementos altimétricos; curvas de nível. Propriedades das curvas de nível; equidistância das curvas; cálculo por interpolação linear; perfil topográfico; bloco-diagrama; maquete; carta clinográfica; carta de orientação de vertentes; cartas hipsométricas; Modelo Numérico de Terreno (MNT).
-	03	Setembro	SEMANA DA PÁTRIA (não haverá aula)
5	10	Setembro	PROVA 1
6	17	Setembro	Conceito de Geodesia e Topografia. Sistemas de Referência: Esfera, Elipsóide, Geóide. Datum Horizontal (Córrego Alegre, SAD69, SIRGAS2000, WGS 84). Revisão de Meridianos, Paralelos, coordenadas geográficas na esfera e no elipsóide.
7	24	Setembro	Modelo Numérico de Terreno. Recursos do Spring e elaboração de MNT.
8	01	Outubro	A carta topográfica e as bacias hidrográficas. Delimitação de bacias; hierarquia de canais de acordo com Strahler; densidade de drenagem; coeficiente de manutenção; fator de forma; índice de circularidade.
9	08	Outubro	A partir do modelo de Brasília, elaborar perfis topográficos, carta clinográfica e de orientação de vertentes no programa Spring.
10	15	Outubro	Elaboração de carta clinográfica manual - cálculo de ábaco; definição de classes de declive; seleção de cores.
11	22	Outubro	Metodologia de registro de imagem .tif (carta topográfica) no Spring, georeferenciando a partir de coordenadas geográficas e UTM.
12	29	Outubro	Noções sobre Projeções Cartográficas, especialmente UTM (projeção oficial do Brasil). Vetorização de pontos cotados e curvas de nível.
13	05	Novembro	Revisão dos principais recursos do Spring. A partir do banco de dados (amostras) geradas na aula anterior, efetuar grade triangular, retangular, isolinhas, carta clinográfica, sombreamento. Revisão das funções do Spring vistas no curso.
14	12	Novembro	PROVA 2
15	19	Novembro	Entrega da Prova 2

Disciplina FLG 141: Introdução à Cartografia
Fernanda Padovesi Fonseca

1	<p>O que é um mapa O que é Cartografia O mapa para a Geografia A representação do espaço geográfico As modalidades de organização do espaço geográfico A imagem e a Geografia A linguagem Leituras: verbete "Imagem". In: LEVY, Jacques, LUSSAULT Michel (Org.) <i>Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés</i>. HARLEY, Brian. A nova história da cartografia. O Correio da UNESCO (Mapas e cartógrafos). Ano 18, nº 8, Brasil, agosto 91, p. 4-9. BOARD, Christopher. Os mapas como modelos. In: CHORLEY, Richard J. e HAGGETT, Peter (Org.) <i>Modelos físicos e de informação em Geografia</i>. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos / Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975. p. 139-184.</p>
2	<p>A Geografia e o mapa: ontem e hoje Leituras: HARLEY, Brian. "Textos y contextos em la interpretación de los primeros mapas". In: <i>La Nueva Naturaleza de los mapas: Ensayos sobre la historia de la cartografía</i>. México: Fondo de Cultura Económica, 2006. P. 59-78 LACOSTE, Yves. "As interseções de múltiplos conjuntos espaciais". In: <i>A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra</i>. Campinas, Papirus, 1988. Págs: 67-72 HARLEY, Brian "Mapas, saber e poder". <i>Conflins</i> [Online]. 5 2009. Traduzido por Mônica Balestrin Nunes URL : http://conflins.revues.org/index5724.html</p>
3	<p>A composição do mapa: Escala, projeção, métrica e linguagem Apresentação dos componentes do fundo do mapa LEVY, Jacques. Uma virada cartográfica? In: ACSELRAD, Henri (org.) <i>Cartografias sociais e território</i>. Rio de Janeiro: UFRJ/PPUR, 2006. p. 153-167 Disponível em: http://www.eberrn.ipour.ufrj.br/publicacoes/56/cartografias-sociais-e-territorio</p>
4	<p>Escala, generalização e seleção Leituras: ALDER, Ken. "Prólogo". In: <i>A medida de todas as coisas</i>. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. Págs. 13 a 23. LACOSTE, Yves. "O escamoteamento de um problema capital: A diferenciação dos níveis de análise espacial". In: <i>A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra</i>. Campinas, Papirus, 1988. Págs: 73-75 LACOSTE, Yves. "A 'realidade' aparece diferente segundo a escala das cartas, segundo os níveis de análise". In: <i>A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra</i>. Campinas, Papirus, 1988. Págs: 77-79 LACOSTE, Yves. "Uma etapa primordial no caminho da investigação geográfica: a escolha dos diferentes espaços de conceitualização". In: <i>A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra</i>. Campinas, Papirus, 1988. Págs: 81-85 QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira de. A escala nos trabalhos de campo e de laboratório. In: VENTURI, Luis Antonio Bitar (Org.) <i>Praticando Geografia: técnicas de campo e laboratório</i>. São Paulo: Oficina de Textos, 2005. p. 55-67 SILVEIRA, Maria Laura. "Escala geográfica: da ação ao império?". In: <i>Terra Livre</i>, ano 20, v. 2, n. 23, pp. 87-96, 2004. Disponível em: www.agb.org.br/files/TL_N23.pdf GRATALOUP, Christian. Os períodos do espaço. Rio de Janeiro: <i>GEOgraphia</i>, Vol. 8, No 16, 2006. Disponível em: http://www.ufr.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/198</p>
5	<p>As métricas A localização por coordenadas geográficas Coordenadas Geográficas e Movimentos da Terra Leitura BOCHICCHIO, Vincenzo Raffaele. Atlas Mundo Atual. Manual do Professor. Textos: "A Astronomia de posição" e "O sistema de referência terrestre". Págs. 5-10 Leitura DASH, Joan. "Uma revolução na cartografia". In: <i>O Prêmio da Longitude</i>. São Paulo: Cia das Letras. Págs. 32 a 42</p>
6	<p>Projeções cartográficas Leitura: LIBAULT, André. As Projeções Cartográficas. Generalidades. In: <i>Geocartografia</i>. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1975, p. 105-110</p>
7	<p>A Carta Topográfica Acessar: ANDERSON, Paul. Princípios de Cartografia Básica e Princípios de Cartografia Topográfica. In: http://lit.istu.edu/beanders/Cartografia/cartografia.html IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Noções básicas de cartografia. In: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoes/indice.htm</p>

8	<p>A semiologia gráfica</p> <p>A linguagem</p> <p>A representação gráfica</p> <ul style="list-style-type: none"> • As variáveis visuais • Os modos de implantação • As relações expressas pelo mapa • Quais as questões que um mapa deve responder • Os mapas para ver e os mapas para ler • Os erros da cartografia <p>Leituras: BERTIN, J. Ver ou ler. Trad. Margarida M. de Andrade. <i>Seleção de Textos (AGB)</i>, São Paulo, (18): 45-62, maio, 1988.</p> <p>Verbetes "Gráficos". In: LÉVY, Jacques; EUSBAULT Michel (Org.). <i>Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés</i>.</p> <p>Leitura texto MARTINELLI, Marcello. <i>Curso de Cartografia temática</i>. São Paulo: Contexto, 1981. capítulo 1 "A representação gráfica", pags. 9-21.</p> <p>Leitura texto MARTINELLI, Marcello. <i>Curso de Cartografia temática</i>. São Paulo: Contexto, 1981.</p> <p>"Considerações teóricas e críticas sobre a cartografia temática", pags. 35-42.</p> <p>BERTIN, Jacques. <i>A Neográfica</i>. Traduzido por Jayme Antonio Cardoso (UFPR), julho/2000 no site www.foresta.ufpr.br/pos-graduacao/neografica/doc</p> <p>BORD, Jean-Paul. O Geógrafo e o mapa: ponto de vista e questionamento da parte de um geógrafo-cartógrafo. In: Colóquio « 30 anos de semiologia gráfica » Tradução de André de Castro Panizza. Texto original em: http://www.cybergeo.eu/index6470.htm</p>
9	<p>O mundo hoje e a Cartografia. Como apreender? Como representar?</p> <ul style="list-style-type: none"> • As representações da cartografia temática • Os corrimas • As anamorfoses • As redes <p>Leituras: CAUVIN, Colette. Transformações cartográficas espaciais e anamorfoses. In: DIAS, Maria Helena (Coord.) <i>Os mapas em Portugal: da tradição aos novos rumos da cartografia</i>. Lisboa: Cosmos, 1995. p. 267-310.</p> <p>THÉRY, Hervé. Modelização gráfica para a análise regional: um método. <i>GEOUSP</i>. São Paulo, nº 15, pp. 179-188, 2004.</p>
10	<p>O trabalho com o mapa na sala de aula</p> <p>BERTIN, Jacques; GIMENO, Roberto. "A lição de cartografia na escola elementar". <i>Boletim Goiano de Geografia</i>, 2(1): 35-56, jan./jun. 1982.</p> <p>FONSECA, Fernanda Padovesi; OLIVA, Jaime. A Geografia e suas linguagens: o caso da Cartografia. <i>A Geografia na sala de aula</i>, organizadora Ana Fani Alessandri Carlos, São Paulo, Editora Contexto, 1999. P. 62-78.</p> <p>SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: <i>A Geografia na sala de aula</i>, Ana Fani Alessandri Carlos (Org.), Editora Contexto, São Paulo, 1999. Pp. 92-108.</p>

BIBLIOGRAFIA

- ACSELRAD, Henri (org.). *Cartografias sociais e território*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2008. Disponível em: <http://www.etern.ippur.ufrj.br/publicacoes/58/cartografias-sociais-e-territorio>
- ALDER, Ken. *A medida de todas as coisas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 492 p.
- ALMEIDA, Rosângela Doin; SANCHEZ, Miguel César & PICCARELLI, Adriano. *Atividades Cartográficas*. São Paulo, Atual, 4 vols., 1997.
- ANDERSON, Benedict. Censo, mapa, museu. In: *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 226-255.
- ANDERSON, Paul. Princípios de Cartografia Básica e Princípios de Cartografia Topográfica. In: <http://itlilista.edu/psanders/Cartografia/cartografia.html>
- BERTIN, Jacques. *Semiologie graphique : les diagrammes, les reseaux, les cartes*. Paris : EHESS, 1998. 452 p. (Les ré-impressions des Éditions de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales)
- BERTIN, Jacques. *Neográfica e o tratamento gráfico da informação*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1986. 273p.
- BERTIN, Jacques. Ver ou ler. *Seleção de Textos (AGB)*, São Paulo, n. 18, p. 45-62, maio 1988.
- BERTIN, Jacques; GIMENO, Roberto. A lição de cartografia na escola elementar. *Boletim Goiano de Geografia*, n. 2, v.1, p. 35-56, jan./jun. 1982.

- BLIN, Eric; BORD, Jean-Paul. *Initiation géo-graphique ou comment visualiser son information*. 2 ed. Paris: Sedes, 1986. 284 p.
- BOARD, Christopher. Os mapas como modelos. In: CHORLEY, Richard J. e HAGGETT, Peter (Org.). *Modelos físicos e de informação em Geografia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos / Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975. p. 139-194.
- BOCHICCHIO, Vincenzo Raffaele. *Manuel do Professor*. In: *Atlas Mundo Atual*. São Paulo: Atual, 2003.
- BRUNET, Roger. *La carte mode d'emploi*. Paris: Fayard/Reclus, 1987. 269 p.
- CASTRO, Iná Elias. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 117-140.
- CAMBREZY, Luc; DE MAXIMY, René. *La cartographie en débat: Représenter ou convaincre*. Paris: Karthala-ORSTOM, 1995. 197 p.
- CAUVIN, Colette; ESCOBAR, Francisco; SERRADJ, Aziz. *Cartographie thématique 1: une nouvelle démarche*. Paris: Lavoisier/Hermès, 2007. 284 p.
- CAUVIN, Colette; ESCOBAR, Francisco; SERRADJ, Aziz. *Cartographie thématique 2: des transformations incontournables*. Paris: Lavoisier/Hermès, 2007. 269 p.
- CAUVIN, Colette; ESCOBAR, Francisco; SERRADJ, Aziz. *Cartographie thématique 3: méthodes quantitatives et transformations attributaires*. Paris: Lavoisier/Hermès, 2008. 284 p.
- CAUVIN, Colette. Transformações cartográficas espaciais e anamórficas. In: DIAS, Maria Helena (Coord.) *Os mapas em Portugal: da tradição aos novos rumos da cartografia*. Lisboa: Cosmos, 1995. p. 267-310.
- DASH, Joan. *O Prêmio da Longitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 210 p.
- DREYER-EIMBCKE, Oswald. *O descobrimento da terra*. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1992. 280 p.
- DURAND, Marie-Françoise; LÉVY, Jacques; RETAILLE, Denis. *Le monde, espaces et systèmes*. Paris: Dalloz/ Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1993. 597 p.
- DURAND, Marie-Françoise; COPINSCHI, Philippe; MARTIN, Benoît; PLACIDI, Delphine. *Atlas da mundialização*. São Paulo: Saraiva, 2009. 176 p.
- DUTENKEFER, Eduardo. Representações do espaço geográfico: mapas dasimétricos, anamórficos e modelização gráfica. São Paulo, Dissertação (Mestrado em Geografia), FFLCH/USP, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-25022011-115538/pt-br.php>
- DUTENKEFER, Eduardo. Anamórficos como mapa: história, aplicativos e aplicações. In: 3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia, Universidade de São Paulo / 26 a 30 de abril de 2010, *Memórias do evento*. Disponível em: http://3sahc.wordpress.com/memorias/#Eduardo_Dutenkefer
- FONSECA, Fernanda Padovesi. A naturalização como obstáculo à inovação da cartografia escolar. *Geógrafos*, v. 12, p. 175-210, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/geografos/article/view/3152>
- FONSECA, Fernanda Padovesi. O potencial analógico da cartografia. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, nº 87, p. 85-110, 2007.
- FONSECA, Fernanda Padovesi; OLIVA, Jaime Tadeu. A Geografia e suas linguagens: o caso da Cartografia. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.) *A Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999. p. 62-78.
- GIMENO, Roberto. Uma nova abordagem da cartografia na escola elementar. *Boletim Goiano de Geografia*, n.11, v.1, p. 104-125, jan./dez. 1991.
- GRATALOUP, Christian. Os períodos do espaço. Rio de Janeiro. *GEOgraphia*, Vol. 8, No 16, 2006. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/oi/index.php/geographia/article/view/199>
- GRATALOUP, Christian. *L'invention des continents*. Paris: Larousse, 2009. 224 p.
- HARLEY, Brian. A nova história da cartografia. *O Correio da UNESCO (Mapas e cartógrafos)*, Brasil, ano 18, n. 8, ago. 1991. p. 4-9.
- HARLEY, Brian. "Mapas, saber e poder". *Confins [Online]*. 5 | 2009. Traduzido por Mônica Balestrin Nunes URL: <http://confins.revues.org/index5724.html>
- HARLEY, Brian. *La Nueva Naturaleza de los mapas: Ensayos sobre la historia de la cartografía*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005. 398p.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Noções básicas de cartografia. In: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoes/index.htm
- JACOB, Christian. *L'empire des cartes: Approche théorique de la cartographie à travers l'histoire*. Paris: Albin Michel, 1992. 537 p.
- JOLY, Fernand. *A cartografia*. Campinas: Papirus, 1990. 138 p.
- LACOSTE, Yves. *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1988. 263 p.
- LÉVY, Jacques (Dir.) *L'invention du Monde: Une Géographie de la mondialisation*. Paris: Sciences Po, Les Presses, 2008. 403 p.

- LÉVY, Jacques ; PONCET, Patrick ; TRICQIRE, Emmanuelle. **La carte, enjeu contemporain**. Dossier n° 6036, Documentation photographique, La Documentation Française, 2003. 63 p.
- LÉVY, Jacques; LUSSAULT Michel (Org.) **Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés**. Paris: Belin, 2003. 1034 p.
- LÉVY, Jacques. **Le tournant géographique : penser l'espace pour lire le monde**. Paris : Belin, 1999. 400 p. (Mappemonde 8)
- LIBAULT, André. **Geocartografia**. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1975. 388 p.
- MARTINELLI, Marcello. **Curso de cartografia temática**. São Paulo: Contexto, 1991. 180 p.
- MARTINELLI, Marcello. **Gráficos e mapas: construa-os você mesmo**. São Paulo: Moderna, 1998. 120 p.
- MONMONIER, Mark. **Comment faire mentir les cartes: du mauvais usage de la Géographie**. Paris: Flammarion, 1993. 233 p.
- PASSINI, Elza Yasuko ; ALMEIDA, Rosângela Doin de. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1999. 93 p.
- SILVEIRA, Maria Laura. "Escala geográfica: da ação ao império?". In: *Terra Livre*, ano 20, v. 2, n. 23, pp. 87-96, 2004. Disponível em: www.agb.org.br/files/TL_N23.pdf
- SIMELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.) **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 92-108.
- SOBEL, Dava. **Longitude: a verdadeira história do gênio solitário que resolveu o maior problema do século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 144 p.
- THÉRY, Hervé & MELLO, Neli Aparecida de. **Atlas do Brasil: disparidades e dinâmicas do território**. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.
- THÉRY, Hervé. Modelização gráfica para a análise regional: um método. *GEOUSP*, São Paulo, n° 15, pp. 179-188, 2004.
- VENTURI, Luis Antonio Bitar (Org.) **Praticando Geografia: técnicas de campo e laboratório**. São Paulo: Oficina de Textos, 2005. 239 p.

Proposta de calendário

- Aula 4, 5, 6/03 – Apresentação do curso
- Aula 11, 12, 13/03 – Tema 1
- Aula 18, 19, 20/03 – Tema 2
- Aula 25, 26, 27/03 – Feriado Semana Santa
- Aula 1, 2, 3/04 – Apresentação Seminário "Mapas do Passado"
- Aula 8, 9, 10/04 – Tema 3
- Aula 15, 16, 17/04 – Tema 4
- Aula 28, 30/04 e 08/05 – Tema 5
- Aula 6, 7, 15/05 – Tema 6
- Aula 13, 14, 22/05 – Tema 7
- Aula 20, 21, 28/05 – Tema 8
- Aula 27, 28/05 e 05/06 – Tema 9
- Aula 3, 4, 12/06 – Tema 9
- Aula 10, 11, 12/06 – Tema 10
- Aula 17, 18, 19/06 – Prova Escrita
- Aula 24, 25, 26/06 – Retorno de notas
- Aula 1, 2, 3/07 – Prova Substitutiva/ Prova de Recuperação

Composição da nota:

Nota Exercícios + Nota Prova

Atenção: A prova substitutiva e a prova de recuperação substituem apenas a nota da prova, ou seja, continuam compondo 50% da nota final.

Universidade de São Paulo (USP)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Geografia

FLG 273 INICIAÇÃO À PESQUISA EM GEOGRAFIA I

Prof. Dr. Carlos de Almeida Toledo

2º semestre de 2014 diurno e noturno nas 5ª-feiras 16:00 às 18:00 e 19:20 às

21:20 horas - Início: 23/10/2014; final: 12/02/2014

OBJETIVOS

1. Discutir e compreender a pesquisa em Geografia e suas finalidades.
2. Discutir a pesquisa no âmbito do conhecimento e ciência.
3. Desenvolver as etapas do processo de pesquisa científica com subsídios teóricos, metodológicos e conceituais em Geografia
4. Construir um plano de investigação em Geografia, orientando sua programação.

CONTEÚDO

1. Conhecimento e ciência. Conhecimento x senso comum
2. Ciência e problematização social.
3. Filosofia, teoria e métodos na pesquisa em Geografia.
4. Etapas do processo de construção do objeto de estudo.

5. O programa de investigação: fontes primárias e secundárias

MÉTODOS UTILIZADOS

Aulas expositivas, debates de leituras, trabalhos em grupo, exercícios e seminários.

ATIVIDADES DISCENTES

Leitura de textos, levantamento bibliográfico e elaboração de resenhas.

Elaboração de ante-projeto de pesquisa.

AVALIAÇÃO

01. Resenha (resumo e comentários) individual sobre um texto da bibliografia obrigatória; a ser entregue no dia 27/11/14

02. Resenha (resumo e comentários) (em grupo a dois) sobre uma tese, dissertação ou TGI (à livre escolha) destacando o método da pesquisa a ser entregue no dia 15/01/14

03. Um ante-projeto de pesquisa (individual ou em grupo) a ser entregue no dia 12/02/14

04. Participação ativa nos debates

PROGRAMA

Aula 1: 23/10

Apresentação do programa.

PRIMEIRO BLOCO:

Discussão geral sobre pesquisas, em particular, sobre a temática: migração e exclusão

Aula 2: 30/10

Discussão do texto: HEIDEMANN (in:SPM,1998, 15-18), SCHOLZ (2008)

Aula 3: 06/11

Discussão do texto: KAISER (2006) LACOSTE (2006)

Entrega de um texto "A temática migração e exclusão na pesquisa em Geografia" (1 pág.). Apresentação e discussão

Aula 4: 13/11

Discussão do texto: ECO, (1988)

Entrega de uma transcrição de uma entrevista livre (2 pág) sobre "migração e exclusão". Apresentação e discussão

Aula 5: 20/11

Discussão dos textos: GEORGE, (1978),

<http://www.fapesp.br/248>

Entrega de uma bibliografia sobre a temática migração e exclusão.

Apresentação e discussão

Aula 6: 27/11

SEGUNDO BLOCO

A pesquisa: iniciação à pesquisa, TGI's, dissertações e teses

Discussão de uma pesquisa de iniciação científica.

Entrega da resenha (resumo e comentários) sobre um texto da BIBLIOGRAFIA

PARA RESENHAS E COMENTÁRIOS

Aula 7: 4/12

Discussão de um TGI.

Aula 8: 11/12

Discussão de uma dissertação de mestrado.

Aula 9: 18/12

Discussão de um doutorado.

Aula 10: 08/01

Discussão de um projeto de Iniciação científica.

Formação de grupos temáticos para o terceiro bloco (max. 4).

Aula 11: 15/01

TERCEIRO BLOCO

Elaboração de projetos individuais ou em grupos

Visita monitorada à biblioteca.

Entrega da resenha (resumo e comentários) individual sobre uma tese, dissertação ou TGI (à livre escolha) destacando o método da pesquisa.

Aula 12-14: 22/01; 29/01; 06/02;

Orientação e atendimento aos grupos de pesquisa ou pesquisadores individuais

Aula 15: 12/02

Entrega de um projeto de pesquisa

Apresentação (max. 20 minutos) de 5 projetos de pesquisa (voluntários)

BIBLIOGRAFIA PARA RESENHAS E COMENTÁRIOS

ALVES, Rubem. *A construção dos fatos, e A imaginação*. In: *Filosofia da ciência*, São Paulo, Brasiliense, 1986 pp.128-163. 501. A474f

LE BOTERF, Guy. *Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas* in: BRANDÃO, Carlos, Rodrigues (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. 3a ed., São Paulo, Brasiliense, 1987, pág. 51-81. 301.042 R425

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo, Atlas, 1981.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 2a. ed., São Paulo, Perspectiva, 1988.
(capítulo: A escolha do tema)

GEORGE, Pierre, Fontes e documentos in: *Os métodos da Geografia* São Paulo, 1978, pág, 19 - 58 → 910.042 G348 mP

KAISER, Bernard, O geógrafo e a pesquisa de campo in: *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, 2006, p. 93 - 104.

LACOSTE, Yves, A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos in: *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, 2006, p. 77 - 92.

BIBLIOGRAFIA GERAL

BUNGE, M. La ciencia, su metodo y su filosofia. Buenos Aires, Siglo Viente, 1972.

COLTRINARI, L. *Trabalho de campo, geografia, século XXI*. In: o discurso geográfico na aurora do século XXI (colóquio). Florianópolis: UFSC, 1996. 9 p.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175p.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999. 206p.

HETTNER, Alfred. *La naturaleza de la geografia y sus metodos*. In: MENDOZA, JIMÉNEZ E CANTERO. El pensamiento geográfico, pp.311-322.

INÁCIO FILHO, Geraldo. A monografia na universidade. 3.ed. Campinas: Papirus, 2003. 205p.

JUNKER, Buford N. A importância do trabalho de campo. Rio de Janeiro, Lidedor, 1971.

KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. 257p.

LACOSTE, Yves. *Os objetos geográficos*. In: Seleção de Textos 18, pp.1-16.

LÖWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 220p.

SCHOLZ, Roswitha, *O ser-se supérfluo e a "angústia da classe média"* in:

<http://obeco.planetaclix.pt/roswitha-scholz8.htm> (06/08/2008)

SERVICO PASTORAL DOS MIGRANTES (SPM) e outros (org) *O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio*, Petrópolis, Vozes, 1998

SILVA, Vicente de Paulo da, *NAS TRILHAS DA PESQUISA: O MAIS IMPORTANTE É SABER "POR QUE?"* in: CAMINHOS DE GEOGRAFIA - revista on line <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>

SOUZA, Marcelo Lopes de. *A expulsão do paraíso. O "paradigma da complexidade" e o desenvolvimento sócio-espacial*. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.;

CORRÊA, R.L. (orgs.) *Explorações geográficas: percursos no fim de século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 367p.

WAIBEL, L. *Capítulos de geografia tropical e do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: 1979. p. 23 - 35.

918.1 W138c
528.982 N945c → Sensoramento Remoto

TEXTOS DE LEITURA OBRIGATÓRIA:

1. Gilles-Gaston GRANGER. *Diversidade de métodos e unidade de visão, e Ciências da natureza e ciências do homem*. In: *A ciência e as ciências*, pp.41-57 e 85-100.
2. Rubem ALVES. *A construção dos fatos, e A imaginação*. In: *Filosofia da ciência*, pp.133-170.

4. David HARVEY. *La explicacion en geografia. Algunos problemas generales.*
In: MENDOZA, JIMÉNEZ E CANTERO. *El pensamiento geográfico*, pp.421-429.
6. Tim UNWIN. *El lugar de la geografia.* In: *El lugar de la geografia*, cap.VIII, pp.259-291.
7. Antonio C. GIL. *Como encaminhar uma pesquisa? E Como classificar as pesquisas?* In: *Projetos de pesquisa*, pp.19-25 e 45-62.
8. Umberto ECO. *A escolha do tema.* In: *Como se faz uma tese*, pp.7-34.
9. C.R.BRANDÃO. *A participação da pesquisa no trabalho popular.* In: BRANDÃO (org.). *Repensando a pesquisa participante*, pp.223-252.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Geografia

FLG243 – Cartografia Temática – diurno/noturno
5ª. feira, das 14h00 às 18h00/19h30 às 22h50
Cronograma/Programa 2014

Prof.^a Dr.^a Ligia Vizeu Barrozo
Plantão de dúvidas: quintas-feiras das 18h00 às 19h00

Monitor: Bruno Misson

OBRIGATÓRIA A INSCRIÇÃO NO STOA PARA UTILIZAÇÃO DO MOODLE

20/02 – Semana de calouros

- 27/02 - Introdução ao curso. Programa, material e bibliografia. As bases da representação gráfica: os mapas. Introdução aos métodos da cartografia temática. (sala de aula)
- 06/03 – Tratamento de dados: estatística descritiva básica (média, moda, variância e desvio-padrão). Exercícios com calculadora em sala de aula.
- 13/03 - Tratamento de dados: correlação. Cálculos na planilha Excel (sala de informática - Turma A)
- 20/03 – Tratamento de dados: correlação. Cálculos na planilha Excel (sala de informática - Turma B)
- 27/03 - Introdução ao ArcGIS. Métodos corocromáticos qualitativo e ordenado. (sala de informática - Turma A)
- 03/04 - Introdução ao ArcGIS. Métodos corocromáticos qualitativo e ordenado. (sala de informática - Turma B)
- 10/04 – Método das figuras geométricas proporcionais. Método dos pontos de contagem. (sala de informática - Turma A)

17/04 – Semana Santa (não haverá aula)

24/04 – PROVA

01/05 – FERIADO (não haverá aula)

- 08/05 – Método das figuras geométricas proporcionais. Método dos pontos de contagem. (sala de informática - Turma B)
- 15/05 – Método isaritmico. Introdução ao Programa Surfer (sala de informática - Turma A)
- 22/05 – Método isaritmico. Introdução ao Programa Surfer (sala de informática - Turma B)
- 29/05 – Método coroplético. (sala de informática - Turma A)
- 05/06 – Método coroplético. (sala de informática - Turma B)
- 12/06 – Representações dinâmicas. Variações no tempo. Método coroplético: duas ordens visuais opostas. Representações dinâmicas. Movimento no espaço: método dos fluxos. (sala de informática - Turma A)

19/06 – Representações dinâmicas. Variações no tempo. Método coroplástico: duas ordens visuais opostas. Representações dinâmicas. Movimento no espaço: método dos fluxos. (sala de informática – Turma B)

Material

- 1 caderno;
- 1 pasta tipo catálogo e envelopes em plástico grosso;
- lápis de cor (no mínimo 24 cores);
- compasso;
- régua de 30 cm (acrílica);
- calculadora;
- cópia xerox dos exercícios e textos;
- pen drive para gravação;

Bibliografia básica:

- DUARTE, P.A. **Cartografia temática**. Florianópolis, UFSC, 1991.
- JOLY, F. **A cartografia**. Campinas, Papirus, 1990.
- LIBAULT, A. **Geocartografia**. São Paulo, EDUSP, 1975.
- LOCH, R.E.N. Cartografia: representação, comunicação e visualização de dados espaciais. Florianópolis: EDUSC, 2006. 314p.
- MARTINELLI, M. **Cartografia temática: caderno de mapas**. São Paulo, EDUSP, 2003.
- MARTINELLI, M. **Gráficos e mapas: construa-os você mesmo**. São Paulo, Ed. Moderna, 1998.
- MARTINELLI, M. **Mapas da geografia e cartografia temática**. São Paulo, Ed. Contexto, 2003.
- RAMOS, C.S. **Visualização cartográfica e cartografia multimídia: conceitos e tecnologias**. Rio Claro: UNESP, 2005.
- SLOCUM, T.A., McMASTER, R.B., KESSLER, F.C., HOWARD, H.H. **Thematic Cartography and Geographic Visualization**. (Prentice Hall series in geographic information sciences). New Jersey: Pearson Prentice Hall, 2005.

FLG-563 GEOGRAFIA AGRÁRIA I
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
Profa. Dra. Marta Inez Medeiros Marques
Carga horária semanal: 04
Carga horária semestral: 60

1º semestre de 2015
Horário das aulas: **Quinta**
14 às 18 hs e 19h30 às 23 hs

I- OBJETIVOS

1. Apresentar as principais abordagens teóricas e conceitos-chave da geografia agrária.
2. Analisar a natureza das relações de produção e de trabalho no seio das atividades agrárias.
3. Compreender as diferenciações das estruturas agrárias em face dos sistemas sócio-econômicos.
4. Enfatizar as transformações recentes observadas no campo, especialmente no Brasil.

II- CONTEÚDO

- 1- **A geografia agrária e a questão agrária**
- 2- **A agricultura sob diferentes modos de produção**
- 3- **Estrutura social, relações de produção e de trabalho no campo sob o capitalismo**
- 4- **Propriedade privada e renda da terra**
- 5- **A industrialização da agricultura, Estado capital financeiro e produção de alimentos**
- 6- **O campo brasileiro hoje: estrutura agrária, conflitos sociais e a atualidade da reforma agrária**

III. MÉTODOS UTILIZADOS

Aulas expositivas, trabalhos em grupo ou individuais e trabalho de campo.

IV. ATIVIDADES DISCENTES

Leituras programadas e trabalhos escritos ou orais.

V. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO E CÁLCULO DAS MÉDIAS

Fichamento (individual), relatórios de campo (3 pessoas), e prova (individual).

A média será calculada dividindo-se o total dos pontos por 4.

Obs: Observar normas da ABNT nos trabalhos de fichamento e relatório de campo, que deverão apresentar de 10 a 15 páginas.

VI. TEXTO PARA FICHAMENTO

CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*. 7ª. Ed. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1987.

O fichamento deverá apresentar anotações sobre o que é essencial quanto ao conteúdo e à estrutura do texto e, ao final, acrescentar considerações sobre as possíveis relações existentes entre o texto e nossas discussões no curso, bem como temas importantes da atualidade.

Data de entrega do fichamento: dia 30/04

VII. PROVA FINAL

Data prevista: 25/06

VIII. TRABALHOS DE CAMPO

Campo 1 – Visita ao CEAGESP no dia 21/3 (diurno e noturno)

Campo 2 – Agriculturas camponesa e capitalista

Datas: Diurno: 16 e 17/5 e Noturno: 23 e 24/5

Obs: É obrigatória a participação no trabalho de campo.

CALENDÁRIO DE ATIVIDADES E BIBLIOGRAFIA BÁSICA

26/2	Apresentação do programa Geografia agrária e geografia humana: questões teóricas
Aula 1 5/3	Texto de Referência: OLIVEIRA, ARIIVALDO U. DE. Geografia agrária: perspectivas no início do século XX. In: MARQUES, Marta e OLIVEIRA, Arioaldo (orgs.), <i>O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social</i> . São Paulo, 2004. (p.29-70) VALVERDE, Orlando. Metodologia em geografia agrária. <i>Campo-Território: Revista de Geografia Agrária</i> , Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 1-16, fev. 2006.* Bibliografia Complementar: SPOSITO, Eliseu S. Geografia e filosofia. São Paulo, UNESP, 2004. DINIZ, José A. F. <i>Geografia da Agricultura</i> . São Paulo, HUCITEC, 1984. (cap.2, p.35-56.) Geografia agrária e questão agrária: diferentes interpretações
Aula 2 12/3	Texto de Referência: ABRAMOVAY, R. <i>Paradigmas do capitalismo agrário em questão</i> . São Paulo/Campinas, Hucitec/Ed. Unicamp, 1992. (p. 99-131) GRAZIANO da SILVA, J. O novo rural brasileiro. Disponível em: www.eco.unicamp.br/nea/rurbano/textos/congrsem/rurbano7.html OLIVEIRA, A. U. Agricultura brasileira, transformações recentes. In: ROSS, J. L. S. (org.) <i>Geografia do Brasil</i> . São Paulo. EDUSP, 2005. (p.465-534) SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro/ São Paulo, Record, 2001. (p. 118-141)
Aula 3 19/3	A agricultura sob o feudalismo e na transição para o capitalismo Texto de referência: OLIVEIRA, Arioaldo U. de. <i>Modo capitalista de produção e agricultura</i> . São Paulo, Ática, 1986. (cap. 2 e 3)*
21/3	Aula de Campo 1 – Visita ao Ceagesp
Aula 4 26/3	Primeira revolução agrícola da modernidade Texto de referência: MAZOYER, Marcel e ROUDART, Laurence. História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo/Brasília, UNESP/NEAD, 2010. (cap.8, p.353-396)*

Aula 5 9/4	<p>Bibliografia complementar:</p> <p>MAZOYER, Marcel e ROUDART, Laurence. História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo/Brasília, UNESP/NEAD, 2010. (cap.7)*</p> <p><i>O desenvolvimento desigual do capitalismo no campo</i></p> <p>Texto de referência:</p> <p>OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. <i>Modo capitalista de produção e agricultura</i>. São Paulo, Ática, 1986. (cap. 4)*</p> <p>***Entrega do Relatório do campo 1***</p>
Aula 6 16/4	<p><i>Relações de produção na agricultura sob o capitalismo</i></p> <p>Textos de referência:</p> <p>OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. <i>Modo capitalista de produção e agricultura</i>. São Paulo, Ática, 1986. (cap. 5)</p> <p>MOURA, Margarida M. <i>Camponeses</i>. São Paulo, Ática, 1986. (cap. 6 e 7, p.54-71)</p>
Aula 7 23/4	<p><i>A agricultura capitalista e renda da terra</i></p> <p>Textos de referência:</p> <p>OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. <i>Modo capitalista de produção e agricultura</i>. São Paulo, Ática, 1986. (cap.6, p. 73-78)*</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>KAUTSKY, Karl. <i>A questão agrária</i>. São Paulo, Proposta Editorial, 1980. (cap. V, p. 76-111)</p> <p>MARX, Karl. <i>O capital: crítica da economia política</i>. São Paulo, Abril Cultural, 1984. (v. I, livro primeiro, tomo 2, cap.XXV e livro terceiro, seção VI)</p>
Aula 8 30/4	<p><i>Agricultura camponesa</i></p> <p>Textos de referência:</p> <p>OLIVEIRA, A. U. de. <i>A agricultura camponesa no Brasil</i>. São paulo, Contexto, 1991. (p.45-72)</p> <p>CHAYANOV, A. V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: GRAZIANO da SILVA, J. e STOLCKE, V. <i>A questão agrária</i>. São Paulo, Brasiliense, 1981. (p. 133-163)</p> <p>***ENTREGA DO FICHAMENTO DO LIVRO***</p>
Aula 9 7/5	<p><i>Agricultura camponesa e terra</i></p> <p>Textos de referência:</p> <p>ALMEIDA, A. W. B. De. Formas de acesso à terra e os istemas de uso comum. In: GODÓI, E. P. et al. (orgs.), <i>Diversidade do campesinato: expressões e categorias</i>, v. 2: estratégias de reprodução social. SãoPaulo/ Brasília, UNESP/ NEAD, 2009. (p. 39-66)</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>MARTINS, José de S. <i>Os camponeses e a política no Brasil</i>. Petrópolis, Vozes, 1981. (cap. V)</p>

<p>Aula 10 14/5</p>	<p>Segunda revolução agrícola da modernidade: “Revolução Verde”</p> <p>Texto de referência:</p> <p>PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Geografia da riqueza, fome e meio ambiente. In: MARQUES, Marta e OLIVEIRA, Arioaldo (orgs.), <i>O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social</i>. São Paulo, 2004. (p.207-253)</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>OLIVEIRA, A. U. Agricultura brasileira, transformações recentes. In: ROSS, J. L. S. (org.) <i>Geografia do Brasil</i>. São Paulo. EDUSP, 2005. (p.465-534)</p>
<p>16 e 17/5</p>	<p>Aula de Campo 2 – Diurno</p>
<p>Aula 11 21/5</p>	<p>Estado, capital financeiro e agricultura no Brasil I</p> <p>Textos de referência:</p> <p>DELGADO, Guilherme. <i>Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio</i>. Porto Alegre, UFRGS, 2012. (p.23-73)</p>
<p>23 e 24/5</p>	<p>Aula de campo 2 - Noturno</p>
<p>Aula 12 28/5</p>	<p>Estado, capital financeiro e agricultura no Brasil II</p> <p>Textos de referência:</p> <p>DELGADO, Guilherme. <i>Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio</i>. Porto Alegre, UFRGS, 2012. (p.77-109)</p> <p>***ENTREGA RELATÓRIO CAMPO 2 – DIURNO***</p>
<p>Aula 13 11/6</p>	<p>Regime alimentar: indústria, Estado, produção de alimentos e mercado mundial</p> <p>Textos de referência:</p> <p>FRIEDMANN, Harriet. Uma economia mundial de alimentos sustentável. In: Belik, W. e Maluf, R. (orgs.), <i>Abastecimento e segurança alimentar</i>. Campinas, IE: UNICAMP, 2000. (p.1-21)</p> <p>MARQUES, Marta. <i>O novo significado da questão agrária</i>. Goiânia, IX ENANPEGE, 2011.*</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>GOODMAN, David et alii. <i>Da lavoura às biotecnologias: agricultura e indústria no sistema internacional</i>. Rio de Janeiro, Campus, 1990.</p> <p>***ENTREGA RELATÓRIO CAMPO 2 – NOTURNO***</p>
<p>Aula 14 18/6</p>	<p>Campesinato e política no Brasil</p> <p>Texto de referência:</p> <p>MARTINS, J. de S. Os camponeses e a política no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1990. (p. 21-102)</p> <p>Bibliografia complementar:</p> <p>Marques, Marta. Campesinato e luta pela terra no Brasil. In: BERTONCELLO, R. e CARLOS,</p>

A. F. (orgs.), *Procesos territoriales em Argentina y Brasil*. Buenos Aires, 2003. (p.183-199).

MEDEIROS, L. S. *Reforma agrária no Brasil: história e atualidade da luta pela terra*. São Paulo, Fund. Perseu Abramo, 2003. (p.29-75)

PROVA FINAL

* Textos disponíveis em versão digital no apoio didático.

FLG 0386 – Regionalização do Espaço Brasileiro
Curso de Geografia
2º Semestre de 2015
Profa. Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz

Semestre ideal.....a partir do: 4º Diurno 4º Noturno
Disciplina.....: Obrigatória
Pré-requisito.....: FLG 385
Carga horária semanal.....: 04
Carga horária semestral.....: 60
Créditos-aula.....: 04
Créditos-trabalho.....: 00
Número máximo de alunos por turma: 45
Número de turmas por período.....: 02

I OBJETIVOS

1. Compreender a formação sócio-territorial do Brasil e a organização interna do espaço brasileiro.
2. Analisar o processo de regionalização do Brasil como fruto do desenvolvimento capitalista.

II CONTEÚDO

1. O processo de formação socio-territorial do Brasil.
2. A produção histórica da diferenciação espacial regional
3. Estado e regionalização do espaço.
4. Regionalização e história do pensamento
5. A questão regional hoje no Brasil.
6. Divisões regionais: critérios, críticas, objetivos.

III MÉTODOS UTILIZADOS

Aulas expositivas, debates, seminários.

IV ATIVIDADES DISCENTES

Leituras programadas, participação em debates e realização de seminários.

V CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Média ponderada de notas obtidas em seminário e prova escrita.

VI Bibliografia

- ABREU, Maurício de Almeida. A apropriação do território no Brasil Colonial. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo Cesar da C.; CORRÊA, Roberto L. *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. RJ: Bertrand Brasil, 1997, pp. 197-245.
- AB'SABER, Aziz. *Os domínios de natureza no Brasil – potencialidades paisagísticas*. SP: Ateliê Editorial, 2003.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *A questão do território no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- ARAÚJO, Tânia Barcelar de. A experiência do planejamento regional no Brasil. In: Lavinas, Lena; CARLEIAL, Lana M. da F.; NABUCO, Maria R. (orgs). *Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil*. SP: Hucitec, 1993, pp87-95.
- BEZZI, Meri Lourdes. *Região: uma revisão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas*. 1995. (Tese) Doutorado em Geografia. UNESP.
- CARLEIAL, Lana Maria da F. A questão regional no Brasil Contemporâneo. In: Lavinas, Lena; CARLEIAL, Lana M. da F.; NABUCO, Maria R. (orgs). *Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil*. SP: Hucitec, 1993, pp87-95.
- CARLOS, Ana Fani A. (org.) *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 1999.
- CASTRO, Iná Elias de. Visibilidade da região e do regionalismo. A escala brasileira em questão. In: Lavinas, Lena; CARLEIAL, Lana M. da F.; NABUCO, Maria R. (orgs). *Integração, região e regionalismo*. RJ: Bertrand, 1994, pp. 155-169.

- CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*. RJ: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Editora Ática, 2003. 7ª ed. Série Princípios.
- COSTA, Wanderley M. da. *O estado e as políticas territoriais no Brasil*. SP: Contexto, 1991.
- GEIGER, Pedro P. Organização Regional do Brasil. In: *Revista Geográfica*, Rio de Janeiro, Tomo XXXIII, nº61, p.25-53, Jul./Dez. de 1964.
- GONÇALVES, Maria F.; BRANDÃO, Carlos A.; GALVÃO, Antônio C. *Regiões e cidades, cidades nas regiões – o desafio urbano-regional*. Rio Claro: Unesp, 2003.
- GOLDENSTEIN, Léa e SEABRA, Manoel F. Gonçalves. Divisão territorial do trabalho e nova regionalização, in *Revista do Departamento de Geografia*, (1), São Paulo, FFLCH/USP, 1982.
- ELIAS, Denise. Globalização e fragmentação do espaço agrícola do Brasil. *Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales*, Volume 10, n. 218(3), agosto de 2006.
- HAESBART, Rogério. *Territórios alternativos*. SP: Contexto, 2002.
- HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. SP: AnnaBlume, 2005.
- KAISER, Bernard. “A região como objeto de estudo da Geografia”. In: GEORGE, Pierre ET AL. *Geografia Ativa*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968, pp. 281-323.
- LENCIONI, Sandra. Região e Geografia. A noção de região no pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani A. (org). *Novos Caminhos da Geografia*, SP: Contexto, 1999, pp187-204.
- _____. *Região e Geografia*. São Paulo: Edusp, 1999.
- LIPIETZ, Alan. *O capital e seu espaço*. São Paulo: Nobel, 1988.
- MOURA, Rosa. Arranjos urbano-regionais no Brasil – uma análise com foco em Curitiba. Curitiba, Tese (Doutorado), UFPR, 2009.
- MARX, Murilo. *Cidade no Brasil, terra de quem?* SP: Edusp/Nobel, 1991, caps. 1, 2 e 3.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. *Geografia – pequena história crítica*. 15ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. *Território e história no Brasil*. 3ª ed. SP: AnnaBlume, 2008.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Noiva da revolução e elegia para uma re(li)gião*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- _____. *Crítica à razão dualista, o ornitorrinco*. SP: Boitempo Editorial, 2003.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A Geografia Agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: Carlos, Ana Fani (org). *Novos caminhos da Geografia*, São Paulo: Contexto, 2000.
- ROLNIK, Raquel & SOMECK, Nadia. Governar as metrópoles, dilemas da recentralização. In: GONÇALVES, Maria F.; BRANDÃO, Carlos A.; GALVÃO, Antônio C. *Regiões e cidades, cidades nas regiões – o desafio urbano-regional*. Rio Claro: Unesp, 2003, PP. 95-104.
- ROSS, Jurandyr Ross. *Geografia do Brasil*. SP: Edusp, 2000.
- SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. RJ: Record, 2001.
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Edusp, 2005.
- SEABRA, Manoel & GOLDESTEIN, Léa. Divisão territorial do trabalho e nova regionalização. *Revista do Departamento de Geografia*, Separata n. 1, 1982.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação histórica do Brasil*. 14ª. Ed. RJ: Graphia, 2002.
- SMITH, Neil. *Desenvolvimento desigual*. RJ: Bertrand Brasil, 1988.

Conteúdo Programático (2º semestre/2012)

Aula 1)	Apresentação do Programa. Introdução ao estudo da Geografia Regional do Brasil. Orientações para elaboração dos Seminários.
Aula 2)	Os domínios da natureza e a regionalização do espaço brasileiro
Aula 3)	DTT, produção do espaço e novas diferenciações espaciais
Aula 4)	O Planejamento regional e questão regional em meados do século XX
Aula 5)	O Ordenamento territorial e a questão regional no pós-anos 1990
Aula 6)	O urbano regional brasileiro e a metropolização do território

Aula 7)	A produção do espaço agrário regional brasileiro
Aula 8)	Região, Regionalização e Regionalismos
	Apresentação de Seminários
Aula 9)	As redes, o território e o debate regional
	Apresentação de Seminários
Aula 10)	A regionalização do espaço brasileiro – uma revisão historiográfica
	Apresentação de Seminários
Aula 11)	A regionalização do espaço brasileiro – leituras contemporâneas
	Apresentação de Seminários
Aula 12)	Apresentação de Seminários
	Apresentação de Seminários
Aula 13)	Revisão para a prova final
Aula 14)	PROVA FINAL (com consulta)
Aula 15)	Correção Oral da Prova
	Apresentação Seminários Remanescentes

SÃO PAULO, JULHO DE 2015

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**Programa da disciplina
FLG 0560 – Geografia Urbana I
Profº Simone Scifoni - 2014**

I. OBJETIVOS

Ponto de vista dos conteúdos: discutir os elementos da produção do espaço urbano enquanto processo histórico, social e desigual; analisar o processo de urbanização no nível mundial; compreender os diferentes modos de vida nas metrópoles e os movimentos sociais urbanos.

Ponto de vista do processo formativo: aprimorar habilidades relacionadas às várias linguagens, atividades e técnicas utilizadas no ensino da Geografia (redação; uso da cartografia e das tecnologias de informação; organização de estudos de campo).

II. CONTEÚDOS

A Geografia e a análise do fenômeno urbano. O espaço urbano e seu processo histórico de produção. A cidade enquanto produto, condição e meio do processo de produção geral da sociedade. Paisagem e uso do solo urbano. Valorização do espaço urbano. Processo de urbanização e o papel hegemônico da metrópole no capitalismo. O processo de urbanização nos países dependentes. Cidade: cotidiano, modo de vida e lutas. Direito à cidade e uma nova urbanidade.

III – METODOLOGIA

Aulas dialogadas, problematização de conteúdos, análise e discussão de textos indicados (estudos dirigidos sobre os textos com elaboração de síntese de discussões).

Realização de trabalho de campo com percurso na área central de São Paulo, distrito do Bom Retiro. Elaboração de relatório de campo contendo: problematização do tema; levantamento bibliográfico e documental; organização e sistematização das informações do campo.

IV - FORMAS DE AVALIAÇÃO

Estudos dirigidos: avaliação das sínteses de discussão dos textos em grupo (nota de 0-10).

Trabalho de campo: avaliação do relatório em duplas (nota de 0-10)

Recuperação: prova escrita (individual e sem consulta) de todos os conteúdos da disciplina.

V – CRONOGRAMA DAS AULAS (proposta para discussão com alunos)

Aula	Data	Tema da aula e texto obrigatório
1 e 2	21 out	Apresentação do programa. Origens e formação das cidades. Texto 1: SINGER, Paul. Economia política da urbanização. Capítulo: À guisa de introdução: urbanização e classes sociais.
3	28 out	Industrialização e urbanização. Texto 2: LEFEBVRE, Henri. O Direito à cidade. Capítulo: Industrialização e urbanização: noções preliminares.
4	04 nov	TRABALHO DE CAMPO PARA TURMA DO DIURNO (14 – 17:30 hs) Neste dia não haverá aula para turma do noturno
5	9 nov (domingo)	TRABALHO DE CAMPO PARA TURMA DO NOTURNO (8:00- 11:30 hs)
6	11 nov	1ª Parte: Discussão sobre o Trabalho de Campo (organização da proposta do relatório em grupo) 2ª Parte: Formação das cidades no Brasil. 3ª Parte: Texto 3: ABREU, Maurício. Cidade brasileira: 1870-1930. In: SPOSITO, M.E. Urbanização e cidades: perspectivas geográficas.
7	18 nov	Periferias e habitação. Texto 4: BONDUKI, Nabil. Origens da habitação social no Brasil. Capítulo 7: habitação por conta do trabalhador.
8	25 nov	Reestruturação urbano-industrial. Texto 5: LENCIONE, Sandra. Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Baixar no www.scielo.br (Revista de geografia Norte Grande, nº 39, 2008)
9	02 dez	Produção do espaço urbano, valorização do espaço e renda da terra. Texto 6: CARLOS, Ana Fani. A (re)produção do espaço urbano. Capítulo 2: Espaço e valor: a questão da propriedade privada da terra. (p.166-180)
10	09 dez	Urbanização e mundialização. Texto 7: CARLOS, Ana Fani. A reprodução da cidade como negócio. In: Urbanização e mundialização. Estudos sobre a metrópole.
11	16 dez	Segregação socioespacial. Texto 8: SMITH, Neil. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. Geosp 21, 2007 (baixar site Geosp)
12	06 jan	Cotidiano e urbanização crítica. Texto 9: DAMIANI, Amélia. A cidade (des)ordenada. Boletim Paulista de Geografia 72, 1994.
13	13 jan	Urbanismo e projeto urbano. Texto 10: HARVEY, David. A condição pós-moderna. Capítulo 4, parte I: O pós modernismo na cidade: arquitetura e projeto urbano.
14	20 jan	O direito à cidade. Texto 11: LEFEBVRE, Henri. Direito à cidade. Capítulo: O direito à cidade. Entrega do Relatório de Campo. Fechamento da disciplina.

Recuperação (prova): 27 de janeiro de 2015.

VI - BIBLIOGRAFIA

- ABREU, M. Cidade brasileira 1870-1930. In: SPOSITO, M.E.B. (org). *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: Unesp, 2001.
- ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. *A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- ARGAN, G.C. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- AZEVEDO, A. *Vilas e cidades do Brasil Colonial*. Geografia nº11, Boletim 208. FFCL/USP, 1956.
- BENEVOLO, L. *História da cidade*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.
- CALDEIRA, T.P. *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2003.
- CARLOS, A.F.A. *A (re) produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1988.
- _____. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Contexto, 1996.
- _____. *A condição espacial*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARLOS, A.F.A.; OLIVEIRA, A.U. (orgs). *Geografias de São Paulo 1. Representação e crise da metrópole*. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. *Geografias de São Paulo 2. A metrópole do século XXI*. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. *Geografias das metrópoles*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CASTELLS, M. *A questão urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CHOAY, F. *O urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- DAMIANI, A.L. A geografia e a produção do espaço da metrópole. In: CARLOS, A.F.A.; CARRERAS, C. (orgs). *Urbanização e mundialização. Estudos sobre a metrópole*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 38-50.
- DANIEL, C. Poder local no Brasil urbano. *Espaço e Debates* nº 24, p. 26-39, 1988.
- ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- FERREIRA, J.S.W. *São Paulo: o mito da cidade-global*. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2003.
- FIX, M. A.B. *São Paulo Cidade Global*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2003.
- FRUGULI JR., Heltor. *Centralidade em São Paulo*. Trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Edusp, 2000.
- GEORGE, P. *Geografia urbana*. São Paulo: Difel, 1983.
- GOMES, P.C.C. *A condição urbana. Ensaio sobre a geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- HARVEY, D. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. *Espaço e Debates* nº 39, p. 48-64, 1996.
- _____. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.
- Holanda, S.B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- JEUDY, H.P. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- LANGENBUCH, J. R. *A estruturação da Grande São Paulo. Estudo de geografia urbana*. Rio de Janeiro: FIBGE, 1971.
- LENCIONE, S. Uma nova determinação do urbano: o desenvolvimento do processo de metropolização do espaço. In: CARLOS, A.F.A.; LEMOS, A.I.G. (orgs). *Dilemas urbanos*. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. *Concentração e centralização das atividades: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo*. *Revista de Geografia Norte Grande*, 39. p.7-20, 2008.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Documentos, 1969.

- _____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. *A revolução urbana*. Tradução Sergio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- KOWARICK, L. *A espoliação urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- _____. *Viver em risco*. Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- MARTINS, J.S. *Subúrbio*. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2002.
- MATOS, Odilon Nogueira. São Paulo no século XIX. In: AZEVEDO, Aroldo. (org). *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. São Paulo: Nacional, 1958. Vol.II, p.49-95.
- MUNFORD, L. *A cidade na história*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- RIGOL, S.M. *A gentrification*. Conceito e método. In: CARLOS, A.F.A.; CARRERAS, C. (orgs). *Urbanização e mundialização. Estudos sobre a metrópole*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 98-121.
- SANTOS, Milton. *Por uma economia política da cidade*. São Paulo: Hucitec/Educ, 1994.
- _____. *Metrópole corporativa e fragmentada: o caso de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- _____. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SASSEN, S. *A cidade global*. São Paulo: Studio Nobel, 1988.
- SEABRA, O.L.C. *Urbanização e fragmentação. Cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. Tese (Livre-Docência). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2003.
- _____. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida. *Revista Cidades*, vol. 1, no 2, p.181-206, 2004.
- SILVA, C.;CAMPOS, A. (org.) *Metrópoles em mutação*. Rio de Janeiro: Revan/Faperj, 2008.
- SINGER, P. *Economia Política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SMITH, N. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. *Revista Geusp*, São Paulo, nº 21, pp.15-31, 2007.
- _____. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à regeneração urbana como estratégia urbana local. In: BIDOU-ZACHARIASEN, C. (coord). *De volta à cidade. Dos processos de gentrificação às políticas de revitalização dos centros urbanos*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 59-87.
- SITTE, C. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, 1992.
- SOUZA, M. A. *A identidade da metrópole. A verticalização em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 2001.

Universidade de São Paulo - USP
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Geografia - DG
Disciplina: FLG0355 - Climatologia II
Prof. Emerson Galvani

Programação Inicial (2015)

Nº	Data	Atividades	Local
1	07 de março (módulos 1 e 2)	Apresentação do programa e diretrizes para a disciplina. Conceitos iniciais. Climas do Brasil e Classificação Climática. Atividade 1 - <i>→ 1ª aula (07/03/15)</i>	Anfiteatro do Departamento de Geografia
2	21 de março (módulos 3 e 4)	Balanco hídrico climatológico: aspectos teóricos e aplicados aos climas do Brasil - parte 1 Atividade 2 - <i>→ 2ª aula (21/03/15)</i>	Anfiteatro do Departamento de Geografia
3	18 de abril (módulos 5 e 6)	Circulação atmosférica da América do Sul e Brasil Professor Dr. Rubens Junqueira Vilela Atividade 3	Sala 01
4	9 de maio (módulos 7 e 8)	Adversidades e Excepcionalidades Climáticas Professor Dr. José Bueno Conti Atividade 4	Anfiteatro do Departamento de Geografia
5	23 de maio (módulos 9 e 10)	Balanco hídrico climatológico: aspectos teóricos e aplicados aos climas do Brasil - parte 2 Atividade 5	Anfiteatro do Departamento de Geografia
6	30 de maio (módulos 11 e 12)	Clima urbano: o papel da Sociedade do processo de produção do clima urbano Atividade 6	Anfiteatro do Departamento de Geografia
7	13 de junho (módulos 13 e 14)	Visita a Estação Meteorológica Convencional do Instituto Astronômico e Geofísico da USP Atividade 7 (relatório da visita técnica)	Parque Cientec IAG/USP (Água Fundada)
8	22 de junho	Entrega do relatório da visita técnica	Sala do professor
	01 de julho	Prazo final para cadastro das notas no sistema	Sistema Júpiter

Bibliografia (*)

Ayoade, J.O. Introdução a Climatologia para os trópicos. 3ª ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991. 332p.
(tradução Professora Maria Juraci Zani dos Santos).

Mendonça, Francisco; Danni-Oliveira, I. M. Climatologia: noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

Pereira, A.R., Sentelhas, P.C., Angelocci, L.R. Agrometeorologia: Fundamentos e aplicações práticas. Guaíba: Agropecuária, 2002. 478p.

Sant'Anna Neto, J.L., Zavattini, J.A. (Org.) Variabilidade e Mudanças Climáticas. Maringá: Eduem, 2000.

Sellers, W.D. Physical Climatology. Chicago: The University of Chicago Press, 1974. 272p.

Tarifa, J.R.; Azevedo, T.R. Os climas da cidade de São Paulo: teoria e prática. 2001. In: *Coleção Novos Caminhos* n.4. Departamento de Geografia, FFLCH, USP, São Paulo.

Tavares, Renato. Clima, tempo e desastres. In: *Desastres naturais: conhecer para prevenir*. Org. Lidia Keiko Tominaga; Jair Santoro e Rosângela Amaral. São Paulo: Instituto Geológico, 2009.

Tubelis, A., Nascimento, F. J. L. Meteorologia Descritiva. Fundamentos e Aplicações. Editora Nobel, 1980, 374p.

Varejão-Silva, M.A. Meteorologia e Climatologia. INMET: Brasília, 2000. 515p. (versão digital disponível em www.agritempo.gov.br clicar em publicações Download e em seguida livros)

Venturi, L.A.B. (Org.) Geografia: Prática de campo, Laboratório e Sala de aula. São Paulo: Sarandá, 2012.

* Essa bibliografia será complementada com as indicações dos professores palestrantes.

$$MF = (ATV1) + \dots (ATVn)$$

≠

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DISCIPLINA PLANEJAMENTO – 2015
Profª Isabel Pinto Alvarez

**ORIENTAÇÕES SOBRE O A ATIVIDADE DE ANÁLISE E PESQUISA DO
ESTATUTO DA CIDADE/ PLANO DIRETOR**

Objetivos do trabalho: incentivar o conhecimento sobre os instrumentos urbanísticos legais no Brasil; proporcionar a análise e discussão crítica destes instrumentos; estimular a produção de um conhecimento teórico-prático sobre a cidade e o planejamento.

Operacionalização:

- 1- Este trabalho será realizado em dois momentos articulados e o grupo deve manter-se o mesmo nos dois momentos.
- 2- Os grupos devem conter 4 ou cinco componentes, no máximo. Todos os componentes do grupo devem ser do mesmo período/turma (diurno ou noturno)
- 3- Escolher um município da Grande São Paulo (menos São Paulo), como recorte de pesquisa. *e de André*
- 4- Obter acesso ao Plano Diretor do município (em geral está disponível nos sites das Câmaras Municipais) *ou pedir os anexos (mapas) → facilitar a leitura*

Primeiro Momento:

→ Lei federal do país sobre a terra
Trata-se de uma pesquisa sobre o Estatuto da Cidade e os Planos Diretores. Esta pesquisa deve conter respostas às seguintes questões: a

- a) Em qual contexto, por que e quando o Estatuto da Cidade foi criado?
- b) Quais princípios norteiam a sua configuração?
- c) Quais são os instrumentos urbanísticos previstos no Estatuto da Cidade que atenderiam supostamente a estes princípios? Explique
- d) Qual é a relação entre Estatuto da Cidade e Plano Diretor?

Esta pesquisa deverá ser entregue para as monitoras na 7ª aula do curso, conforme o programa. Na 8ª aula, será realizada uma atividade para qual é necessário o conhecimento prévio do Estatuto da Cidade e dos instrumentos urbanísticos.

Segundo Momento:

- a) Ler e analisar o Plano Diretor do Município escolhido.
- b) Verificar a presença (ou não) dos seguintes instrumentos e estudá-los.
IPTU progressivo no tempo;
Outorga Oncrosa do direito de construir;
ZEIS e moradia social;
Operação Urbana;
Concessão urbanística;

*uma vez
plano diretor
social
função
potencial
correlação
contexto*

quando o plano diz o que será feito

Usucapião;

Instrumentos de participação popular na gestão da cidade.

Atenção: neste momento é importante verificar: o instrumento é autoaplicável, ou remete a lei específica? Se remeter a lei específica, verificar (pela Câmara) se a lei foi regulamentada.

- c) Escolher dois destes instrumentos e fazer uma pesquisa empírica sobre a situação de sua efetivação no município em questão. (isso implica em olhar mapas, leis, fazer entrevistas, observações de campo, etc)

Como produto final, cada grupo deve montar um PP1 que será apresentado em sala e, portanto, deve ser claro e objetivo, contendo:

- A metodologia da pesquisa; *→ o que o grupo fez?*
- Uma síntese da estrutura geral do Plano Diretor do Município escolhido;
- Uma descrição de como os instrumentos urbanísticos selecionados acima aparecem no Plano Diretor e sua efetivação;
- A pesquisa empírica sobre os instrumentos; o que ela revelou sobre a aplicabilidade dos instrumentos?
- Conclusões
- Referências

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFLCH – DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
DISCIPLINA: PLANEJAMENTO – 2015 – PROFª ISABEL AP. P. ALVAREZ

Proposta de plano de curso

<p>Objetivos:</p> <p>O curso tem por objetivo discutir o planejamento territorial em diferentes escalas (regional, urbano, intra-urbano) na perspectiva da ciência geográfica. O programa da disciplina envolve o seguinte movimento de exposição de conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O planejamento territorial no plano da reprodução sócio espacial, como parte da ação Estatalista no contexto da economia de mercado e suas contradições. • O processo de produção das desigualdades regionais, e as concepções, tentativas e práticas de planejamento regional. • O planejamento urbano e suas diferentes perspectivas no contexto da constituição da sociedade urbana e das transformações da reprodução do capital. • Análise crítica dos instrumentos contemporâneos de política urbana no Brasil. 	
data/aula	ATIVIDADE/CONTEÚDO PROGRAMADO
1ª 03 e 06/08	Apresentação do programa/avaliação/trabalho de campo/trabalho final. Discussão do texto: CARLOS, A.F.A. Da organização à produção do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: A produção do Espaço urbano. São Paulo, Ed. Contexto, 2011.
2ª 10 e 13/08	A natureza crítica da produção do espaço HARVEY, D. A opressão via capital, In: <i>O novo imperialismo</i> , São Paulo, Ed. Loyola, 2005. → impresso OK
3ª 17 e 20/08	O sentido do planejamento e da racionalidade tecnocrática sobre o espaço. LEFEBVRE, H. O espaço, a produção do espaço, a economia política do espaço, in: <i>Espaço e política</i> , Ed. UFMG, Belo Horizonte 2008.
4ª 24 e 27/08	O planejamento e as desigualdades regionais. Escalas e fundamentos de intervenções. SANTOS, M. Polos de crescimento econômico e justiça social, in: <i>Economia Espacial</i> , São Paulo, Edusp, 2ª edição, 2003. ANDRADE, M. C. Espaço, polarização e desenvolvimento, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1970. (capítulo V) → impresso → impresso
5ª 31/08 e 03/09	Planejamento regional no Brasil: os diferentes momentos da integração regional ao mercado oligopolizado. SAMPAIO, L. M. O nacional desenvolvimentismo e as políticas para o desenvolvimento regional no Brasil: caracterização e comparação entre os anos 1950-70 e o período pós 2003, In: <i>Anais do XV Encontro Nacional da ANPUR</i> , Recife, 2013. → impresso
6ª 14 e 17/09	Planejamento regional no Brasil: os diferentes momentos da integração regional ao mercado oligopolizado ABLAS, L.O estudo dos Eixos como instrumento do planejamento regional. In: <i>Regiões e cidades, cidades nas regiões. O desafio urbano-regional</i> , São Paulo, Anpur/Unesp, 2003. → impresso
7ª 19/09	Trabalho de campo 10h até 17h (+ ou -)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFLCH – DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
DISCIPLINA: PLANEJAMENTO – 2015 – PROFª ISABEL AP. P. ALVAREZ

Proposta de plano de curso

7ª 21 e 24/09	A trajetória do urbanismo e a produção do urbano como negócio. CHOAY, F. O urbanismo. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2003. (cap. Introdutório, O urbanismo em questão)	→ imprimir
NESTA AULA ENTREGAR PARA OS MONITORES A ATIVIDADE 1- REFERENTE À PESQUISA SOBRE ESTATUTO DA CIDADE E OS PLANOS DIRETORES (1,0)		
8ª 28/09 e 01/10	Discussão sobre os instrumentos de política urbana no Brasil. O estatuto da cidade, planos diretores, instrumentos urbanísticos Atividade (1,0)	
9ª 03/10	Trabalho de campo.	
10ª 05 e 08/10	A cidade e o planejamento modernista Carta de Atenas (CIAM) LEFEBVRE, H. A ilusão urbanística. In: A revolução urbana, <i>A Revolução Urbana</i> , Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2004.	→ imprimir OK.
11ª 15/10	Trabalho de campo	
12ª 19 e 22/10	Do planejamento modernista ao planejamento estratégico, e às políticas do Banco Mundial ROBIRA, R. T. Planejamento urbano: discurso anacrônico, práticas globalizadas, in: <i>Geografia das Metrópoles</i> , São Paulo, Ed. Contexto, 2006 FERREIRA, J.W.S. Urbanismo às avessas, in <i>Hegemonia às avessas</i> , São Paulo, Boitempo, 2010.	→ imprimir OK → imprimir OK
13ª 26 e 29/10	Do planejamento modernista ao planejamento estratégico, e às políticas do Banco Mundial Discussão dos elementos observados nos trabalhos de campo. ALVAREZ, I.P. As políticas espaciais contemporâneas e a reprodução do capital e do urbano, in: <i>Revista Cidades</i> . Disponível em: http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/2373/2116	→ imprimir OK
14ª 05 e 09/11	Trajetória do planejamento urbano /urbanismo no Brasil. VILLAÇA, F. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: Deák, C. e Schiffer, S.R. (orgs), <i>O processo de urbanização no Brasil</i> . São Paulo, Fupam/Edusp, 2004 CARLOS, A.F.A. A 'ilusão' da transparência do espaço e a 'fé cega' no planejamento urbano: os desafios de uma geografia urbana crítica. <i>Revista Cidades</i> , São Paulo, 6 (10), 2009	
15ª 12 e 16/11	Instrumentos de política urbana no Brasil: avanços e contradições Análise de Plano Diretores (apresentação dos grupos e entrega do material 4,0)	
16ª 19 e 23/11	Instrumentos de política urbana no Brasil: avanços e contradições Análise de Plano Diretores (apresentação dos grupos e entrega do material 4,0)	
17ª 26 e 30/11	Avaliação (4,0)	

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFLCH – DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
DISCIPLINA: PLANEJAMENTO – 2015 – PROFª ISABEL AP. P. ALVAREZ

Proposta de plano de curso

Bibliografia complementar:

- ARANTES, O. O urbanismo em fim de linha. In: *O urbanismo em fim de linha*, São Paulo, Edusp, 2004.
- BIDOU-ZACHARIASEN, C. (coord.) De volta à cidade. Dos processos de gentrificação às políticas de revitalização dos centros urbanos. São Paulo, Ed. Annablume, 2006.
- COBOS, E. P. Las políticas de planeación urbana en el neoliberalismo, In: Brand, P. (org) *La ciudad latinoamericana en el siglo XXI*, Medellín, Universidad, Nacional de Colombia, 2009.
- CONHN, A. Crise regional e planejamento. O processo de criação da Sudene, São Paulo, Editora Perspectiva
- DINIZ, C. C.; LEMOS, M.B. (orgs) Economia e território, Belo Horizonte, UFMG, 2005.
- GRANOU, A. Capitalismo e modo de vida. Porto, Afrontamento, 1975
- HARVEY, D. O novo imperialismo, São Paulo, Edições Loyola, 2004.
- _____. A produção Capitalista do espaço, São Paulo, Annablume, 2005.
- LEFEBVRE, H. Posição: Contra os tecnocratas, São Paulo, Nova Crítica, 1969.
- LIMONAD, E; CASTRO, E. (orgs). Um novo planejamento para um novo Brasil? Rio de Janeiro, Letra Capital editora, 2014
- IANNI, O. Estado e Planejamento econômico o Brasil, Rio de Janeiro, editora UFRJ, 2009.
- JACOBI, P. Movimentos sociais urbanos numa época de transição: limites e potencialidades. In Sader, E. (org) Movimentos sociais na transição democrática, São Paulo, Cortez, 1987.
- OLIVEIRA, F. Crítica à razão dualista. In: Crítica à razão dualista. O ornitorrinco, São Paulo, Boitempo, 2003)
- _____, BRAGA, R. e Rizeck, C. (orgs). Hegemonia as avessas, São Paulo, Boitempo, 2011.
- SANTOS, M. Economia Espacial, São Paulo, Edusp, 2003.
- _____. Metrópole Corporativa Fragmentada, São Paulo, Edusp, 2012.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES FUNDAMENTAIS:

- 1) A média será calculada pela somatória das atividades realizadas.
- 2) A avaliação será com consulta nos fichamentos previamente vistos pela professora e/ou monitores. Não será permitido consultar os textos, nem anotações não vistas.
- 3) Não haverá reposição de atividades.
- 4) Os trabalhos de campo são atividades obrigatórias do curso, mas não terão uma nota de avaliação específica.
- 5) A avaliação substitutiva será realizada no dia 03/12.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
Av. Prof. Lineu Prestes, 338 - CEP 05508-900 - Cidade Universitária - São Paulo (SP)

Disciplina: FLG0433 - Teoria e Método da Geografia II
Professor Responsável: Prof. Dr. Elvio Rodrigues Martins
Créditos Aula: 04
Carga Horária Total: 60
Primeiro semestre 2016

Objetivos

1. Retomar, num plano mais elevado, as discussões realizadas em Teoria e Método da Geografia I.
2. Mostrar a problemática da legitimação da ciência geográfica e as diferentes vias de seu equacionamento na atualidade.
3. Discutir a relação Geografia e Filosofia, apontando para a temática metodológica.

Programa

1. A questão do objeto geográfico. As dicotomias da Geografia. Método e universo empírico.
2. Racionalismo, empirismo e dialética na Geografia.
3. Objetividade, ideologia e as formas de legitimação da ciência.
4. Unidade e dispersão no conhecimento geográfico.
5. Análise e teoria em Geografia.
6. A questão do sujeito na investigação geográfica.
7. Fundamentos epistemológicos dos paradigmas atuais da Geografia.

Avaliação e Desenvolvimento do Curso

Método: Aulas expositivas, análise de textos

Critério: Provas escritas, frequência regular às aulas e participação nos debates.

Bibliografia

- CAPEL, Horácio. *Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea*. Barcelona, Barcanova, 1983.
- CASTRO, I. E. et alii. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.
- CLOSIER, René. *História da Geografia Portugal*. Publicações Europa-América, 1972.
- ESTÉBANEZ, José. *Tendencias y Problemática Actual de la Geografía*. Madrid, Editorial Cincel, 1994.
- JOHNSTON, R.J. *Geografia e Geógrafos*. São Paulo, Difel, 1986.
- MENDOZA, Josefina Gomez et alii. *El Pensamiento Geográfico*. Madrid, Alianza Editorial, 1982.
- MOREIRA, Ruy. *O Circulo e a Espiral*. Rio de Janeiro: Coautor, 1993.
- _____. *O Pensamento Geográfico Brasileiro: as matrizes clássicas originárias*, V.01, São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- _____. *Para Onde vai o Pensamento Geográfico*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- _____. *Pensar e Ser em Geografia*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- SOJA, Edward W. *Geografias Pós-Modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- SORRE, Max. *Recontres de la Géographie et de la Sociologie*. Paris: Librairie Marcel Rivière et Cie, 1968.
- SANTOS, M. *Economia Espacial*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- _____. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- _____. *Espaço e Sociedade*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. *Por uma Geografia Nova*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1980.
- SILVA, Armando Corrêa. *O Espaço Fora do Lugar*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- _____. *De quem é o Pedraço? Espaço e Cultura*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. *Geografia e Lugar Social*. São Paulo: Hucitec, 1991.
- GEORGE, P. *Os Métodos da Geografia*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.
- _____. *Sociologia e Geografia*. São Paulo: Forense, 1969.
- UNWIN, Tim. *El Lugar de la Geografía*. Cátedra: Madrid, 1992.
- VALCÁRCEL, Jose Ortega. *Los Horizontes de la Geografía*. Ariel: Barcelona, 2000.

Roteiro de Aulas e Leitura

Aula	Conteúdo	Bibliografia para a aula
1ª	Apresentação do Curso	
2ª	<u>A Realidade</u> - A realidade (o contexto onde vivemos) é constituída ou definida por uma (ou várias) geografias? - Se sim, quais são estas geografias? - A geografia é algo estático, ou está em movimento? - O que é este movimento de geografia? - Como identificar este movimento e qual a natureza de sua dinâmica? - Quais as principais características geográficas da realidade presente? - Ou seja, o que é esta geografia?	
3ª	<u>A Ciência</u> - Porque a Natureza e Sociedade são temas de estudo da ciência geográfica? - Porque a ciência geográfica tem sido apresentada como constituída por um lado pela geografia humana e por outro a geografia física? - O que justifica ou explica a existência de disciplinas como a geografia urbana, geografia rural, biogeografia, geografia agrícola, geografia política, geografia social, geografia da população, geografia econômica, ecogeografia, geografia da circulação, geografia cultural, geografia do comércio, geografia das comunicações, geografia da indústria? - Qual a relação da Geomorfologia, da Climatologia e da Pedologia com a ciência geográfica? - Qual a relação da economia, da sociologia, da antropologia e da ciência política com a ciência geográfica? - Qual a relação entre História e Geografia?	"Perspectivas da Geografia", As Características Próprias da Geografia, Autor Paul Vidal de La Blache "Relações Gerais entre a Geografia Humana e a geografia Física" in Geografia Humana, Autor: Jean Brunhes "Cap. V - Devemos Distinguir entre Fatores Humanos e Fatores Naturais?" "Cap. VI - A Divisão da Geografia em Campos Tópicos. O Dualismo entre a Geografia Física e a Geografia Humana" in Propósitos e Natureza da Geografia, Autor: Richard Hartshorne
4ª	<u>A Linguagem</u> - Porque espaço é um conceito da ciência geográfica? Existem outros? Quais? - Se existem outros conceitos porque o espaço é para alguns o objeto da ciência geográfica? - Qual a relação entre cartografia e geografia? Ou porque a ciência geográfica tem estreita relação com a cartografia?	"As Categorias como Fundamento do Conhecimento Geográfico" in O Espaço Interdisciplinar, Autor: Amendo Correia da Silva
5ª	A necessidade do todo na compreensão da Geografia: Totalidade e totalização Determinações objetivas e determinações subjetivas Natureza e Sociedade	"Relações Gerais entre a Geografia Humana e a geografia Física" in Geografia Humana, Autor: Jean Brunhes "Papel e Valor do Ensino de Geografia e de sua Pesquisa" in "Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira", Autor: Paulo Norberg
6ª	continuação	
7ª	Quadro expositivo das geografias rural, agrícola, agrícola urbana e industrial.	
8ª	Elementos técnicos da Geografia Rural, Agrária e Agrícola. Análise de conceitos: campo, espaço agrícola, agrícola, rural.	"Geografia Humana", Livro Quarto - Geografia Agrária, Autor: Max Demus "Geografia Agrária", Introdução: Princípios Gerais de Geografia Agrária, Autor: Daniel Foucher
9ª	Elementos técnicos da Geografia Urbana e Industrial. Análise de conceitos: cidade, espaço urbano, urbano	"Introdução a Geografia Urbana", Cap.1 - O Campo da Geografia Urbana, Autor: David Clark

		<p>"A Ação do Homem", Terceira Parte: A Organização do Espaço Industrial, Capítulos 1 e 2. Autor: Pierre George.</p> <p>"Desarrollo, Posición y Finalidad de la Geografía Industrial" in Geografía General Agraria e Industrial, Autor: Erich Odenra.</p>
10º	<p>Elementos Teóricos da Geografia Cultural</p> <p>Conceitos da Cultura</p> <p>A relação entre Cultura e Meio Geográfico:</p>	<p>"Introdução à Geografia Cultural", Geografia Cultural, Autor: Carl O.Sauer;</p> <p>"Os Temes da Geografia Cultural", Autores: Philip L. Wagner e Marvin W. Mikesell,</p> <p>"Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: problemas da teoria." Autor: Denis E. Cosgrove</p>
11º	<p>Elementos teóricos dos estudos da Natureza: do método ao conceito de natureza</p> <p>Natureza selvagem e Natureza não-selvagem</p>	<p>Capítulos 1, 2 e 3 do livro "A Natureza da Geografia Física" Autor: K.J. Gregory</p> <p>Textos opcionais:</p> <p>"Antropologia Moderna", Cap. 3 - Idéias modernas e pré-modernas acerca da natureza e do espaço; e cap. 4 - As Raízes modernas do environmentalismo. Autor: David Pepper</p> <p>"Ecologia do ecossistema e paisagem", cap. 1 e 2. Autor: Christian Levings</p>
12º	Continuação	
13º	<p>Elementos teóricos da Geografia Política</p> <p>O Estado (o que é)</p> <p>O Território</p> <p>A relação Estado-Território-Sociedade</p> <p>A Noção de Fronteira e Limite</p> <p>A relação entre geografia e política</p>	<p>"Geografia e Política", Cap. 1 - O âmbito da Geografia Política. Autor: A.E. Moore</p> <p>Capítulos 1, 2 e 3 do livro "Geografia Política". Autor: Joan-Eugeni Sánchez</p>
14º	continuação	
15º	Análise final	

1ª Questão: O que é Geografia?

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

GEOMORFOLOGIA II FLG - 1252
--

PROGRAMA de 2016

Noturno- Quintas Feiras das 19:30 às 23:20 hs

Prof. Dr. FERNANDO NADAL J. VILLELA

OBJETIVOS DO CURSO

1. Consolidar o conhecimento teórico-metodológico em Geomorfologia, particularmente quanto às bases conceituais e campo de atuação no entendimento da forma, material e processos de superfície;
2. Ressaltar o caráter dinâmico e descontínuo, no tempo e no espaço, das relações entre clima e relevo;
3. Dar acesso às principais referências metodológicas, conceituais e técnicas para o estudo das vertentes no meio tropical úmido;
4. Examinar a dinâmica morfogenética intertropical, particularmente no território brasileiro, procurando reconhecer as diferenciações intrazonais;
5. Introduzir o aluno na análise e interpretação das relações entre agentes externos e internos na dinâmica morfogenética;
6. Conhecer e aplicar conhecimentos sobre os diversos domínios e zonas morfoclimáticas do globo e promover o conhecimento de processos morfogenéticos elementares, relacionando-os aos sistemas morfogenéticos em suas diversas escalas;
7. Pesquisar as inter-relações entre os processos geomorfológicos e as ações antrópicas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Edificação e construção do conhecimento da Geomorfologia dentre as Ciências da Terra e Geografia em particular;
2. Processos endógenos e exógenos;
3. Teorias Geomorfológicas;
4. Sistemas geomorfológicos: vertentes; balanço morfogenético; hidrologia de vertentes; erosão; movimentos de massa;
5. Processos e formas de relevo no meio tropical úmido;
6. Domínios Morfoclimáticos;
7. Processos geomorfológicos e intervenções antrópicas.

METODOLOGIA

O curso será desenvolvido por diversas estratégias, constituídas basicamente por:

- Aulas expositivas/participativas com leituras prévias obrigatórias para acompanhamento;
- Resolução de exercícios em sala de aula;
- Confecção de fichamentos;
- Trabalho de Campo e Relatório (obrigatório);
- Prova.

A avaliação do desempenho do aluno será realizada por meio da análise da qualidade dos exercícios, fichamentos, relatório de campo e prova. Também será levada em consideração sua capacidade em atender as solicitações em tempo compatível com o processo pedagógico. As atividades em grupo terão peso relativamente maior para efeito do cálculo da média final.

Critérios de avaliação da disciplina:

Fichamentos Textos (Fich) (2): Peso 1

Exercícios (Exerc) (5): Peso 1

Prova: Peso 4

Relatório Trabalho de Campo (RelCampo) (1): Peso 4

Cálculo da Média Final:

$$[(\text{Média Fich}) + (\text{Média Exerc}) + (\text{Prova} \times 4) + (\text{RelCampo} \times 4)]/10 = \text{MÉDIA FINAL}$$

BIBLIOGRAFIA

BÁSICA

ABREU, A. A. A Teoria Geomorfológica e sua Edificação: Análise Crítica. Revista do Instituto Geológico, São Paulo, n. 4, p. 5-23, 1983.

AB'SÁBER, A. N. Regiões de Circundesnudação Pós-Cretácea no Planalto Brasileiro. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 1, p. 3-21, 1949.

AB'SÁBER, A. N. O Relevo Brasileiro e Seus Problemas. In: AZEVEDO, A. Brasil, a Terra e o Homem. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964, v. I, p. 135-250.

AB'SÁBER, A. N. Ritmo da Epirogênese Pós-Cretácica e Setores das Superfícies Neogênicas em São Paulo. Geomorfologia, IGEOG-USP, São Paulo, n. 13, p. 1-20, 1969a.

AB'SÁBER, A. N. Um Conceito de Geomorfologia A Serviço das Pesquisas Sobre o Quaternário. Geomorfologia, IGEOG-USP, São Paulo, n. 18, p. 1-23, 1969b.

AB'SÁBER, A. N. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. Geomorfologia no 20, São Paulo, IGEOG-USP, 1970, 26p.

ALMEIDA, F. F. M. Os Fundamentos Geológicos. In: AZEVEDO, A. Brasil, a Terra e o Homem. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. v. I, p. 55-133.

ALMEIDA, F. F. M. Fundamentos Geológicos do Relêvo Paulista. Série Teses e Monografias, IGEOG-USP, São Paulo, n. 14, 99 p., 1974.

BIGARELLA, J. J.; PASSOS, E.; HERMANN, M. L. P.; SANTOS, G. F.; SALAMUNI, E.; SUGUIO, K. Estrutura e Origem das Paisagens Tropicais e Subtropicais. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. v. 3, 559 p.

BLOOM, A. L. Superfície da Terra. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2000, 184p.

BÜDEL, J. Climatic Geomorphology. New Jersey: Princeton University Press, 1982. 443p.

CHOLLEY, A. Morfologia estrutural e morfologia climática, in Boletim Geográfico, (155), Rio de Janeiro, IBGE, 1960, p. 191-200.

CHRISTOFOLETTI, A. (1974). Geomorfologia. São Paulo, Edgard Blücher.

COLANGELO, A. C. O modelo de feições mínimas ou das unidades elementares de relevo: um suporte cartográfico para mapeamentos geoecológicos. Revista do Departamento de Geografia (USP), São Paulo, v. 10, p. 29-40, 1996a.

COLANGELO, A. C. Evolução de vertentes em meio tropical úmido: avaliação e mapeamento de limiares. Sociedade & Natureza, Uberlândia, v. 15, p. 298-304, 1996b.

COLANGELO, A. C. Sobre os Modelos de Magnitude-Frequência e de Estabilidade de Vertentes. Revista do Departamento de Geografia (USP), v. 16, p. 11-23, 2005.

CRUZ, O. A evolução de vertentes nas escarpas da Serra do Mar em Caraguatatuba-SP. Anais Acad. Bras. de Ciênc., vol. 47, Suplemento: 479-480, Rio de Janeiro, 1975.

CUNHA, S. B. ; GUERRA, A. J. T. (Orgs.). Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995, 392p.

DAVIS, W. M. The Geographical Cycle. The Geographical Journal, London, n. 5, v. 14, p. 481-504, 1899.

DE MARTONNE, E. Le climat facteur du relief in Science. 1913.

DE MARTONNE, E. Problemas Morfológicos do Brasil Tropical Atlântico. Revista Brasileira de Geografia, São Paulo, ano V, n. 4, p. 523-550, 1943.

DE MARTONNE, E. Problemas Morfológicos do Brasil Tropical Atlântico. Revista Brasileira de Geografia, São Paulo, ano VI, n. 2, p. 155-178, 1944.

DYLIK, J. Notion du Versant en Geomorphologie. Bulletin de L'Academie Polonaise des Sciences, Série de Sciences Geol. et Geogr., v. 16, n. 2, p. 125-132, 1968.

GUPTA, A. Geoindicators for tropical urbanization. Anais da Regional Conference on Geomorphology (mimeo/prelo), Rio de Janeiro/UFRJ, 1999. (prelo).

GUTIÉRREZ, M. Geomorfología Climática. In: Geomorfología Climática. Ediciones Omega. 2005, p 3-29.

HACK, J. T. Interpretation of Erosional Topography in Humid Temperate Regions. American Journal of Science 258A, p. 80– 97, 1960.

HART, M.G. Geomorphology: pure and applied. London, Allen & Unwin. 1986. 228 pp.

HORTON, R. E. Erosional development of streams and their drainage basins; hydrophysical approach to quantitative morphology. Bulletin of the Geological Society of America, Vol. 56, p. 275-370, 1945.

JOLY, F. Point de vue sur la Geomorphologie. In: Annales de Geographie, 86º Année, 1977, Armand Collin. Tradução de Rodrigues, C; Cremm, A. B; Camolez, M. C.; Coltrinari, L.

KING, L. C. A Geomorfologia do Brasil Oriental. Revista Brasileira de Geografia, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 147-265, 1956.

PASSARGE, S. Morfologia de Zonas Climáticas O Morfologia de Paisajes? In: Mendoza, J. G et al. El Pensamiento Geografico. Madrid: Alianza, 1982, p. 377-380.

PENCK, W. Morphological Analysis of Landforms: A Contribution To Physical Geology. London: MacMillan & Company Ltd, 1953. 429 p.

PENTEADO, M. M. Fundamentos de Geomorfologia. Rio de Janeiro: IBGE, 1983, 185p.

SELBY, M.J. Hillslope Materials and Processes. Oxford University Press, Oxford. 1982.

TRICART, J. Principes et Méthodes de la Geomorphologie. Paris: Masson e Cie Editeurs, 1965.

COMPLEMENTAR

ABGE – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GEOLOGIA DE ENGENHARIA. Geologia de Engenharia. Publicação ABGE/Fapesp, São Paulo, 1995, 587p.

ABREU, A. A. Surell e as Leis da Morfologia Fluvial. Craton & Intracraton, São José do Rio Preto, p. 1 – 12, 1980.

ABREU, A. A. O Papel do Clima na Evolução do Relevo: A Contribuição de Julius Büdel. Revista do Departamento de Geografia, São Paulo, n. 19, p. 111-118, 2006.

AB'SÁBER, A. N. Domínios morfoclimáticos da América do Sul. Geomorfologia no 52, São Paulo, IGEOG-USP, 1977, 21p..

AB'SÁBER, A. N. Participação das Depressões Periféricas e Superfícies Aplainadas na Compartimentação do Planalto Brasileiro. Geomorfologia, IGEOG-USP, São Paulo, n. 28, p. 1-38, 1972.

ADAMS, G. F. (Ed.). Planation surfaces: peneplains, pediplains, etchplains. Dowden, Hutchinson & Ross, Benchmark papers in Geology 22, Stroudsbouurg, 1975.

AHNERT, F. An approach to the identification of Morphoclimates. In: Gardner, V. (ed.) International Geomorphology, 1987, p. 159-188.

ALMEIDA, F. F. M. et al. Mapa Geológico do Estado de São Paulo – Monografias 6. São Paulo: IPT - INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS, 1981b, 2 v., n. 1184. Escala 1:500.000.

AUGUSTO FILHO, O. Escorregamentos em encostas naturais e ocupadas: análise e controle In: Curso de Geologia Aplicada ao Meio Ambiente, Série Meio Ambiente, IPT-Digeo, São Paulo, 1995, p. 77 – 97.

BADGLEY, P. C. Structural and tectonic principles. New York: Harper & Row, 1965, 521p.

BIGARELLA, J. J.; MOUSINHO, M. R.; SILVA, J. X. Considerações a Respeito da Evolução das Vertentes. Boletim Paranaense de Geografia, Curitiba, n. 16 e 17, p. 85-116, 1965a.

BIGARELLA, J. J.; MOUSINHO, M. R.; SILVA, J. X. Pediplanos, Pedimentos e Seus Depósitos Correlativos no Brasil. Boletim Paranaense de Geografia, Curitiba, n. 16 e 17, p. 117-151, 1965b.

CARSON, M.A.; KIRKBY, M.G. Hillslope, form and process. Cambridge University Press, 1972.

CHORLEY, R. J. The hillslope hydrological cycle. In: KIRKBY, M. J. Hillslope Hidrology. Chichester, John Wiley & Sons, 1978.

CHRISTOFOLETTI, A. (1981). Geomorfologia Fluvial. São Paulo, Edgard Blücher.

COLTRINARI, L. Levantamento de vertentes em Barueri (SP). Geomorfologia, São Paulo, n.58, p. 1-13, 1980.

- COOKE, E. U.; DOORNKAMP, J. C. *Geomorphology in Environmental Management*. Clarendon Press, 1990, 410p.
- COQUE, R. Los Grandes Dominios Morfoclimáticos. In : *Géomorphologie*. Paris, Armand Collin. 1977,p. 204-291.
- CUNHA, S. B. ; GUERRA, A. J. T. (Orgs.). *Geomorfologia e Meio Ambiente*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1996, 394p
- CUNHA, S. B. ; GUERRA, A. J. T. (Orgs.). *Geomorfologia: exercícios, técnicas e aplicações*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1998, 345p.
- CUNHA, S. B. ; GUERRA, A. J. T. (Orgs.). *Geomorfologia do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1998, 392p.
- DE PLOEY, J. KIRKBY, M. J. , AHNERT, F. (1991) Hillslope Erosion by Rainstorms – A magnitude frequency analysis, earth surface processes and landforms, vol. 16. p.399-409.
- DEMEK, J. *Manual of Detailed Geomorphological Mapping*. Academy of Sciences, Prague: IGU Comm. on Geomorphological Survey Mapping, 1972. 368 p.
- DOORNKAMP, J. C.; KING, C. A. M. *Numerical Analysis in Geomorphology: An Introduction*. London: Edward Arnold, 1971. 372 p.
- EARTH SCIENCE CURRICULUM PROJECT. (1978). *Investigando a Terra (versão brasileira)*. São Paulo, FUNBEC/Mac Graw Hill.
- GILBERT, G.K. *Report On The Geology of The Henry Mountains*. New York, 1877.
- GOLDICH, S. S. *A Study in Rock Weathering*. The University of Chicago Press, *The Journal of Geology*, Chicago, n. 46, p. 17-58, 1938.
- GOUDIE, A. S. (Ed.) *Encyclopedia of Geomorphology*. Routledge, London, 2004, 1156p.
- GREGORY, K. J. *A Natureza da Geografia Física*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1992, 367p.
- GUIDICINI, G.; IWASA, O. Y. *Ensaio de correlação entre pluviosidade e escorregamentos em meio tropical úmido IPT*, Publicação 1080, São Paulo, 1976, 48p.
- HUNT, C. B. *Geology of the Henry Mountains: Utah, As Recorded in the Notebooks of G.K. Gilbert, 1875-76*. *Memoirs of Geological Society of America* 167, Boulder, 1988, 229p.
- INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS - IPT. *Mapa geomorfológico do Estado de São Paulo*. São Paulo: Publicação IPT,1981a, Monografia 5, n. 1183, 2v. Escala 1 : 1.000.000.
- KING, L. C. *Canons of Landscape Evolution*. *Bull. Geol. Soc. Amer.*, Vol 64, p. 721-752, 1953.
- KING, L. C. *The Morphology of The Earth: A Study and Synthesis of World Scenery*. Edinburgh: Oliver & Boyd Ltd, 1967. 726 p.
- KLIMASZEWSKI, M. *Detailed Geomorphological Maps*. *ITC Journal*, Academy of Sciences, Krakow, Poland, p. 265-271, 1982.
- LEINZ, V.; AMARAL, S. E. *Geologia Geral*. Editora Nacional, São Paulo, 2001, 432p.
- LEONARDOS, O. H. *Geociências no Brasil – A Contribuição Britânica*. Fórum Editora, Rio de Janeiro, 1970, 343p.
- LEOPOLD, L. B.; WOLMAN, M. G.; MILLER, J. P. *Fluvial Processes in Geomorphology*. San Francisco, Freeman, 1964, 522p.
- LISLE, R. J.; BRABHAM, P. J.; BARNES, J. W. *Mapeamento Geológico Básico – Guia Geológico de Campo*. Bookman, Porto Alegre, 2014, 231p.
- LOBECK, A. K. *Geomorphology*. New York : Mcgraw-Hill, 1939.
- LOCZY, L.; LADEIRA, E. A. *Geologia Estrutural e Introdução à Geotectônica*. São Paulo: Edgard Blücher, 1980. 528 p.
- MESCERJAKOV, J. P. *Les Concepts de Morphostructure et de Morphosculpture: Um Nouvel Instrument de L'Analyse Géomorphologique*. *Annales de Géographie*, Paris, 77 Années, n. 423, p. 539-552, 1968.
- MILLOT, G. *Géochimie de la Surface et Forms du Relief - Présentation*. *Sci. Géol., Bull.*, v. 30, n. 4, Strasbourg, p. 229-233, 1977.
- MILLOT, G. *Planation of Continents by Intertropical Weathering and Pedogenetic Processes*. *International Seminar On Lateritisation Processes*, São Paulo: IUGS; UNESCO; IGCP; IAGC, 1983. p.53-63.
- MONTEIRO, C. A. F. *William Morris Davis e A Teoria Geográfica*. *Revista Brasileira de Geomorfologia*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 1-20, 2001.
- NIR, D. *Man, A Geomorphological Agent: An Introduction to Anthropic Geomorphology*. Keter Publishing House, Jerusalem, 1983.
- OLLIER, C. *Weathering*. London: Longman, 1975. 304 p.

OLLIER, C. *Ancient Landforms*. London: Belhaven Press, 1991. 233p.

PEDRO, G. A Alteração das Rochas em Condições Superficiais (Perimorfismo) – Caracterização Geoquímica dos Processos Fundamentais. *Notícia Geomorfológica*, Campinas, v. 9, n. 17, p. 3-14, 1969.

PRANDINI, F. L.; GUIDICINI, G.; BOTTURA, J. A.; PONÇANO, W. L.; SANTOS, A. R. Atuação da cobertura vegetal na estabilidade de encostas: uma resenha crítica IPT, Publicação 1074, São Paulo, 1976, 37p.

PRESS, F.; SIEVER, R.; GROTZINGER, J.; JORDAN, T. H. *Para entender a Terra*. Porto Alegre: Bookman, 2006, 656p.

ROCHA-CAMPOS, A. C. Varvito de Itu, SP – Registro Clássico de Glaciação Neopaleozóica. In: SCHOBENHAUS, C.; CAMPOS, D. A.; QUEIROZ, E. T.; WINGE, M.; BERBERT-BORN, M. (Eds). *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil - SIGEP*, São Paulo, n. 62, p. 147-154, 2000.

RODRIGUES, C. *Geomorfologia aplicada: avaliação de experiências e de instrumentos de planejamento físico-territorial e ambiental brasileiros*. 1997. 2 V. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

ROSSATO, M. S.; BELLANCA, E. T.; FACHINELLO, A.; CÂNDIDO, L. A.; SILVA, C. R.; SUERTEGARAY, D. M. A. *Terra Feições Ilustradas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. v. 1. 263p.

ROSS, J. L. S.; MOROZ, I.C. Mapa geomorfológico do Estado de São Paulo. DG-FFLCH-USP/IPT/Fapesp, 1997, 2v. Escala 1 : 500.000.

RUHE, R. V. *Geomorphology: geomorphic processes and surficial geology*. Boston: Houghton Mifflin, 1975.

SARTORI, M. G. B.; MÜLLER FILHO, I. L. *Elementos para Interpretação Geomorfológica de Cartas Topográficas - Contribuição à Análise Ambiental*. Editora da Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Geociências, Santa Maria, RS, 1999, 95p.

SAVIGEAR, R.A.G. A Technique of Morphological Mapping. *Annals of The Association of American Geographers*, Los Angeles, v. 55, n. 3, p. 514-538, 1965.

SCHUMM, S. A. *To Interpret The Earth: Ten Ways To Be Wrong*. Cambridge University Press, 1991, 133p.

SUMMERFIELD, M. A. *Global geomorphology : an introduction to the study of landforms*. Harlow, Essex: Longman Scientific & Technical, 1993.

TEIXEIRA, W.; TOLEDO, M. C. M.; FAIRCHILD, T. M.; TAIOLI, F. *Decifrando a Terra*. São Paulo: Oficina de Textos, 2000, 557p.

THOMAS, M. F. *Tropical Geomorphology - A Study of Weathering and Landform Development in Warm Climates*. London: The Macmillan Press Ltd, 1979. 332 p.

THOMAS, M. F. *Geomorphology in the Tropics: A Study of Weathering and Denudation in Low Latitudes*. Chichester: Wiley, 1994. 460 p.

TOMINAGA, L; SANTORO, J.; AMARAL, R. (Orgs.) *Desastres Naturais – Conhecer para Prevenir*. Instituto Geológico, São Paulo, 2012, 196p.

TRICART, J. *Ecodinâmica*. Ed. FIBGE/SUPREN, Rio de Janeiro, 1977, 91p.

TRICART, J.; CAILLEUX, A. *Traité de Géomorphologie, I, Introduction à la Géomorphologie Climatique*. Paris, SEDES, 1965.

TRICART, J.; KILIAN, J. *La Eco-Geografia y La Ordenación del Medio Natural*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1982. 288 p.

VIEIRA, B. C.; SALGADO, A. A. R.; SANTOS, L. J. C. (Eds.). *Landscapes and Landforms of Brazil*. Springer, New York, Coleção World Geomorphological Landscapes, 2014, 290 p.

VON ELGELN, O. D. *Geomorphology*. New York : Macmillan, 1953.

YOUNG, A. *Slopes*. Edinburgh: Oliver and Boyd, 1972.

ZAVOIANU, I. *Morphometry of Drainage Basins*. Amsterdam, Elsevier, *Developments in Water Science* 20, 1985, 238p. Tradução de Coltrinari, L.

CALENDÁRIO 2016

FEVEREIRO - QUINTAS: 18 e 25

Aulas expositivas.

MARÇO - QUINTAS: 3, 10, 17, 24 e 31

Aulas expositivas/Aulas Práticas.

ABRIL - QUINTAS: 7 e 14

Aulas expositivas/Aulas Práticas.

FERIADO: 21/04

TRABALHO DE CAMPO: 28/04 - Quinta (Vale do Paraíba) – Não Haverá Aula À Noite

MAIO - QUINTAS: 5, 12 e 19

Aulas expositivas/Aulas Práticas.

FERIADO: 26/05

TRABALHO DE CAMPO: 07/05 - Sábado (Vale do Paraíba)

PROVA INDIVIDUAL: 19/05

JUNHO - QUINTAS: 2, 9, 16 e 23

Aulas Expositivas/Aulas Práticas.

ENTREGA DO RELATÓRIO DE CAMPO: 09/06

ENTREGA DAS NOTAS FINAIS: 30/06

Total: 18 AULAS

RECUPERAÇÃO

JULHO – QUINTAS: 07

ENTREGA RESOLVIDA DE PROVA INDIVIDUAL (CONTEÚDO DE TODO O SEMESTRE)

OBS: Serão inseridos materiais pertinentes ao curso no site do Departamento de Geografia (Apoio Didático), no decorrer do semestre, em tempo hábil para auxiliar os alunos.

São Paulo, fevereiro de 2016.

Prof. Dr. Fernando N. J. Villela

Monitores: Ivone Medeiros e Rogério Gomes

PEDOLOGIA 2013

Bibliografia

BRADY, Nyle C. & WEIL R.R. Elementos da natureza e propriedades dos solos. São Paulo: Bookman, 2013.

BUNTING, B. T. Geografia dos solos. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

CAMARGO, O.; MONIZ, A.; JORGE, J. A. & VALADARES, J. M. A. S. Métodos de análise química, mineralógica e física de solos do Instituto Agrônomo de Campinas. Campinas, Instituto Agrônomo, 1986. 96p.

CASTRO, S. S. de; COOPER, M.; SANTOS, M. C. & VIDAL-TORRADO, P. Micromorfologia do solo: bases e aplicações. In: Tópicos em ciência do solo, vol. III, Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, p. 107-164, 2003.

EMBRAPA. Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos. Mapa de Solos do Brasil. Escala 1 : 500.000. 1981

EMBRAPA, Procedimentos normativos de levantamentos pedológicos. Brasília, Serviço de Produção de Informação - SPI, 1995.

EMBRAPA, Centro Nacional de Pesquisa de Solos (Rio de Janeiro, RJ). Manual de métodos de análise de solo. Rio de Janeiro: 2ed. 1997. 212p.

EMBRAPA. EMBRAPA Solos. Mapa pedológico do Estado de São Paulo. Escala 1 : 500.000, Brasília, 1999.

EMBRAPA, Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. Brasília, Serviço de Produção de Informação - SPI, 2006.

ESPINDOLA, C. R. Retrospectiva crítica sobre a Pedologia. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

FALCONI, S. Produção de material didático para o ensino de solos. Rio Claro, 2004. 125f. Dissertação (Mestrado) – INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS-UNESP, Rio Claro.

FONTES, L. E., CARDOSO, I. M. & CUNHA, C. A. L. O ensino do solo em questão. Documento final do I Simpósio Brasileiro sobre ensino de solos. Viçosa, Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. 1995.

IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo). Mapa Geológico do Estado de São Paulo. Escala 1 : 500.000. 1981.

LEINZ, V. & AMARAL, S. E. Geologia Geral. São Paulo: Ed. Nacional. 1980. 397p.

LEPSCH, I. F. Formação e conservação dos solos. São Paulo: Oficina de Textos, 178 p. 2002.

LEPSCH, I. F. 19 lições de Pedologia. São Paulo: Oficina de textos, 2011.

MAFRA, A. L.; MIKLÓS, A. A. W.; VOLKOF, B.; MELFI, A. J. Pedogênese numa sequência Latossolo – Espodossolo na região do alto Rio Negro. R. Bras. Ci. Solo, vol. 26, nº2, 2002, pp.381-394.

12. MAFRA A. L.; MIKLÓS, A. A. W.; MELFI, A. J.; ESCHENBRENNER, V.; VOLKOF, B. Ação das minhocas na estrutura e composição química de um solo arenoso hidromórfico do Amazonas. In: Minhocas na América Latina: Biodiversidade e ecologia. 1ª Ed. Londrina: EMBRAPA Soja, v.1, 2007, pp.407-419.

MELFI, A. J.; PEDRO, G. Estudo geoquímico dos solos e formações superficiais do Brasil. 1. Caracterização e repartição dos principais tipos de evolução pedogeoquímica. R. Bras. Geoc., v.7, 1977, pp 271-286.

MIKLÓS, A. A. W. Biogênese do solo. Revista do Departamento de Geografia – USP, Volume Especial 30 Anos (2012), p. 190-229.

MIKLOS, A. A. W. (Org.) Agricultura Biodinâmica. A dissociação entre o homem e a natureza. Reflexos no desenvolvimento humano. São Paulo: Antroposófica, 2001. 287p.

MIKLOS, A. A. W. . A Terra e o Homem. In: Miklós, A.A.W.. (Org.). Agricultura Biodinâmica. A dissociação entre homem e natureza. Reflexos no desenvolvimento humano. São Paulo: Antroposófica, 2001, p. 25-39.

MIKLOS, A. A. W. . Agricultura biodinâmica e nutrição humana. In: Miklós, A.A.W.. (Org.). Agricultura biodinâmica. A dissociação entre homem e natureza. Reflexos no desenvolvimento humano. São Paulo: Antroposófica, 2001, v. , p. 215-259.

MIKLOS, A. A. W. . Trofobiose, Agricultura biodinâmica e Desenvolvimento Humano. In: Secretaria de Agricul. e Abastecimento. (Org.). II Simpósio de Agricultura Ecológica. II Simpósio de Agricultura Ecológica. São Paulo: Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, 1999, v. 1, p.

MIKLOS, A. A. W. . Papel dos Cupins e Formigas Na Organização e Dinâmica da Cobertura Pedológica. In: L. R. Fontes; E. Berti Filho. (Org.). Simpósio de Termitologia de Países do Mercosul (no prelo). Simpósio de Termitologia de Países do Mercosul (no prelo). Piracicaba: FEALQ/USP, 1998, v. , p. 227-242.

MIKLOS, A. A. W. (Org.) A agroecologia em perspectiva. III Conferência Brasileira de Agricultura Biodinâmica. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 1999. v. 1. 294p.

MIKLÓS, A. A. W. Contribution to knowledge on soil formation rates. A case study: the pedological cover of Botucatu. In: 16th World Congress of Soil Science. v.1, 1998, pp.381-381.

MIKLOS, A. A. W. . Conceito Ecológico do Solo. In: S.S.S. Nogueira; C.T. Feitosa. (Org.). Curso de Agricultura Ecológica. Curso de Agricultura Ecológica. São Paulo: Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, 1995, v.1, p. 41-54.

MIKLOS, A. A. W. . Ambiente e qualidade da água. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 set. 1996.

MIKLOS, A. A. W. . A consciência do homem e a preservação do meio-ambiente. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 nov. 1995.

MIKLOS, A. A. W. . A biodiversidade e a renovação das terras. Folha de São Paulo, São Paulo, 30 nov. 1993.

MIKLOS, A. A. W. O assassinato do solo. Folha de São Paulo, São Paulo, 21 abr. 1993.

MIKLOS, A. A. W. Funcionamento biodinâmico da paisagem. Ciência e Ambiente, Santa Maria, v. 4, n.6, p. 75-84, 1993.

MIKLÓS, A. A. W. Biodynamique d'une couverture pédologique dans La région de Botucatu (Brésil – SP). Thèse de Doctorat de l'Université Paris VI, v.1, v.2 1992, 247p.

MIKLÓS, A. A. W. Relations entre l'altération et la pédogenèse dans un profil vertical sur basalte de la région de Botucatu, Brésil. Dip. d'Et. Aprof., Lab. Ped., Petr. Met. Surf., Université de Poitiers, 1986, 45p.

MONIZ, A. C. Elementos de Pedologia. Polígono, 1973.

LIMA, V. C.; LIMA, M. R. & MELO, V. F. O solo no meio ambiente: Abordagem para professores do ensino fundamental e médio e alunos do ensino médio. Curitiba: UFPR, 2007.

OLIVEIRA, D. de. O solo sob nossos pés. São Paulo: Atual, 2010.

OLIVEIRA, J. B. Pedologia Aplicada, Piracicaba: FEALQ, 2005.

OLIVEIRA, J. B., JACOMINE, P. K. & CAMARGO, M. N. Classes gerais de solos do Brasil: guia auxiliar para seu reconhecimento. Jaboticabal, FUNEP/UNESP, 1992.

PRADO, H. Manual de classificação de solos do Brasil. Jaboticabal: FUNEP, 218 p. 1993.

PRADO, H. Os solos do Estado de São Paulo: mapas pedológicos. Piracicaba: S.N., 205p. 1997.

PRADO, H. Solos tropicais: potencialidades, limitações, manejo e capacidade de uso. Piracicaba: FUNEP/UNESP, 231 p 1998.

QUEIROZ NETO J. P.; CASTRO, S. S.; BOULET, R.; NICOLA, S. N.; MIKLÓS, A. A. W.; FERNANDES BARROS, O. N. Análise estrutural da cobertura pedológica. Guia de Excursão. XXI Congresso Brasileiro de Ciência do Solo. Campinas, 1987.

RESENDE, M.; CURI, N.; REZENDE, S. B. de & CORRÊA, G. F. Pedologia: base para distinção de ambientes. Lavras: Editora UFLA, 2007.

RUELLAN, A. Les apports de la connaissance des sols intertropicaux et développement de la pédologie – Contribution des pédologues français. Catena, v.12, 1985, pp.87-98.

SANTOS, R. D.; LEMOS, R. C. SANTOS, H. G.; KER, J. C. & ANJOS, L. H. C. Manual de descrição e coleta de solo no campo. Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2005.

TOLEDO, M. C., OLIVEIRA, S. M. B. & MELFI, A. Intemperismo e formação do solo. In: Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2001.

VENTURI, L. A. B. (org.) Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula. São Paulo: Ed. Sarandi, 2011.

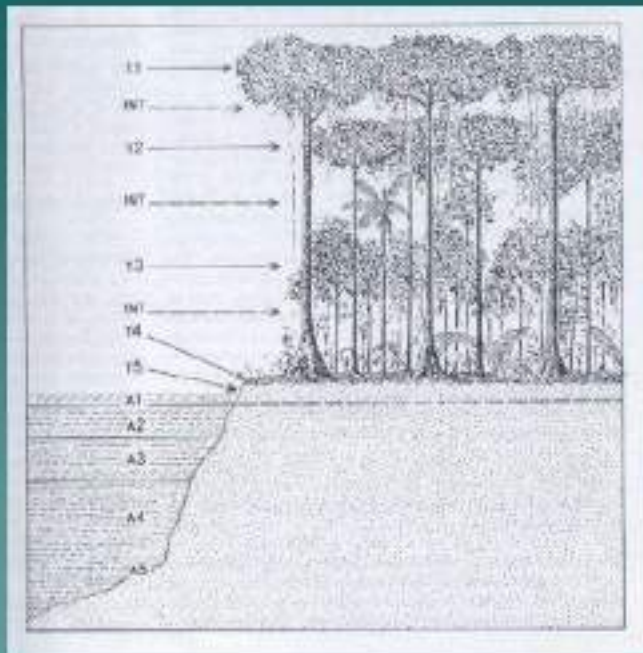
VIDAL-TORRADO, P., LEPSCH, I. F. & CASTRO, S.S. Conceitos e aplicações das relações Pedologia-Geomorfologia em regiões tropicais úmidas. In: Tópicos em ciência do solo, vol. IV, Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, p. 145-192, 2005.



BIOGEOGRAFIA (FLG-356)

Profa. Dra. Sueli Angelo Furlan

Agenda do Aluno
2014



Classificação do meio ecológico, pelos Kaiapó, em dez níveis – Arbóreo, terrestre e aquático – segundo os recursos naturais disponíveis em cada um deles.

Primeira reflexão....

Xapiripë

(Ancestrais animais ou espíritos xamânicos)

Os espíritos xapiripë dançam para os xamãs desde o primeiro tempo e assim continuam até hoje. Eles parecem seres humanos, mas são tão minúsculos quanto partículas de poeira cintilantes. Para poder vê-los deve-se inalar o pó da árvore yãkõanahi muitas e muitas vezes. Leva tanto tempo quanto para os brancos aprender o desenho de suas palavras. O pó do yãkõanahi é a comida dos espíritos. Quem não o “bebe” como os humanos. São sempre magníficos: o corpo pintado de urucum e percorrido de desenhos pretos, suas cabeças cobertas de plumas brancas de urubu rei, suas braçadeiras de miçangas repletas de plumas de papagaios, de cujubim e de arara vermelha, a cintura envolta em rabos de tucanos. Milhares deles chegam para dançar juntos, agitando folhas de palmeira novas, soltando gritos de alegria e cantando sem parar. Seus caminhos parecem teias de aranha brilhando como a luz do luar e seus ornamentos de plumas mexem lentamente ao ritmo de seus passos. Dá alegria de ver como são bonitos! Os espíritos são assim tão numerosos porque eles são as imagens dos animais da floresta. Todos na floresta têm uma imagem: quem anda no chão, quem anda nas árvores, quem tem asas, quem mora na água... São estas imagens que os xamãs chamam e fazem descer para virar espíritos xapiripë.

Extraído de textos de um diálogo entre Davi Kopenawa (pensador e líder político Yanomami) e Albert in VIVEIROS DE CASTRO, E. *A floresta de cristal: nota sobre a ontologia dos espíritos amazônicos*. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006

Conversa entre Jean de Léry¹ e um velho índio Tupinambá no século XVI

Os nossos tupinambás muito se admiram dos franceses e outros estrangeiros se darem ao trabalho de ir buscar o seu *arabutan* (madeira pau-brasil). Uma vez um velho perguntou-me:

- Por que vindes vós outros, *maírs* e *perôs* (franceses e portugueses), buscar lenha de tão longe para vos aquecer ? Não tendes madeira em vossa terra ?

Respondi que tínhamos muita, mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como ele supunha, mas dela extraímos tinta para tingir, tal qual o faziam eles com os seus cordões de algodão e suas plumas.

Retrucou o velho imediatamente:

- E porventura precisais de muito?

- Sim, respondi-lhe, pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só deles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregados.

- Ah! retrucou o selvagem, tu me contas maravilhas; acrescentando depois de bem compreender o que eu lhe dissera: Mas esse homem tão rico de que me falas não morre?

- Sim, disse eu, morre como os outros.

¹ publicado no livro "Viagem à terra do Brasil" de Jean de Léry (LÉRY, 1961 - Edusp)

Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, por isso perguntou-me de novo:

- E quando morrem para quem fica o que deixam ?
- Para seus filhos, se os têm, respondi; na falta destes, para os irmãos ou parentes próximos.

- Na verdade, continuou o velho, que como vereis, não era nenhum tolo, agora vejo que vós outros mãis sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois de nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados.

CONVERSA NOS TEMPOS ATUAIS

Nota: Jean de Léry, escreveu sobre sua viagem com certa *imparcialidade*, como quem *descreve a vida e os costumes dos tupinambás*, pela *agudeza de sua observação* e, ainda, pelo sabor de seu estilo (...) Léry revela em toda a sua obra uma qualidade notável, raríssima em seu tempo de paixões e preconceitos e só encontrável atualmente, nos espíritos mais adiantados de nossa civilização ocidental: o *senso de relatividade dos costumes*, a *'simpatia'*, no *sentido sociológico da palavra*, que conduz à *compreensão dos semelhantes e à análise objetiva de suas atitudes* (LÉRY, 1961, p.14). (adaptado do tradutor Sergio Millet)

Biogeografia e conhecimento da natureza

Comparando diferentes paisagens percebemos diferenças na distribuição dos seres vivos. Podemos buscar entender a espacialidade da vida e investigar o que condiciona essa espacialidade. Mas ... Como tempo e espaço se combinam nos arranjos espaciais? Como explicar a **biodiversidade**, **geodiversidade** e **sociodiversidade** brasileira? Como explicar as transformações que ocorreram em muitas épocas do passado da história da vida no planeta Terra? Como compreender as mudanças ambientais que vem ocorrendo e os novos arranjos da biodiversidade na época contemporânea? Como entender que existe diferentes modos de interpretar uma floresta? As espacialidades do mundo natural e da cultura, são considerados na conservação ambiental? De que modo? Como aplicar os conhecimentos sobre a espacialidade da vida na conservação ambiental? Como a pesquisa Biogeográfica na Geografia tem colaborado na conservação ambiental?

Estas são algumas perguntas que a disciplina Biogeografia procurará responder através de alguns recortes temáticos apresentados em sala de aula e em projetos de estudo de campo.

A Biogeografia na ciência moderna é um campo de conhecimento da Geografia e da Ecologia que pesquisa o modo como os seres vivos se distribuem no tempo e no espaço. É o estudo da biodiversidade especializada. É também o estudo das melhores maneiras de projetar a conservação ambiental, diante da intensa devastação.

Não é uma tarefa simples construir respostas para as perguntas biogeográficas, pois para compreender a espacialização dos seres vivos é preciso reunir informações de distintos campos do conhecimento, tais como da Ecologia, Botânica, Zoologia, Antropologia, Biologia da Conservação, da Paleontologia, Arqueologia, entre outros.

Além dos conteúdos dessas áreas de conhecimento, que podem ser considerados externos ao campo específico da Geografia, é imprescindível relacionar a espacialidade da biodiversidade aos aspectos geoecológicos e o modo como as sociedades humanas vêm transformando essa espacialidade.

Outra questão fundamental em nossa disciplina é considerarmos a Biogeografia um dos suportes fundamentais para

o estudo do planejamento da conservação ambiental, principalmente quando se analisa as complexas interações entre Sociedade e Natureza no mundo urbano ou rural, ou nas políticas públicas de proteção ambiental. A Biogeografia abarca um campo de conhecimentos fundamentais para a Conservação Ambiental, respondendo perguntas, tais como: Como e onde conservar a biodiversidade? Como planejar a utilização de recursos da natureza sem destruí-los? Como conservar os fragmentos de ambientes menos humanizados? Como respeitar a sociobiodiversidade de diversos segmentos culturalmente diferenciados da sociedade brasileira que detém um profundo conhecimento sobre a natureza?

Isto não se faz sem o domínio de conceitos associados a um instrumental teórico e analítico específicos. A disciplina de Biogeografia no curso de graduação em Geografia tem um caráter introdutório e por isso tem se caracterizado por fornecer aos alunos conceitos essenciais para a compreensão da **especialização da biodiversidade**. Outras disciplinas na Universidade tratam da Biogeografia no âmbito histórico, mas nosso enfoque é voltado a aspectos atinentes a conservação ambiental.

Pretendemos despertar a curiosidade dos estudantes pelas complexas inter-relações que se estabelecem na natureza questionando como podemos interpretá-las para proteger e melhor usar. Nosso enfoque tem sido voltado para uma **abordagem da Conservação Biogeográfica a partir dos estudos da Paisagem**.

Ressaltamos também que os estudos biogeográficos requerem o desenvolvimento de habilidades em **cartografia, estatística, informática, técnicas** de campo, para observar, registrar, comparar, interpretar e construir as representações e explicações sobre a distribuição dos seres vivos.

A PARTIR DESSA BREVE EXPLANAÇÃO COMO VOCÊ DEFINIRIA A BIOGEOGRAFIA?
(escreva um pequeno texto individual (500 caracteres sem espaço) e entregue na próxima aula

OBJETIVOS GERAIS DA DISCIPLINA

1. Possibilitar ao aluno trabalhar conceitos que auxiliem a compreensão da distribuição dos seres vivos no tempo e no espaço;
2. Discutir o caráter interdisciplinar da Biogeografia, promovendo um encontro entre as abordagens Geográficas e Ecológicas;
3. Possibilitar ao aluno a análise, discussão e interpretação das teorias, métodos e técnicas de interpretação biogeográficas através do desenvolvimento de projeto didático;
4. Dar oportunidade aos alunos de vivenciarem, por meio de trabalhos práticos de campo, as relações entre a Biogeografia e a Conservação da Natureza.

ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS

A disciplina BIOGEOGRAFIA aborda diversos campos da ciência. Isto revela, na prática, a necessidade de um trabalho muito abrangente. É claro que não é possível em um único semestre aprofundar todas as áreas de conhecimentos afins a Biogeografia, tais como a ecologia, evolução, geologia e mesmo rever conteúdos da própria Geografia envolvidos na determinação dos **padrões e processos** responsáveis pela distribuição das plantas e animais. Portanto, a disciplina tem como característica principal buscar fornecer ao aluno **bases introdutórias da Biogeografia da Conservação**.

Neste sentido procuramos analisar nosso trabalho de anos anteriores, avaliar e propor mudanças de conteúdos, estratégias didáticas, enfim estamos sempre replanejando o curso e abertos a críticas e sugestões que melhorem a qualidade do nosso trabalho.

O conteúdo teórico dará ênfase a questões básicas da **Conservação Biogeográfica** e às políticas públicas, particularmente o estudo de Espaços Protegidos. Trabalharemos com temas de estudo que permitam aos alunos discutirem assuntos ligados aos grandes domínios morfoclimáticos brasileiros.

Os conteúdos das aulas teóricas estão organizados nos temas, a saber:

Tema 1 – A espacialidade da vida na dimensão Histórica da Biogeografia

Tema 2 – Teorias biogeográficas

Tema 3 - Conservação Biogeográfica

Tema 4 – Estudos para conservação no contexto da Paisagem.

O TRABALHO TEÓRICO EM SALA DE AULA

As aulas expositivas dialogadas serão complementadas com exercícios, discussões de textos e debates em sala de aula. Pesquisadores da pós-graduação que participam dos Projetos de Pesquisa do Laboratório de Climatologia e Biogeografia (**Linha de pesquisa: Planejamento da Paisagem**) participarão do desenvolvimento de alguns temas de aulas teóricas e também da orientação dos projetos de estudo. **Os textos de apoio aos conteúdos conceituais (ver ao final deste programa) estarão reservados no apoio didático**, organizados em forma de dossiê de textos que **devem ser lidos para as aulas semanais** (<http://www.geografia.fflch.usp.br/>).

Outras indicações de leituras serão feitas durante as aulas e ao longo do projeto didático. Indicamos também uma bibliografia básica da disciplina e a bibliografia específica dos projetos será sugerida nas aulas.

O TRABALHO PRÁTICO

As aulas práticas são semanais em formato de exercícios e oficinas de trabalho prático, seminários, etc. Essas oficinas ocorrerão conforme o calendário (pag. 7). Estarão voltadas para o desenvolvimento de competências e habilidades em pesquisa de **Biogeografia de campo**. As oficinas serão coordenadas pelo professor e realizadas por toda equipe pedagógica do curso. As oficinas serão realizadas em espaços externos (no jardim e arredores da usp) e nos laboratórios do DGEO ou em outra localidade informada com antecedência.

As aulas práticas seguirão roteiros planejados pelo professor responsável e ocorrerá em data apresentada no **calendário de atividades**. A turma será organizada em grupos para que os alunos possam trabalhar melhor as orientações de estudo no tempo que dispomos.

MONITORIA

Os monitores da graduação são alunos que já cursaram a disciplina e que passaram por um processo de seleção a critério do professor, **seu trabalho é certificado para as horas de ACC**. Os monitores em sua maioria são também pesquisadores que já trabalham nos grupos de pesquisa do Laboratório de Climatologia e Biogeografia. A monitoria é uma oportunidade que a disciplina oferece aos alunos que desejam aprofundamento nos estudos biogeográficos e seguir estudando conservação ambiental. Suas tarefas são de apoio acadêmico e técnico ao andamento do curso. O respeito ao seu trabalho é fundamental para o bom andamento da disciplina.

ESTUDO DE CAMPO

Os alunos deverão concluir o curso com uma visão geral dos principais conjuntos vegetacionais do Estado de São Paulo, região Sudeste e Brasil. Desta forma os principais ecossistemas e domínios morfoclimáticos tem sido representados nos estudos de campo. Este ano manteremos o estudo de campo voltado compreender o planejamento e implicações biogeográficas da Proteção dos remanescentes de Mata Atlântica e ecossistemas associados na Serra do Mar. Pretendemos realizar **três viagens** de campo com toda a turma dividida em subgrupos. Este ano fizemos reservas no **Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR) – município de Iporanga e Parque Estadual das Restingas de Bertioga (PERB) – município de Bertioga e Estação Ecológica e Reserva Experimental Itirapina, município de Itirapina**. O trabalho de campo em Biogeografia é uma atividade obrigatória para todos alunos, conforme a ementa da disciplina.

O trabalho prático está organizado para cumprir três metas:

- ✓ Aprofundar a compreensão de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais da disciplina;
- ✓ Utilizar metodologias e técnicas de estudo de campo em Biogeografia;
- ✓ Utilizar a cartografia, a fotografia e o desenho como registro de dados para representar o estudo realizado.

O trabalho prático é uma atividade obrigatória e realizada em grupo. Cada grupo deverá estudar um tema (adaptado do rol sugerido pelo professor) em GABINETE e em CAMPO, utilizando a proposta didática de **PROJETOS DE ESTUDO**. Realizaremos visita técnica em Unidades de Conservação de proteção integral (Parques e Estação Ecológica Estaduais)

e Área Natural Tombada da Serra do Mar e Paranapiacaba. O objetivo é a **prática de Biogeografia de campo** para tomar dados primários utilizando as diferentes formas de registro da cobertura vegetal e fauna utilizando técnicas de análise da paisagem, o desenho de representação da vegetação e a fotografia PRIMORDIALMENTE, pois as coletas não são permitidas no perímetro das UCs. Na Área Natural Tombada é possível realizar pequenas coletas, orientadas pelo professor. Portanto, o trabalho de campo envolve áreas e procedimentos simultaneamente entrelaçados por um tema de estudo de gabinete e uma visita técnica com levantamento de dados biogeográficos. Assim, como nos anos anteriores, estaremos desenvolvendo em campo as técnicas estudo da vegetação, de desenho e fotografia da natureza em biogeografia, que serão orientadas em campo e em sala de aula nas aulas práticas. Devido ao número de alunos haverá sorteio caso o número exceda as vagas disponíveis nos dois ônibus que estaremos utilizando e nas vagas determinadas pela Fundação Florestal –SMA (órgão gestor das UCs). Os alunos receberão uma **lista de temas** de orientação quanto ao estudo que desenvolverão na primeira aula do curso. Devido à limitação de transporte, alojamento e recursos poderão se inscrever no **máximo 100 alunos**. Alunos com **baixa frequência e não entrega de produtos preparatórios do estudo** não poderão participar do estudo de campo. O trabalho de campo deverá ser preparado em sala de aula, seguindo progressivamente as seguintes etapas:

a. Escolha de um tema de estudo.	AGO
b. Investigação sobre a área de estudo – questionário dirigido	AGO/SET
c. Escolha de um tema de estudo.	SET
d. Oficinas sobre vegetação com técnicas e preparação do material de apoio ao campo.	SET
e. Elaboração de uma minuta de projeto didático com indicações de bibliografia (CANVAS).	OUT
f. Trabalho de campo propriamente dito	OUT/NOV
g. Análise de dados e preparação dos produtos finais	NOV
h. Seminário coletivo com apresentação preliminar dos projetos para discussão coletiva	DEZ
i. Trabalho final (Painel e relatório da visita técnica de campo). Semana de Biogeografia	DEZ
j. Avaliação final das produções e notas finais	JAN

Pretende-se que ao final de **AGOSTO**, os grupos já tenham escolhido o local do desenvolvimento dos projetos e iniciem o estudo da área de pesquisa (*survey*). A escolha do **Tema**, o **levantamento bibliográfico** e a documentação cartográfica e fotográfica necessária ao estudo devem ser feitos ao longo do mês de **SETEMBRO**. Este levantamento bibliográfico será supervisionado pelos professores com apoio dos monitores. A leitura de aspectos principais relativas à área de estudo devem ser feitas até a entrega do projeto em **OUTUBRO**.

Durante o mês de **OUTUBRO** os grupos se dedicarão à preparação do **projeto de estudo de campo** com o levantamento da documentação cartográfica da área, análise de imagens de satélite e fotografias aéreas, confecção de mapas esquemáticos, perfis topográficos, estudos sobre os ecossistemas em análise, etc. É importante que o grupo programe uma divisão de trabalho para produzi-los com qualidade, pois teremos pouco tempo para isso este ano. Lembre-se que o trabalho é em grupo e **todos devem participar de todas as etapas**. Em **OUTUBRO** todos os grupos devem entregar uma proposta de projeto didático. **Não participarão da atividade de campo os grupos que não entregarem a minuta de projeto.**

Portanto os meses de **SETEMBRO** e **OUTUBRO** são de **trabalho intenso** na preparação do projeto de trabalho prático: as aulas práticas sobre vegetação são voltadas para técnicas biogeográficas e podem ser utilizadas na visita técnica de campo. No final do mês de **OUTUBRO** todos os grupos apresentam em seminário suas propostas de estudos em campo. **VEJA AS DATAS DO SEU TRABALHO DE CAMPO E CONSTRUA UM CRONOGRAMA EM GRUPO.**

É evidente que a **vivência de campo e na sala de aula**, tanto dos alunos como dos professores, será essencial para o enriquecimento das discussões e aproveitamento coletivo da disciplina. Portanto gostaríamos de salientar a importância da **participação** e engajamento do aluno nas várias atividades, procurando **cumprir horários** e executar as tarefas com um máximo de colaboração e atitude crítica construtiva e responsável. Esses aspectos são essenciais para o bom andamento dos trabalhos, principalmente tendo em vista que são muitos alunos e se cada um agir quanto ao horário e participação da maneira que lhe convier e não tiver **atitudes coletivas**, o desenvolvimento da disciplina será substancialmente prejudicado e mais importante a formação acadêmica também.

Desde a primeira semana de aula, as atividades serão operacionalizadas da seguinte forma:

- a) As duas primeiras aulas serão reservadas para o tratamento do conteúdo teórico do curso: aulas expositivas e discussão;
- b) As duas aulas finais serão dedicadas à AULA PRÁTICA de preparação, planejamento, e execução de exercícios, oficinas, etc.

AVALIAÇÃO

Durante todos esses anos temos avaliado o aproveitamento e amadurecimento dos alunos de forma contínua e permanente, evitando acúmulos e sobrecarga excessiva em certos períodos e ausência de avaliação em outros. As leituras deverão ser feitas, preferencialmente fora do horário de aula. Durante as aulas serão realizados exercícios e debates sobre as aulas e as leituras. Todas as atividades serão avaliadas para compor a média ponderada final (ver na última página).

Os alunos farão uma **leitura obrigatória de três artigos indicados no calendário**, referentes a cada tema de aula. Escolhemos artigos que tratam da Biogeografia da Conservação Biogeográfica, cujos conteúdos também serão abordados em sala de aula. A **data da entrega** das leituras estão no calendário da disciplina ao final do programa.

AS CONDIÇÕES PARA O TRABALHO DOCENTE E DISCENTE

A bibliografia básica estará disponível nas Bibliotecas da USP e artigos acadêmicos da internet. No laboratório de Climatologia e Biogeografia estarão disponíveis para consulta livros, relatórios ou manuais que as bibliotecas não possuem. Em sala de aula, sempre que necessário, os docentes fornecerão material para trabalho. Os textos e outros materiais didáticos do curso e todo material de aula estará no apoio didático ([http://www.geografia.fflch.usp.br/graduação/apoio didático](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduação/apoio%20didático))

PROGRAMA DAS AULAS TEÓRICAS E PRÁTICAS

AULA	AULAS TEÓRICAS (14h00min-16h00min) AULAS PRÁTICAS (16h30min-18h00min)
AGOSTO	
Dia 21/08	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Apresentação do Programa do curso ❖ Organização dos grupos por Unidade de Conservação ❖ Lista de alunos para trabalho de campo <p>PRÁTICA 1 – Biogeografia de campo: as formas de abordagem</p>
28/08	<p>TEMA 1 – A espacialidade da vida na dimensão História da Biogeografia</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Biogeografia e Conservação na atualidade ❖ Porque proteger a Biodiversidade? ❖ Conservar com Sociodiversidade? <p>PRÁTICA 2 - PROJETO DE ESTUDO DE CAMPO</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Apresentação das áreas de estudo de campo ❖ Instruções para o questionário de estudo das áreas
SETEMBRO	
03 A 07 De Setembro – Semana da Pátria	
Dia 11/09	<p>TEMA 2 - Teorias biogeográficas</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Teoria dos Redutos e Refúgios Ecológicos do Quaternário <p>PRÁTICA 3 – ESTUDO DA VEGETAÇÃO 1 - Local: Jardim externo do Prédio da Geografia-História</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Biogeografia de campo e as técnicas de estudo da vegetação: ❖ Observação e descrição da vegetação ❖ Coleta e herborização da vegetação
Dia 18/09	<p>TEMA 2 - Teorias biogeográficas</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Teoria da Biogeografia de Ilhas

	PRÁTICA 4 - Discussão dos temas de pesquisa ❖ Entrega da 1ª. Resenha ESTUDO DA VEGETAÇÃO 2 - Local: Mata da Veterinária e Cerradinho ❖ Decifrando a planta ❖ Desenho do perfil da vegetação .
SÁBADO 22/09	OFICINA DE BIOGEOGRAFIA DE CAMPO I Local: Mata da Veterinária e Cerradinho
Dia 25/09	TEMA 2 - Teorias biogeográficas ❖ Ecologia da Paisagem e Desenho de Conservação PRÁTICA 5 – PROJETO DE ESTUDO DE CAMPO ❖ Discussão dos temas de pesquisa Instruções para a pesquisa bibliográfica e distribuição dos temas de estudo Reunião coletiva dos grupos para preparação da minuta de projeto ❖ Entrega do Questionário sobre a área de Estudo
	OUTUBRO
Dia 02/10	TEMA 3 – Conservação Biogeográfica ❖ Paradigma do Desmatamento e a Conservação de Florestas Tropicais PRÁTICA 6 – ESTUDO DA VEGETAÇÃO 2 Local: Jardim externo do Prédio da Geografia-História ❖ Desenho do perfil da vegetação ❖ Levantamento florístico e fitossociológico em parcelas fixas ❖ Levantamento florístico e fitossociológico por quadrante centrado
SÁBADO 06/10	OFICINA DE BIOGEOGRAFIA DE CAMPO II ESTUDO DA VEGETAÇÃO 2 Local: Jardim externo do Prédio da Geografia-História ❖ Levantamento florístico e fitossociológico em parcelas fixas ❖ Levantamento florístico e fitossociológico por quadrante centrado
Dia 09/10	TEMA 2 - Teorias biogeográficas ❖ Ecologia da Paisagem e Desenho de Conservação PRÁTICA 7 – PROJETO DE ESTUDO DE CAMPO ❖ Observatório Fotográfico da Paisagem
Dia 16/10	PRÁTICA 8 – PROJETO DE ESTUDO DE CAMPO ❖ Reunião coletiva dos grupos Canvas para elaboração coletiva da minuta de projeto.
SÁBADO 20/10	OFICINA DE BIOGEOGRAFIA DE CAMPO III Observatório Fotográfico da Paisagem Observando a fauna no campus
Dia 23/10	TEMA 3 – Conservação Biogeográfica ❖ Paradigma do Desmatamento e a Conservação de Florestas Tropicais PRÁTICA 9 – PROJETO DE ESTUDO DE CAMPO ❖ Observando a fauna, registros e rastros. ❖ Entrega do projeto
Dia 30/10	TEMA 3 - Conservação Biogeográfica Cartografia dos níveis hierárquicos dos Manguezais: uma visão sistêmica PRÁTICA 10 – ESTUDO DA VEGETAÇÃO 4 ❖ Análise da minuta de projeto – ajustes ❖ Entrega da 2ª. Resenha
	NOVEMBRO
02 A 04	TRABALHO DE CAMPO PARQUE ESTADUAL RESTINGAS DA BERTIOGA

Dia 06/11	TEMA 4 – Estudos para a Conservação no contexto da Paisagem ❖ Paradigma do Desmatamento e a Conservação dos Cerrados PRÁTICA 11 – PROJETO DE ESTUDO DE CAMPO ❖ Reunião dos grupos para planejamento do Campo
09 A 11	TRABALHO DE CAMPO ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE ITIRAPINA E ESTAÇÃO EXPERIMENTAL
Dia 13/11	TEMA 4 – Estudos para a Conservação no contexto da Paisagem ❖ Florestas culturais e Unidades de conservação de uso sustentável PRÁTICA 12 – Reunião dos grupos para planejamento do Campo ❖ Entrega da 3ª. Resenha
15 A 18	TRABALHO DE CAMPO PARQUE ESTADUAL TURISTICO DO ALTO RIBEIRA - PETAR
Dia 20/11	TEMA 4 – Estudos para a Conservação no contexto da Paisagem ❖ Paradigma do Desmatamento e a Conservação das Caatingas PRÁTICA 13 – Análise dos dados, preparação dos painéis e relatório
Dia 27/11	TEMA 4 – Estudos para a Conservação no contexto da Paisagem ❖ Áreas protegidas no Brasil (Lei Florestal/ SNUC) ❖ Proteção da Biodiversidade no Estado de São Paulo (Representatividade, Projeto Biota FAPESP, SIGAP) PRÁTICA 14 – Análise dos dados, preparação dos painéis e relatório
	DEZEMBRO
Dia 04/12	SEMANA DE BIOGEOGRAFIA Apresentação oral dos projetos PRÁTICA 15 – PROJETO DE ESTUDO DE CAMPO Seminário de Apresentação final dos estudos de campo
Dia 11/12	SEMANA DE BIOGEOGRAFIA Apresentação oral dos projetos ENTREGA DO RELATÓRIO FINAL
18/12	SEMANA DE BIOGEOGRAFIA Exposição de painéis – TODO O 1º. SEMESTRE DE 2019

Os trabalhos são avaliados por média ponderada, ou seja, cada atividade recebe um peso e a razão entre os pesos compõe a média final:

$$NF = (n1.1+n2.2+n3.4.)/(p1+p2+p3+...)$$

Datas para entrega de trabalhos/avaliação e pesos para cálculo da média ponderada

Trabalho	Peso na média ponderada	Data de entrega (*)
Exercícios de aulas práticas	1	No dia da aula/ ou em data estipulada pelo professor
Questionário sobre a área de estudo (grupo)	3	25/09
Participação no CANVAS	1	16/10
Projeto didático (grupo)	4	23/10
Resenha de artigo (dupla)	4	1ª. (18/09); 2ª. (30/10); 3ª. (13/11)
Relatório de pesquisa (grupo)	4	11/12
Painel / ou outro produto– Semana de Biogeografia	4	18/12
Apresentação oral da pesquisa	3	04 e 11 /12
Prova individual	5	18/12
Prova de recuperação	5	15/01

(*) não serão aceitos trabalhos fora do prazo, pois prejudica o andamento do curso.

RECUPERAÇÃO: Alunos que não atingirem a média 5,0 e 70% de frequência farão prova escrita de recuperação – 15/01

TEXTOS PARA FICHAMENTO EM DUPLAS – Caderno de textos (escolha 3 textos)

BUSH, M. B. METZGER, J. P. **The rise and fall of the Refugial Hypothesis of Amazonian Speciation: a paleo-ecological erspective.** Biota Neotropica, 6 (1), 2006.

DENEVAN WILLIAM M. **The Pristine myth: The Landscape of the Americas in 1492.** The Geographical Review 101 (4) 576-591, 2011.

FURLAN, Sueli A.; SOUZA, Rosemeri M.; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de; SOUZA, Bartolomeu I. Biogeografia: reflexões sobre temas e conceitos. Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege), 2016: 97-115, V.12, n.18, especial GT Anpege.

HAFFER, J.; PRANCE, G. T. **Impulsos climáticos da evolução da Amazônica durante o Cenozóico: sobre a Teoria dos Refúgios da diferenciação Biótica.** Estudos Avançados, 16 (46), 2002.

GOMES, Ângela Maria S. Entre os conflitos da Biogeografia Física e os redemoinhos da Biogeografia Cultural. In HISSA, Cássio E. V. **Saberes ambientais_ desafios para o conhecimento disciplinar.** Belo Horizonte: Ed. UFMG (Humanitas), 008, 311p

METZGER, J. P. **O código florestal tem base científica?** Conservação e Natureza, 8 (1). 2010.

RIBEIRO, M. C. et al. **The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed?** Implications for conservation. Biological Conservation, 149. 2009.

RYLANDS, Anthony B.; BRANDON, Katrina. Unidades de Conservação Brasileiras. Megadiversidade, 2005 (v1): 27-35

Bibliografia básica

AB'SABER, Aziz N. **Domínios da Natureza no Brasil:** potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

BROWN, James H.; LOMOLINO, Mark V. **Biogeografia.** Sunderland: Sinauer, Tradução Editora Funpec, 2006.

CARVALHO, C. J. B.; ALMEIDA, E. A. B. (Org.). **Biogeografia da América do sul:** padrões e processos. São Paulo: ROCA, 2010.

CONTI, José Bueno; FURLAN, Sueli, A. Geoecologia: o clima, os solos e a biota. In: ROSS, J. L. S. **Geografia do Brasil.** São Paulo: EDUSP, 1996. p. 67-207.

COX, C. B. **Biogeografia: uma abordagem ecológica e evolucionária.** Rio de Janeiro: LTC, 2009.

CULLEN JÚNIOR, L. et al. (Org.). **Métodos de estudos em biologia da conservação e manejo da vida silvestre.** Curitiba: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, 2003.

DANSEREAU, Pierre M. **Biogeography.** New York: Ronald Press Co., 1957.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo:** a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DIAMOND, James M. Island Biogeography and Conservation Strategy and Limitations. **Science**, 1976.

FURLAN, Sueli Â. Unidade de conservação insular: considerações sobre a dinâmica insular, planos de manejo e turismo

ambiental. In: LEMOS, A. I. G. (org.) **Turismo:** impactos socioambientais. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 114-136.

GUARIGUATA, Manuel R.; KATTAN, Gustavo H. (Eds.). Ecología y conservación de bosques neotropicales. Cartago: Ediciones LUR, 2002.

HAFFER, J. General aspects of the refuge theory. In: PRANCE, G. T. (ed.). **Biological diversification in the tropics.** New York: Columbia University Press. 1982. P 6-24.

HUECK, K. **As Florestas da América do Sul: ecologia, composição e importância econômica**. São Paulo: Editora Polígono S.A., 1972.

HUMBOLDT, A. de. **Cosmos, essai d'une description physique du monde**. Paris, 1846.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 1992.

LOMOLINO, M.V., B.R. Riddle & J.H. Brown. 2005. **Biogeography**. Sinauer. 845 p.

LOMOLINO, M.V., D.F. Sax & J.H. Brown. 1994. **Foundations of Biogeography**. Classic papers with commentaries. Chicago University Press, 1291 p.

MACARTHUR, Robert H.; WILSON, Edward O. **The theory of Island Biogeography**. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2001.

MORRONE, Juan J. & J.L. Bousquets. 2003. Una perspectiva Latinoamericana de la biogeografía. Universidad Nacional Autónoma de México, 307 p.

MORRONE, Juan J. 2001. Biogeografía de América Latina y el Caribe. M&T-Manuales & Tesis SEA, vol.3. 148 p.

PARENTI, Lynne R. **Comparative biogeography: discovering and classifying biogeographical patterns of a dynamic Earth**. Berkeley: University of California Press, 2009.

RICKLEFS, Robert E.; LOSOS, Jonathan B. **The theory of island biogeography revisited**. Princeton: Princeton University Press, 2010.

RIZZINI, C. T. **Tratado de Fitogeografia do Brasil: aspectos ecológicos e aspectos sociológicos e florísticos**. São Paulo: Hucitec/Edusp, v.1 e 2, 1979.

ROSS, Jurandyr L. S. (Org.). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2005.

SIMMONS, Ian Gordon. **Biogeografía natural y cultural**. Barcelona: Omega, 1982.

TROPPEMAIR, H. **Biogeografia e meio ambiente**. Rio Claro: Divisa, 2008.

VENTURI, Luis A. B. (org.). **Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula**. São Paulo: Sarandi, 2011.

WALTER, Heinrich. **Vegetação e Zonas Climáticas**. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1986.

WHITMORE, T.C. & G.T. Prance. 1987. **Biogeography and Quaternary history in tropical America**. Oxford: Clarendon Press, 214 p.

WHITTAKER, Robert J. **Island Biogeography: ecology, evolution and conservation**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

ZUNINO, Mario; ZULLINI, Aldo. **Biogeografía: la dimensión espacial de la evolución**. Ciudad de México: FCE, 2003.

Revistas:

- ✓ Biota Fapesp
- ✓ Diversity & Distributions
- ✓ Ecography
- ✓ Global Ecology & Biogeography
- ✓ Journal of Biogeography
- ✓ Landscape ecology
- ✓ Megadiversidade
- ✓ Nature
- ✓ Oikos.

DAT A	CONTEÚDO	LEITURA
AULA 1 06/03	Os módulos do curso. Importância dos fundamentos para a compreensão do conhecimento geográfico. Utilidade do reconhecimento dos fundamentos. Geografia e interdisciplinaridade. Discussão das avaliações, controle de presença, calendário, provas substitutivas e regras de funcionamento geral do curso.	
AULA 2 13/03	A Modernidade como período histórico. A história dos Annalles. Novas fontes, periodizações e objetos de estudos históricos. Os vícios do historicismo. A origem da Geografia Moderna. Conexões entre geografia e história. A institucionalização e a legitimação da Geografia. A grande narrativa da Geografia Moderna.	Moraes. "Geografia, História e história da Geografia". Febvre. De 1892 a 1933.
AULA 3 20/03	A pós-modernidade: eminência de novo projeto estético ou reconhecimento de novo período histórico? A ampliação da questão metodológica: quebra dos pressupostos da Geografia Moderna? A "virada espacial" e a multiplicação dos problemas da Modernidade. Os novos tempos da geografia: métodos, temas, agentes e questões.	Soja. Caps. 1 e 2. Bauman. Espaço/Tempo.
AULA 4 03/04	PROVA 1	
AULA 5 10/04	Política como derivação da polis, do poder, como ação e escolha, como controle das emoções e como sistema coletivo. Política e a relação entre necessidade e universalidade. Representação direta ou indireta? A criação do bem-comum e da <i>res publica</i> . Os espaços das políticas. Os riscos do autoritarismo, aparelhamento e anomia.	Raffestin. Crítica da Geografia Política Clássica + O poder. Arendt. As esferas pública e privada.
AULA 6 17/04	O Estado Moderno e os serviços e funções do poder público. A vinculação da história da Geografia à história do Estado-Nação. Soberania do território nacional. Funcionalismo e utilitarismo e a Geografia Ativa. A participação de geógrafos em instituições de planejamento. A imagem da nação. A regionalização como produto da relação entre Estado e Geografia	Castro. "Geografia e o projeto político-territorial do Estado-Nação" + "O modelo Estado moderno territorial" + "Territorialismo e a ordem estatal contemporânea" + "Organização territorial do Estado moderno" + "O papel da administração pública". Foucault. O estudo do biopoder + características gerais dos dispositivos de segurança.
AULA 7 24/04	PROVA 2	
AULA 8 08/05	Dialética e do materialismo histórico como bases para a leitura do espaço geográfico. Categorias fundamentais do marxismo aplicadas à Geografia. O espaço como base para a transformação do capitalismo. O Estado como produtor do espaço econômico. A complementaridade regional. O desenvolvimento induzido. A ação técnica sobre a desigualdade. A finalidade política do espaço econômico. O planejamento macroeconômico.	Kayser, B. "A região como objeto de estudo da Geografia". Piketty. Estruturas da desigualdade (trecho).
AULA9 15/05	Individualismo, modernidade e pensamento liberal. O potencial econômico desigual dos territórios. Infraestrutura e competitividade. Taxação e distribuição de recursos. As economias regionais. Ascensão das grandes corporações. Acumulação flexível e a relativização do pressuposto estatal. A relativização dos espaços econômicos nacionais e de suas bases regionais. Os novos enclaves econômicos e suas cadeias produtivas flexíveis.	Harvey. "A geografia da acumulação capitalista: uma reconstrução da teoria marxista". Krugman. O que há de novo na Nova Geografia Econômica?

AULA 10	22/05	PROVA 3	
AULA 11	29/05	A dimensão social da geografia. A competição entre áreas de pesquisa. A geografia como um fenómeno societário. O espaço sob o olhar dos indivíduos. A geografia como um fenómeno comunitário. O espaço sob o olhar do grupo. A coexistência e superposição de espaços sociais e comunitários.	Gomes. "As duas matrizes espaciais: nomoespaço e genoespaço".
AULA 12	05/06	Do conceito de cultura ao culturalismo nas ciências sociais. O conceito de cultura na Geografia. A cultura como base material da Geografia. A geografia cultural de Sauer: a transformação física das paisagens. A cultura como elemento imaterial na Geografia. A nova geografia cultural: a representação do espaço imaginado.	Elias. A sociogênese da diferença entre cultura e civilização.
AULA 13	12/06	PROVA 4	
AULA 14	19/06	REVISÃO DE NOTAS, DÚVIDAS DE CONTEÚDO	
			Claval. "As abordagens da geografia cultural".
			Geertz. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura.

1. Programação resumida

Fevereiro/2014

20 - Recepção aos calouros. Programação da comissão de graduação. Não haverá aulas.

Março/2014

13 - Apresentação da disciplina (programa, conteúdo, bibliografia, informes sobre trabalho de campo e conceitos iniciais). **Exercício 01.**

20 - Atmosfera terrestre: importância, origem e composição. **Exercício 02.** Estação Meteorológica Automática do LCB (EMA). Visita a estação meteorológica automática do LCB - Departamento de Geografia.

27 - Relações astronômicas Terra - Sol: Declinação solar, estações do ano e fotoperíodo. **Exercício 03.**

Abril/2014

03 - Radiação solar: Interação com a atmosfera, balanço de radiação, distribuição espacial da radiação solar e equipamentos de medidas. **Exercício 04.**

10 - Temperatura do ar: variação diária e anual, variação com a latitude e altitude. Controles da temperatura (latitude, altitude, correntes marítimas, etc.) e conforto térmico. Equipamentos de medidas. **Exercício 05.**

24 - Umidade Atmosférica. Processos de mudanças de estado. Umidade relativa do ar. Psicrometria e medidas de UR. **Exercício 06.**

26 – Primeira avaliação (sábado: das 10h00min às 13h00min)

Maio/2014

08 - Processo adiabático. Saturação e condensação do ar. Tipos de Chuva: Frontal, convectiva e orográfica. Nuvens. Equipamentos de medidas. **Exercício 07.**

15 - Pressão atmosférica: Variação com a altitude. Variação temporal e espacial da pressão. Unidades de medidas. Equipamentos de medidas. **Exercício 08.**

22 - Centros de alta e baixa pressão e condições de tempo associado. Circulação geral da atmosfera. **Exercício 09.**

Preparação para o trabalho de campo. Manuseio de instrumentos, procedimentos, grupos, simulação de medidas no pátio. Informes sobre o campo e dificuldades.

24 - Campo 1 – sábado – Perfil topoclimático da Serra do Mar (entregar relatório em dupla no dia 03/07);

29 - Ventos: Forças atuantes. Ventos Locais e brisas. Equipamentos de medidas. **Exercício 10.**

31 - Campo 2 – sábado - Perfil topoclimático da Serra do Mar (entregar relatório em dupla no dia 03/07);

Junho/2014

05 - Escalas do clima. Orientações sobre como elaborar um relatório de trabalho de campo. **Exercício 11.**

Julho/2014

03 - Classificação climática e aplicações a casos Brasileiros. Os climas do Brasil. **Exercício 12.**

05 - Segunda avaliação (sábado: das 10h00min às 13h00min)

10 - Avaliação substitutiva para aqueles que não realizaram as avaliações 1 e 2 – com justificativa (19h30min às 23h10min)

Dia 08 é término do primeiro semestre letivo e 14 de julho é a data máxima para cadastro das notas pelo professor no sistema júpiter. Entre 14 a 21 de julho período de realização da recuperação para alunos com frequência mínima de 70% e conceito entre 3,0 e 4,9.

2. Bibliografia Básica

Ayoade, J.O. Introdução a Climatologia para os trópicos. 3ª ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991. 332p. (tradução Professora Maria Juraci Zani dos Santos).

Cavalcanti, Iracema F. A.; Ferreira, Nelson J., Dias, Maria Assunção F., Justi, Maria Gertrudes A. Tempo e Clima no Brasil. (Org). Cavalcanti, et al. São Paulo: Oficina de Textos; 2009

Christopherson, Robert W. Geossistemas: uma introdução à geografia física. 7ª Ed. São Paulo: Editora Bookman, 2012.

Maruyama, S., Suguio, K. (Tradutor). Aquecimento Global? São Paulo: Oficina de textos, 2009.

Mendonça, Francisco; Danni-Oliveira, I. M. Climatologia: noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

Pereira, A.R., Sentelhas, P.C., Angelocci, L.R. Agrometeorologia: Fundamentos e aplicações práticas. Guaíba: Agropecuária, 2002. 478p.

Ribeiro, A. G. As escalas do Clima. Rio Claro, Boletim de Geografia Teorética (23), p. 288-294.

Ross, J.L.S. (Org.) Geografia do Brasil. São Paulo: EDUSP, 2001. (Didática, 3).

Sant'Anna Neto, J.L., Zavatini, J.A. (Org). Variabilidade e Mudanças Climáticas. Maringá: Eduem, 2000.

Sellers, W.D. Physical Climatology. Chicago: The University of Chicago Press, 1974. 272p.

Serafini Júnior, S.; Galvani, Emerson; Lima, Nádia G. B.; Alves, Rogério Rozolen. Adequação da escala climatológica para planos de manejo: o Parque Estadual Intervales como estudo de caso. In: Climatologia aplicada: resgate aos estudos de caso. Curitiba: Editora CRV. 2012.

Tarifa, J.R.; Azevedo, T.R. Os climas da cidade de São Paulo: teoria e prática. 2001. In: *Coleção Novos Caminhos* n.4. Departamento de Geografia, FFLCH, USP, São Paulo.

Tavares, Renato. Clima, tempo e desastres. In: Desastres naturais: conhecer para prevenir. Org. Lídia Keiko Tominaga; Jair Santoro e Rosangela Amaral. São Paulo: Instituto Geológico, 2009.

Tubelis, A., Nascimento, F. J. L. Meteorologia Descritiva. Fundamentos e Aplicações. Editora Nobel. 1980, 374p.

Varejão-Silva, M.A. Meteorologia e Climatologia. INMET: Brasília, 2000. 515p. (versão digital disponível em www.agritempo.gov.br clicar em publicações *Download* e em seguida livros).

Venturi, L.A.B. (Org.). Geografia: Prática de campo, Laboratório e Sala de aula. São Paulo: Sarandi, 2012.

Sítios recomendados: www.inmet.gov.br (entrar em climatologia), www.cptec.inpe.br; www.mar.mil.br, www.iac.sp.gov.br, <http://www.ciiagro.sp.gov.br>, www.tutitempo.net, www.cgesp.org entre outros.

O material da disciplina está disponível em www.geografia.fflch.usp.br clicando em “graduação” depois “apoio didático”.

3. A Média Final será composta de duas avaliações (AVA1 e AVA2), da média de doze listas de exercício (ML) e um relatório de trabalho de campo (RTC). Cada avaliação terá *peso* de 30%, as listas 20% e o RTC terá *peso* de 20% na média final (MF):

$$MF = (AVA1 * 0,3) + (AVA2 * 0,3) + (ML * 0,2) + (RTC * 0,2)$$

O aluno deverá optar por um dos trabalhos de campo (Campo 1 ou Campo 2). Será providenciado uma lista de interessados no campo 1 e no campo 2. O relatório de trabalho de campo deverá ser entregue, em dupla, no dia 03 de julho de 2014.

✓ André Martin
2009

PROGRAMA DE CURSO

Disciplina: FLG 0365 Geografia Política

Objetivo: Oferecer uma visão panorâmica acerca da História, objeto, temas e conceitos da Geografia Política, assim como discutir as filiações teóricas, as práticas e as consequências estratégicas e sociais das principais teorias geopolíticas. Como estudo de caso, será examinado o "pensamento geopolítico brasileiro".

Responsável: Prof. Dr. André Roberto Martin

Conteúdo

PARTE I

- 1- **Apresentação:** Geografia despolitizada e política desgeografizada: qual o maior problema?
- 2- **O que é política?:** Sentido clássico e moderno da política. A política como fenômeno social, territorial e moral. Texto de apoio: Dreifuss, R. "Realidade de Estado e prática de poder" Cap. 4 *Política, Poder, Estado e Força* Ed. Vozes, 2ª Ed. Petrópolis, 1993.
- 3- **Espaço e Poder:** Espaço, vida social e poder. Extensão e distância como base e obstáculo da comunicação. Texto de apoio: Claval, P. (1979): "Introdução", Cap. I "A sociedade e o poder" e Cap. 2 "A Geometria das formas elementares do poder" in Claval, P. (1979: *Espaço e Poder* Ed. Zahar, Rio de Janeiro.
- 4- **Espaço e poder em escala planetária:** A questão da "influência do meio" na vida política, e o peso do "fator geográfico" nas relações internacionais. Texto de apoio: Renouvin, P. e Duroselle, J.B. (1967): Cap. 1 "Os fatores geográficos" in Renouvin, P. e Duroselle, J.B. (1967) *Introdução à História das relações internacionais* Difusão Européia do Livro, S. Paulo.
- 5- **Espaço e poder em escala nacional:** A territorialidade do poder soberano. O Estado territorial como síntese da relação solo-sociedade. Textos de apoio: Ratzel, F. (1898-99) "Le Sol, la Société et l'État" in *L'Année Sociologique*, Paris pp1/14, trad. Mário Antonio Eufrásio, mimeo.
- 6- **A consciência territorial do Estado:** A política externa pensada a partir do espaço geográfico. A institucionalização da Geografia Política como saber estratégico. Texto de apoio: Costa, W.M. da (1992): Cap. II "A Geografia Política Clássica" in Costa, W.M. da (1992) *Geografia Política e Geopolítica* Ed. Hucitec/Edusp, S. Paulo.

PARTE II

- 7- **A favor e contra a Geopolítica:** As disputas ideológicas em torno da nova “disciplina”. Visão liberal e anti-liberal. O debate franco-alemão e a “solução” anglo-saxônica. Textos de apoio: Tosta, O. Cel. (1984) : “Kjéllen e o Estado Moderno” in Tosta, O Cel *Teorias geopolíticas* Bibliex, Rio de Janeiro, Ratzel, F. (1990) “IV. As leis do crescimento espacial dos Estados” in Robert Moraes, A.. C. (org.) (1990): *Ratzel* Ed. Ática, S.Paulo. ; Ancel, J. (1984) “Los métodos – Ratzel-Vidal de la Blache” in Castagnin, D. (org.) (1984): *Poder global y Geopolítica* Editorial Pleamar, B.Aires.
- 8- **As duas teorias geopolíticas:** A política mundial explicada pela Geografia. A teoria mackinderiana do poder terrestre e o conceito de *heartland*. O projeto haushoferiano das *pan-regionen*. Textos de apoio Mackinder, H.J. (1982): “El eje geográfico de la História” in Dorpalen, A. (1982): *Geopolítica en acción* Ed. Pleamar, Buenos Aires; Tosta, O.Cel. (1984) “Haushofer e a escola alemã de Geopolítica” in Tosta, O, Cel, (194) op.cit.
- 9- **Dois temas recorrentes: as “fronteiras” e a “cidade-Capital”:** A questão prática das fronteiras aprofunda o fosso teórico franco-alemão. A centralização política como política territorial. Textos de apoio: Martin, A.R. (1992): “Cap. 3 As fronteiras modernas” in Martin, A R. (1992) *Fronteiras e Nações* Ed. Contexto, S. Paulo. Vezentini, J.W. (1986): “A Capital e sua historicidade – Brasília e as analogias” in Vezentini, J.W.(1986) *A Capital da Geopolítica* Ed. Ática, S.Paulo.
- 10- **A Geopolítica durante a “guerra-fria”:** Embate geo-estratégico no Norte, problemas de geografia militar no Sul e contradições prático-teóricas do “campo marxista” em relação à Geopolítica. Textos de apoio: Mello, L.I. de (1999): “Zbigniew Brzezinski e o confronto americano-soviético” in Mello, L.I. de (1999): *Quem tem medo da Geopolítica?* Edusp/ Hucitec, S.Paulo; Chiavenato, J.J. (1981): “Introdução” e “Origens” in Chiavenato, J.J. (1981) *Geopolítica, arma do fascismo* Global Editora, S.Paulo
- 11- **A Geopolítica crítica diante do “pensamento geopolítico brasileiro”:** A geografia marxista francesa re-habilita o discurso geopolítico. Recepção brasileira permite reavaliar produção da ESG. Textos de apoio: Becker, B.K.(1988) “A Geografia e o resgate da Geopolítica” in *Revista Brasileira de Geografia* ano 50 n/ Especial 99-125; Vlach, V.R.F.(2002-3): “Estudo preliminar acerca dos geopolíticos militares brasileiros” in *Revista Terra Brasilis* n.ºs. 4 e 5 GTHPGB, Rio de Janeiro.

FLG 385 REGIONALIZAÇÃO DO ESPAÇO MUNDIAL

Curso de Geografia

1º Semestre de 2019

Semestre ideal.....: 3º Diurno 3º Noturno

Disciplina.....: Obrigatória

Pré-requisito.....: FLG 161

Carga horária semanal.....: 04

Carga horária semestral.....: 60

Prática como componente curricular- 12 horas

Créditos-aula.....: 04

n. de alunos por turma 90

Ementa: A nova ordem mundial exige uma explicitação dos processos de sua constituição e das relações econômicas, de poder, culturais e políticas que se estabelecem bem como os conflitos e articulações dele engendradas, que articulam diversas escalas geográficas, promovendo ao geógrafo (bacharelado e licenciatura) a compreensão do mundo atual.

Justificativa- O entendimento da realidade brasileira só pode ser dado pela articulação com outras escalas geográficas, e isso ocorre desde a nossa colonização, daí a compreensão da regionalização mundial hoje..

I OBJETIVOS

1. Discutir o processo de regionalização do espaço mundial segundo as articulações históricas que o determinam.
2. Fornecer subsídios para a compreensão do atual caráter universal da sociedade e do espaço para a formação básica do geógrafo (bacharelado e licenciatura)..

II CONTEÚDO

1. Região e regionalização
2. A divisão regional mundial e suas articulações históricas no processo de reprodução do mundo capitalista
 - 2.1 A hegemonia Inglesa, americana e a bipolaridade do pós guerra
 - 2.2 A divisão regional pós anos 80 do século XX
 - 2.3 A divisão regional e a nova globalização- novas alianças e conflitos espaciais na escala mundial. Novas escalas – a questão das redes
3. A questão regional e o ensino

III MÉTODOS UTILIZADOS

Aulas teóricas com discussão dialogada, seminários

Recursos Áudio visuais, de informática , entre outros.

IV ATIVIDADES DISCENTES

Leituras programadas , participação em seminários e debates, elaboração de atividades didáticas com uso de TICs para o ensino básico.

V CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Atividades avaliativas em grupos programadas.

CRONOGRAMA

Data.... ...	Conteúdo	Bibliografia básica
22.02	Apresentação do programa	Discussão do programa e levantamento inicial da questão regional
01.03	A questão regional	Lencioni, Sandra. Região e geografia. a noção de região no pensamento geográfico in CARLOS, A.F.A. (org). Novos caminhos da geografia , São Paulo : Contexto , 1999, pp. 187-205. Complementar- Lencioni, Sandra. Região e geografia . S. Paulo: Edusp,1999.

08.03	Região regionalização	HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas in Antares , n. 3, Rio de Janeiro, 2010, pp 2-24 GOLDEINSTEIN, L. e SEABRA, M. Divisão Internacional do trabalho e a nova regionalização in Revista do Departamento, 1, São Paulo: FFLCH, 1982, até 27.
15.03	Atividade avaliativa	
22.03	A hegemonia americana	Harvey, D. O novo imperialismo , São Paulo: Loyola, 2004, cap. Como o poder norte-americano se expandiu. Pp. 31 a 76
29.03	A hegemonia americana e a bipolaridade do pós guerra	Harvey, D. Condição pós-moderna, São Paulo: Loyola, 1992, parte II- A transformação político-econômica do capitalismo do final do séc. XX o fordismo e do fordismo à acumulação flexível, 115 a 184.
05.04	Divisão regional pós anos 80	Harvey, D. O enigma do capital e as crises do capitalismo . Lisboa: Bizancio, 2011, cap. 6- A geografia de tudo isso.
12.04	Cont.	Harvey, D. 17 contradições e o fim do capitalismo, São Paulo: Boitempo, 2017, cap. Desenvolvimento geográfico desigual pp139-152 e cap. Crescimento exponencial infinito. 206-227.
26.04	Atividade avaliativa	
03.05	A divisão regional e a globalização novas alianças e conflitos espaciais na escala mundial	Huntington, S. P. Choque de civilizações? In Política Externa , vol 2 n. 4, 2004 . SAVIO, R. Quem aposta no Choque de Civilizações in http://justificando.cartacapital.com.br/2016/06/15/quem-aposta-no-choque-decivilizacoes/ acesso em 16 jan/2017
10.05	A divisão regional e a globalização- novas alianças e conflitos espaciais na escala mundial	Harvey, D. 17 contradições e o fim do capitalismo, São Paulo: Boitempo, 2017, cap Perspectivas para um futuro feliz, epílogo e apêndice. Pp261-287. Santos, M. Por uma outra globalização , 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005 , Itens 29 e 30
17.05	A questão regional e o ensino na América Latina segundo Banco	Bruns , Barbara e Luque, Javier. Professores Excelentes Como melhorar a aprendizagem dos estudantes na América Latina e no Caribe. Washington, D.C.: GRUPO BANCO MUNDIAL, 2014. Até pg 53 SÃO PAULO (ESTADO). Proposta curricular do Estado de São Paulo – São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2008. disponível em http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portais/18/arquivos/Prop_GEO_COMP

	Mundial-	red md 20 03.pdf Materiais didáticos (cadernos do Estado e didáticos PNLD)
24.5	A regionalização e o ensino de geografia-articulação Mundo Brasil	BRASIL. BNCC, dez/2018, disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf acessado em 10 jan 2019. SÃO PAULO (ESTADO). Currículo do Estado de São Paulo – São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2012. disponível em http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/781.pdf acesso em jan 2018
31.05	Resistência ao processo	SÃO PAULO (ESTADO). Proposta curricular do Estado de São Paulo – São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1 ED 1986, 7 ED, 1997.
07.06	Atividade avaliativa	
14.06	Avaliação do curso /entrega de notas	
28.06	Recuperação	

Universidade de São Paulo/USP
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH
Departamento de Geografia/DG
Disciplina História do Pensamento Geográfico/HPG
Docente Manoel Fernandes de Sousa Neto
Período Primeiro Semestre de 2018

PROPOSTA DE PROGRAMA/AGENDA

[AULA 1/09 de MARÇO] [APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROGRAMA]

[AULA 2/16 de MARÇO] [GEOGRAFIA, HISTÓRIA E HISTÓRIA DA GEOGRAFIA: NOTAS DE UM BALANÇO INICIAL]

BIBLIOGRAFIA

MORAES, Antonio Carlos Robert. "Geografia, História e História da Geografia". REVISTA TERRA BRASILIIS nova série, 2013 (2000). 6p.
(journals.openedition.org/terrabrasilis/319)

SOUSA NETO, Manoel Fernandes. "A Ciência Geográfica e a Construção do Brasil." Revista Terra Livre, n. 15. São Paulo, AGB, 2000, pp. 9-20.
(www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/download/358/340)

[AULA 3/23 de MARÇO] [A ABORDAGEM CONTEXTUAL EM HISTÓRIA DA GEOGRAFIA]

BIBLIOGRAFIA

BERDOULAY, Vicent. "A Abordagem Contextual". Revista Espaço e Cultura, n. 16. Rio de Janeiro, jul/dez 2003. pp 47-56. (<http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/espacoecultura/article/view/7763/5611>)

[AULA 4/06 de ABRIL] [A CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA NA CIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO]

BIBLIOGRAFIA

LATOUR, Bruno. "Introdução: Abrindo Caixas-Pretas". In: A Ciência em Ação. São, Paulo, EdUNESP, 1997. pp. 11-38

[AULAS 5/13 de ABRIL] [A HISTÓRIA DA DISCIPLINA ESCOLAR GEOGRAFIA]

BIBLIOGRAFIA

GONÇALVES, Amanda Regina. "A Geografia Escolar como Campo de Investigação: história da disciplina e cultura escolar." Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, 2010. (17p.) (www.ub.edu/geocrit/b3w-905.htm)

[AULA 6/20 de ABRIL] [NARRATIVAS EM HISTÓRIA DA GEOGRAFIA]

BIBLIOGRAFIA

LAMEGO, Mariana. "Propósitos e Modos de se Escrever Histórias". Terra Brasilis, ns. 2013. 13p. (journals.openedition.org/terrabrasilis/617)

[AULA 7/27 de ABRIL] [AVALIAÇÃO ESCRITA]

[AULA 8/04 de MAIO] [CLÁSSICOS, REFERENTES, MITOS FUNDADORES: HUMBOLDT, RITTER, RATZEL, LA BLACHE]

[AULA 9/11 de MAIO] SEMINÁRIOS: ROTEIROS DE APRESENTAÇÃO

[AULA 10/18 de MAIO] SEMINÁRIOS TEMA 1

[AULA 11/25 de MAIO] SEMINÁRIOS TEMA 2

[AULA 12/08 de JUNHO] SEMINÁRIOS TEMA 3

[AULA 13/15 de JUNHO] SEMINÁRIOS TEMA 4

[AULA 14/22 de JUNHO] SEMINÁRIOS TEMA 5

[AULA 15/29 de JUNHO] CONFERÊNCIA SOBRE O MÉTODO REGIONAL EM VIDAL DE LA BLACHE/AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA

[AULA 16/06 de JULHO] ENTREGA DOS TRABALHOS FINAIS

FLG0132 TEORIA E MÉTODO EM GEOGRAFIA I
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
Professor: César Ricardo Simoni Santos
2º semestre de 2014
Carga horária semanal: 04
Carga horária semestral: 60
Créditos-aula: 04, Créditos-trabalho: 04

4 cópias

OBJETIVOS

O curso tem por objetivo mais geral aprofundar a reflexão sobre a origem, o posicionamento e as perspectivas de algumas das diferentes vertentes do pensamento contemporâneo que interferem no debate, nos métodos e no desenvolvimento da história recente da ciência geográfica a partir da crise dos referenciais e da inteligibilidade modernos. O aprofundamento dessa reflexão recorre à leitura de alguns textos clássicos do pensamento filosófico-científico ocidental moderno, observa o tratamento dado à constituição e à crise desse ambiente intelectual por algumas vertentes críticas do pensamento contemporâneo e percorre a experiência, a interpretação e a produção de alguns autores importantes para a ciência geográfica a fim de compreender as transformações em jogo de alguns conceitos centrais para o pensamento geográfico.

Nesses termos, o curso apresenta como objetivos de aprendizagem mais específicos:

- 1 – Compreender a constituição e a crise do sujeito moderno como elemento para o debate atual sobre a relação sujeito-objeto no campo das ciências;
- 2 – Identificar a razão como elemento estruturante da modernidade em sua relação com a formação da subjetividade, da ciência, do Estado e da história;
- 3 – Reconhecer alguns dos elementos que apontam para a crise da inteligibilidade moderna;
- 4 – Reconhecer nos aspectos críticos da inteligibilidade moderna a abertura para o reposicionamento do pensamento geográfico no âmbito da teoria social crítica;
- 5 – Identificar em diferentes vertentes do pensamento geográfico contemporâneo os elementos conquistados no curso desse período crítico;
- 6 – compreender as transformações em curso que recaem sobre conceitos estruturantes da ciência geográfica.

CRONOGRAMA

CONTEÚDO DAS AULAS

PARTE I: O PENSAMENTO CIENTÍFICO DA MODERNIDADE: GÊNESE E CRISE

Aula 1 Apresentação do curso: Do tempo ao espaço e o novo lugar da teoria geográfica

1ª parte – Imagens da “pós-modernidade”: arquitetura, artes plásticas, música e cotidiano.

2ª parte – Apresentações: a tese do curso; dinâmica e conteúdo das aulas; e instrumentos de avaliação.

Aula 2 A formação da subjetividade e a relação sujeito-objeto no campo da ciência moderna

1ª parte – Aula expositiva: o sujeito e a experiência na ciência moderna

HEIDEGGER, M. “L’Époque et les Conceptions du Monde”. In: HEIDEGGER, M. *Chemins qui ne mènent nulle part*. Paris: Gallimard, 1962. pp. 99-146.

2ª parte – Debate: Descartes e Kant: o espaço da relação sujeito-objeto e da impossibilidade de conhecimento do coisa em si (racionalismo, empirismo, fenomenologia, empirismo, Ceticismo, Dogmatismo, Fenomenologia, Ceticismo).

DESCARTES, R. “Meditações (primeira e segunda)”. In: DESCARTES, R. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1969.

Aula 3 O positivismo e a moderna filosofia da história

1ª parte – Aula expositiva: O positivismo como fundamento da moderna filosofia da história: do nascimento da filosofia burguesa antiabsolutista à dialética hegeliana.

HABERMAS, J. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. pp. 24-33; 35-41; e 54-63.

KOSSELÉCK, R. *Crítica e Crise: uma contribuição à protogênese do mundo burguês*. Rio De Janeiro: EdUERJ/Contraponto, 1999. pp. 111-121.

2ª parte – Leitura compartilhada:

*LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo: Cortez, 1994. pp. 15-32.

Aula 4 A Dialética em debate

Aula dialogada e leitura compartilhada: O alinhamento da filosofia hegeliana a sua própria classe e a crítica de Marx: a origem do movimento (Koselék) e o sentido do fim (Mészáros) em Hegel.

HORKHEIMER, M. "Teoria tradicional e teoria crítica". In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

*MESZAROS, I. *Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo/Campina: Boitempo/Edunacamp, 2002. pp. 53-72.

MARX, K. & ENGELS, F. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. São Paulo: HuacTec, 1999. pp. 21-77.

Aula 5 O Fim da História

1ª parte – Aula dialogada e leitura compartilhada: Os fins da história.

*LEFEBVRE, H. *O Fim da História*. Lisboa: Dom Quixote, 1971. pp. 11-30.

2ª parte – Debate: A crítica nietzschiana da história e da razão.

*NIETZSCHE, F. "Sobre o Pathos da Verdade". In: NIETZSCHE, F. *Cinco Prefácios para Cinco Livros não Escritos*. Rio de Janeiro: 2000. pp. 21-36.

*NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. pp. 13-23.

Aula 6 Da compressão espaço-tempo ao colapso da modernização

Aula dialogada e leitura compartilhada: O ajuste espacial e a perspectiva da regulação.

*HARVEY, D. *Acumulação Pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1994. pp. 15-68, 135-162, 175-195.

Aula 7 Crise da subjetividade e da razão modernas e as novas dinâmicas da produção do espaço

Aula dialogada e leitura compartilhada: a crise do sujeito moderno

*JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2002. pp. 52-57.

ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. "Ulisses ou Mito e Esclarecimento". In: ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. pp. 53-80.

AGLIETTA, M. *A Violência da Moeda*. São Paulo: Brasiliense, 1990. pp. 25-39.

PARTE II: UMA OBSERVAÇÃO A PARTIR DA DINÂMICA CONCEITUAL DA GEOGRAFIA

(aulas dialogadas com base nos textos de leitura obrigatória e produção escrita)

Aula 8 O nascimento da Geografia Regional: o princípio ecológico comum, a dinâmica territorial de Ratzel e o "regionalismo" de La Blache

*MERCIER, Guy. "A região e o Estado segundo Friedrich Ratzel e Paul Vidal de la Blache". In: *GEOgraphia*, Vol. 11, No 22 (2009). pp. 07-36.

LA BLACHE, P.V. "As Regiões Francesas". In: HAESBART, PEREIRA e RIBEIRO (orgs.) *Vidal, Vidaís: textos de Geografia Humana, Regional e Política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. pp. 245-276.

LENCIONI, S. *Região e Geografia*. São Paulo: Edusp, 2009.

MORAES, A.C.R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Annablume, 2007.

RATZEL, F. "O povo e seu território". In: MORAES, A.C.R. *Ratzel: geografia*. São Paulo: Ática, 1984. pp. 73-81.

Aula 9 A Geografia Regional em questão: Monbeig, um precursor

*MONBEIG, P. *Primeiros e últimos de São Paulo*. São Paulo: HuacTec/Paris, 1994.

*MONBEIG, P. "Os modos de pensar na Geografia". In: MONBEIG, P. *Novos estudos de geografia humana brasileira*. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1957. pp. 25-52.

*MONBEIG, P. "Capital e Geografia". In: MONBEIG, P. *Novos estudos de geografia humana brasileira*. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1957. pp. 2: 5-236.

*MONBEIG, P. "Os problemas da divisão regional em São Paulo". In: MONBEIG, P. *Novos estudos de geografia humana brasileira*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957. pp. 125-153.
 MONBEIG, P. "O estudo geográfico das cidades". In: *CIDADES*, v. 1, n. 2, 2004, p. 277-314.

Aula 10 A Geografia Matricial

*BENKO, G. *A Ciência Regional*. Oeiras: Celta, 1999. pp.37-63.
 CLAVAL, P. *La Nouvelle Géographie*. Paris: Puf, 1977.
 *GRIGG, David. "Regiões, modelos e classes". In: CHORLEY e HAGGETT. *Modelos integrados em Geografia*. São Paulo: Edusp, 1974. pp. 23-66.
 HAGGETT, Peter; CHORLEY, Richard, J. "Modelos, paradigmas e a Nova Geografia". In: CHORLEY e HAGGETT. *Modelos sócio-econômicos em Geografia*. São Paulo: Edusp, 1975. pp. 01-22.
 HAGGETT, Peter. "Modelos de rede em Geografia". In: CHORLEY e HAGGETT. *Modelos integrados em Geografia*. São Paulo: Edusp, 1974. pp. 156-214.
 HAMILTON, F.E. Ian. "Modelos de localização industrial". In: CHORLEY e HAGGETT. *Modelos sócio-econômicos em Geografia*. São Paulo: Edusp, 1975. pp. 178-236.
 *SANTOS, M. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, 1996 (Capítulos 4 e 5, pp. 45-66).

Aula 11 Críticas da Geografia Crítica

CASTRO, Iná E. "A região como problema para Milton Santos". In: *Escrituras da globalização e da geografia humana*, de Milton Santos. Scripta Nova: Revista eletrônica de geografia e ciências sociais, Universidade de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 60 de septiembre de 2002, <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm> (ISSN: 1198-9788).
 GOMES, Paulo César C. "O conceito de região e sua discussão". In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo César C.; CORRÊA, Roberto L. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. pp. 49-76.
 LACOSTE, Y. *A Geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*. São Paulo: Papirus, 1989. (Capítulos de "A concepção de um poderoso conceito: o território e a região" e "personagens" ao "As interações das múltiplas conjunções espaciais", inclusive).
 *SANTOS, M. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, 1996 (Cap. 1, pp. 13-26; e Capítulos 16 e 17, pp. 145-202).
 _____. "Uma discussão sobre a noção de região". In: SANTOS, M. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1997. pp. 66-70.

Aula 12 Perspectivas sobre a escala

BRANDÃO, Carlos A. "Teorias, estratégias e políticas regionais e urbanas recentes: anotações para uma agenda do desenvolvimento territorializado". In: *Revista paranaense de desenvolvimento*, Curitiba, n.107, p.57-76, jul./dez. 2004.
 *BRENNER, Neil. "Reestruturação, reescalonamento e a questão urbana". In: *Geousp – espaço e tempo*. São Paulo, N°33, pp. 188-220, 2013.
 *CASTRO, Iná E. "O problema da escala". In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo César C.; CORRÊA, Roberto L. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. pp. 117-140.
 _____. "Análise geográfica e o problema epistemológico da escala". In: *Anuário do Instituto de Geociências*. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em <http://ppageo.igc.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-97591992000100004&lng=pt&nrm=iso>
 CORREA, Roberto L. "Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais". In: *CIDADES*, v. 4, n. 6, 2007, p. 62-72.
 EGLER, Cláudio A. G. "As escalas da economia: uma introdução à dimensão territorial da crise". In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, v.53, n.3, p.229-245, jun/set. 1991.
 HARVEY, David. "Para uma teoria dos desenvolvimentos geográficos desiguais". In: HARVEY, D. *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola, 2004. pp. 107-118.
 LACOSTE, Y. *A Geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*. São Paulo: Papirus, 1989. (Capítulos de "O escamoteamento de um problema capital: a diferenciação dos níveis de análise espacial" ao "As diferentes ordens de grandeza e os diferentes níveis da análise espacial", inclusive).
 SMITH, Neil. "Contornos de uma política especializada: veículos dos sem-teto e produção da escala geográfica". In: ARANTES, Antonio A. *O espaço da diferença* (Org.). Campinas: Papirus, 2000. pp. 132-175.
 _____. "Para uma teoria do desenvolvimento desigual: a escala espacial e o vaivém do capital". In: SMITH, N. *O desenvolvimento desigual*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988. pp. 191-219.

Aula 13 A Escola da Califórnia

*LENCIONI, S. "Da Cidade e sua Região à Cidade-Região". In: SILVA, LIMA e ELIAS (orgs.) *Panorama da Geografia Brasileira*. São Paulo: Annabume, 2016. pp. 65-76.
 SCOTT, A. *Los Angeles e o mundo moderno*. Paris: L'Harmattan, 2001.
 SCOTT, A. e STORPER, M. "Regional globalization and development". *Regional Studies*, Vol. 37, 2003, pp. 478-499.
 SCOTT, A., AGNEW, J., SOYAK, E. e STORPER, M. "Global Regions: Global". In: *Espaços e Políticas: revista de geografia regional e urbana*, vol. 41, São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, 1991. ISSN 0100-5621. pp. 1-25.
 STORPER, M. e VENABLES, A. "O Burroughs: a força econômica da cidade". In: DULZ e LEMOS (orgs.) *Economia e Território*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. pp. 21-35.

Aula 14 A perspectiva lefebvriana

*CARLOS, A. "São Paulo: do capital industrial ao capital financeiro". In: CARLOS e OLIVEIRA (orgs.). *Geografias de São Paulo: a metrópole do século XX*. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 51-84.
 *DAMEANI, Amélia L. "A Propósito do Espaço e do Urbano: algumas hipóteses". *Revista Cidades*. Vol 1, No 1. pp. 79-96, 2004.

